



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
Centro de Educação e Humanidades  
Faculdade de Formação de Professores

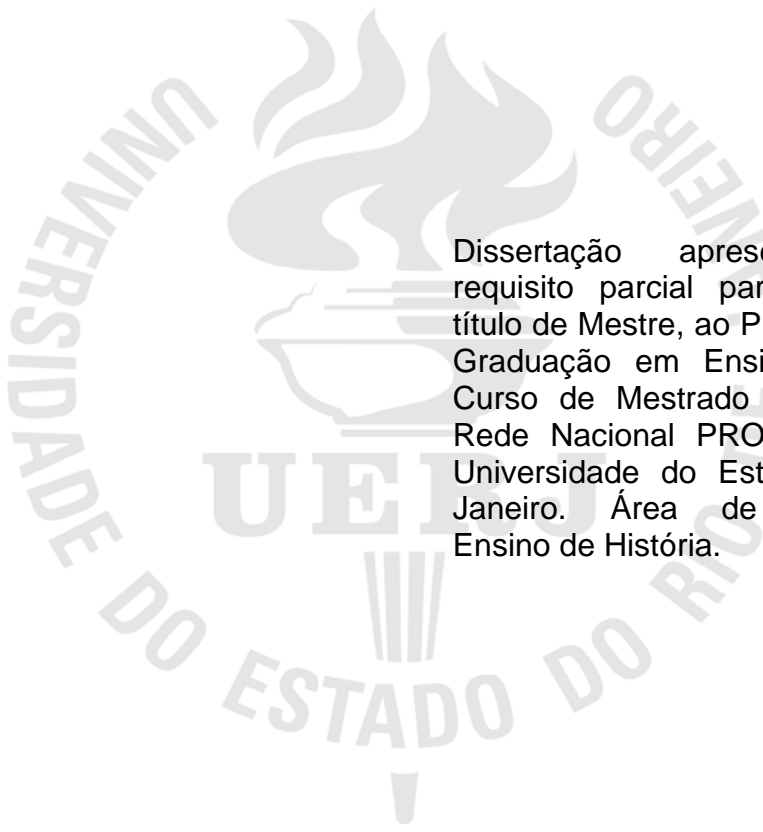
Luciano Severino Teixeira

**“E percebi que minha família estava usando cabelo afro”:  
ensino de história, cabelo crespo e racismo**

São Gonçalo  
2022

Luciano Severino Teixeira

**“E percebi que minha família estava usando cabelo afro”: ensino de história,  
cabelo crespo e racismo**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Curso de Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ensino de História.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Verena Alberti

São Gonçalo

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CEHD

T266 Teixeira, Luciano Severino.  
“E percebi que minha família estava usando cabelo afro”: ensino de história, cabelo crespo e racismo / Luciano Severino Teixeira. – 2022.  
125f.: il.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Verena Alberti.  
Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTÓRIA) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. História – Estudo e ensino – Teses. 2. Racismo – Teses. 3. Cabelo – Teses. 4. Negros – Identidade racial – Teses. I. Alberti, Verena. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CRB/7 - 4994

CDU 93(07)

Autorizo apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Luciano Severino Teixeira

**“E percebi que minha família estava usando cabelo afro”: ensino de história,  
cabelo crespo e racismo**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Curso de Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ensino de História.

Aprovada em 07 de fevereiro de 2022.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Verena Alberti (Orientadora)  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Fernanda do Nascimento Thomaz  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Carina Martins Costa  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

São Gonçalo

2022

## DEDICATÓRIA

Para minha mãe Maria Geralda Teixeira (In memoriam)  
que é a grande inspiração e exemplo de mulher preta  
que sempre com muita luta buscou concretizar seus  
sonhos.

## AGRADECIMENTOS

Escrever esse texto de agradecimento é um momento tão sonhado e de grande felicidade por conquistar mais esta etapa na vida acadêmica. Estou muito grato por ter chegado até aqui e não poderia deixar de mencionar algumas pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para essa jornada.

Em primeiro lugar agradeço a minha Mãe por ter me inserido no caminho da educação. Nunca vou esquecer as manhãs em que saíamos de casa para ir à escola onde ela trabalhava como “serviço gerais” e eu estudava, e os momentos vividos por nós dois desde a entrada no ambiente escolar até o fim das aulas, quando eu a ajudava a varrer as salas para irmos embora para casa. Foi nesse chão da escola que você, Mãe, me criou e contribuiu para eu fazer desse espaço meu lugar de trabalho e dedicação àquilo que eu mais gosto de fazer que é ensinar. Meu Obrigado com muito AMOR.

Ainda no seio familiar deixo um grande abraço a todos meus oito irmãos(ãs), meu Pai e meus sobrinhos(as) que alicerçaram essa caminhada com carinho, alegrias, força e respeito, e atritos (toda família tem rsrs), pontos essenciais para todas conquistas e vitórias. Esse Mestrado também é de vocês.

Agradeço a minha orientadora Verena Alberti que me recebeu carinhosamente desde nosso primeiro encontro. Historiadora que me inspira todos os dias pelas suas reflexões, comprometimento, espírito crítico e doçura que contribuiu muito e fizeram toda diferença em minha condução para confecção dessa dissertação. Não posso deixar de agradecer as professoras Fernanda Thomaz e Carina Martins que prontamente aceitaram fazer parte da banca de qualificação e acompanharam o trabalho até a defesa, o que é motivo de muito orgulho para mim.

Gratidão aos amigos que o Profhistória me deu de presente. Junia e Pedro, pessoas incríveis com quem pude compartilhar sorrisos, lágrimas e me aventurar pelo Rio de Janeiro como nunca fiz e que agora continuaremos, pois já levo esses dois em minha vida. Aos amigos Angela Maria, Gabriele Generoso, Patrícia Cruz, Sandro Vieira, Virna Lígia, Janaina Renk, Aline Sotte e Marcus Vinícius deixo aqui um beijo no coração de cada um, vocês deram muito sentido e ombro em todos momentos que precisei. Não posso esquecer do grupo de whatsapp terapia on line, minha sustentação na pandemia. Amo muito todos vocês!

À Escola Roberto Coelho Pedroso, local que escolhi para pensar as reflexões dessa dissertação, e toda sua equipe diretiva meu muito obrigado de coração. Aos queridos alunos e às queridas alunas que foram fonte de inspiração, esse trabalho é para todos e todas vocês.

Grato ao Sagrado, aos mais velhos, à ancestralidade, minha mãe Dandalunda que guarda a minha cabeça e a Exu que abre meus caminhos em todos os momentos, Iaroyé Exu que me guiou até aqui e a todo povo preto, um forte Axé!

Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa.

*Paulo Freire*



## RESUMO

TEIXEIRA, Luciano Severino. *“E percebi que minha família estava usando cabelo afro”*: ensino de história, cabelo crespo e racismo. 2022. 125f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022.

Podemos perceber que a sociedade brasileira contemporânea é formada por uma grande diversidade, seja ela racial, social ou cultural. Dessa forma, parte-se do pressuposto de que essa diversidade vem ou deveria vir acompanhada de igualdade entre todos os seus segmentos. Como exemplo, podemos citar a escola, um ambiente com uma multiplicidade de pessoas, em que a promoção do respeito às diferenças deveria prevalecer. Mas nem sempre as coisas acontecem dessa forma, visto que, nela, nos deparamos com casos de exclusão, preconceito e racismo para com e entre alunos, professores e funcionários. Nesse sentido, esse trabalho objetivou a concepção de um grupo de estudos com alunos(as) da Escola Roberto Coelho Pedroso, em Três Rios (RJ), que vise a pensar, através da temática do cabelo, a criação de estratégias de combate a todo tipo de preconceitos e termos pejorativos que sejam atribuídos ao cabelo crespo. O grupo de estudos pretende contribuir para uma consciência histórica e construir ferramentas para se pensar não só um ambiente escolar, mas também uma sociedade onde seja possível a promoção da igualdade racial e o combate a práticas racistas.

Palavras-chave: Ensino de história. Cabelo crespo. Racismo. Grupo de estudos Profhistória.

## ABSTRACT

TEIXEIRA, Luciano Severino. *“And I realized that my family was wearing Afro hair”*: teaching history, curly hair and racism. 2022. 125f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022.

We can see that contemporary Brazilian society is formed by a great diversity, whether racial, social or cultural. Thus, it is assumed that this diversity comes or should be accompanied by equality between all its segments. As an example, we can mention the school, an environment with a multiplicity of people, in which the promotion of respect for differences should prevail. But things don't always happen that way, since, in school, we come across cases of exclusion, prejudice and racism towards and among students, teachers and employees. In this sense, this work aimed to design a study group with students from the Roberto Coelho Pedrosa School, in Três Rios (RJ), which aims to think, through the theme of “hair”, about strategies to combat every kind of prejudices and pejorative terms that are attributed to frizzy hair. The study group intends to contribute to historical awareness and to build tools that allow thinking not only about a school environment, but also a society where the promotion of racial equality and the fight against practices are possible.

Keywords: History teaching. Frizzy hair. Racism. Study group. Profhistória.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Cantores que são referência do movimento Tombamento: Liniker (esquerda), Karol Conká (centro), Rico Dalasam (direita) .....	35
Figura 2 – Esponja de aço Krespinha lançada pela empresa Bombril .....	47
Figura 3 – Imagens do antes e depois da reforma realizada na Biblioteca Prof <sup>a</sup> Leila Molina, da Escola Estadual Roberto Coelho Pedrosa .....	57
Figura 4 – Capa do Jornal RCP em Foco .....	71
Figura 5 – Logomarca do G.R.E.S Bambas do Ritmo .....	74
Figura 6 – II Festa Cultural RCP .....	76
Figura 7 – Modelo de cartaz convite da concepção grupo de estudos .....	83
Figura 8 – Símbolos Adinkra sobre o cabelo .....	94
Figura 9 – Representações do viajante Jean-Baptiste Debret (1768-1848): “Diferentes Nações Negras” e “Escravas negras de diferentes nações” .....	95
Figura 10 – Pente quente .....	103

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
1	<b>RACISMO, REPRESENTAÇÃO E ESTÉTICA NEGRA</b> .....	21
1.1	<b>A busca pela representatividade e o respeito às estéticas negras</b> .....	29
2	<b>ALGUMAS REFLEXÕES EM TORNO DO CABELO DO AFRODESCENDENTE</b> .....	37
2.1	<b>A importância do cabelo crespo em outras civilizações</b> .....	38
2.2	<b>As implicações do cabelo crespo nas vivências de negras/negros brasileiras/os</b> .....	45
2.3	<b>A importância do cabelo para mulheres e homens negros</b> .....	52
3	<b>PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: ABORDAGENS POSSÍVEIS NO ENSINO DE HISTÓRIA</b> .....	56
4	<b>O COLÉGIO ESTADUAL ROBERTO COELHO PEDROSO E A CONCEPÇÃO DO GRUPO DE ESTUDOS SOBRE O CABELO</b> ....	68
4.1	<b>O Colégio Estadual Roberto Coelho Pedroso como espaço de reflexão das relações étnico-raciais</b> .....	70
4.2	<b>O público alvo e o espaço de encontro do grupo no ambiente escolar</b> .....	78
4.3	<b>Concepção do grupo de estudos</b> .....	80
4.3.1	<u>Estrutura e roteiro das atividades no grupo de estudos</u> .....	81
4.3.1.1	Estrutura .....	81
4.3.1.2	Roteiro das atividades no grupo de estudos .....	85
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	109
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	114
	<b>ANEXO – Projeto de Pesquisa e Intervenção</b> .....	121

## INTRODUÇÃO

A escola contemporânea no Brasil a partir do século XX vem sendo tratada não só como espaço de troca de saberes acadêmicos, mas também como meio onde se compartilham valores, tradições, crenças, preconceitos raciais, de gênero, classe e idade, entre outros (GOMES, 2002, p. 40). Pensando nesse ambiente, observamos a possibilidade de trabalhar com a comunidade escolar de forma que a interação entre seus membros possa acontecer com a finalidade de permitir trocas culturais, mas também de combater toda e qualquer forma de discriminação, preconceito ou racismo.

Olhar para a escola como espaço rico para a promoção da igualdade racial surgiu em minha vida quando eu iniciei um curso de pós-graduação em História e Cultura Afro-brasileira e Africana: educação para as relações étnico raciais, promovido pelo NEAB (Núcleo de Estudos Afro-brasileiros) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) no ano de 2011, universidade onde também concluí minha graduação em História, em 2004.

A partir desse curso, a temática de se repensar memórias e identidades dos afrodescendentes no ambiente escolar enfocando a representatividade e o cabelo negro começou a ser vista por mim não só como uma poderosa forma de colocar os negros e as negras no papel de protagonistas da sua história, mas também de criação de estratégias de combate ao racismo na escola e na sociedade de um modo em geral.

Escolher o cabelo e a imagem do negro como temática deve-se ao fato de, em vários momentos, esses dois elementos de constituição identitária dos afrodescendentes serem tratados como objetos de inferiorização do negro.

Antes mesmo de pensar cabelo e corpo como objetos contribuintes de uma ressignificação de identidades de forma positiva no ambiente escolar, a temática já batia à minha porta no próprio seio familiar. Meu trabalho de conclusão do curso acima referido, promovido pelo NEAB da UFJF e concluído em 2012, tinha como proposta trabalhar memória e identidade dentro de sala de aula utilizando um objeto conhecido como pente quente.

O pente quente foi um instrumento muito usado no Brasil para alisar e modelar cabelos de mulheres negras em sua maioria. Sou negro, professor de

História da rede pública estadual no estado do Rio de Janeiro, especializado em história e cultura afro brasileira, e, na minha casa, as mulheres tiveram uma longa experiência com o pente quente. Lembro-me das tardes de fim de semana quando minha mãe colocava o pente para esquentar para ajeitar o “Black” dela e de minhas irmãs.

Além da experiência caseira, lembro-me de que tive contato com o pente quente no curso de especialização da UFJF: em uma das aulas, a professora Carina Martins comentou ter participado de uma mesa redonda onde uma das integrantes falava sobre o pente quente. Neste momento relembrei de minha infância e de minhas irmãs “arrumando” o cabelo para sair.

A partir daí, comecei a pensar no poder que o pente quente teve de me transportar ao passado, trazendo lembranças que, para mim, eram engraçadas, como os gritinhos de “ai, ai, ai”, quando o pente queimava a orelha de alguém, e também do sofrimento que minhas irmãs passavam para modelar o cabelo, mas, ao mesmo tempo, lembro-me do sorriso largo e das caras de alegria delas depois que o cabelo estava pronto: parecia tudo ter valido a pena.

Neste exercício de “volta” ao passado lembrei também de um poema de Cuti, que conheci no módulo de literatura africana do mesmo curso e que falava sobre o ferro, extraído da dissertação de mestrado de OLIVEIRA (2007, p. 164):

“Primeiro o ferro marca  
a violência nas costas  
Depois o ferro alisa  
a vergonha nos cabelos  
Na verdade o que se precisa  
é jogar o ferro fora  
e quebrar todos os elos  
dessa corrente de desesperos” (CUTI, 1982, p.51 apud, OLIVEIRA, 2007)<sup>1</sup>

O poema acima nos permite pensar sobre a relação de tempo passado e o tempo presente proposta pelo autor. No passado, as relações de sofrimento vividas

---

<sup>1</sup> “Um dos mais destacados intelectuais negros contemporâneos – poeta, ficcionista, dramaturgo e ensaísta – Cuti, pseudônimo de Luiz Silva, nasceu na cidade de Ourinhos, São Paulo, em 31 de outubro de 1951. Formou-se em Letras pela USP em 1980. É Mestre e Doutor em Letras pela UNICAMP, tendo defendido dissertação sobre a obra de Cruz e Sousa, em 1999, e tese sobre Cruz e Sousa e Lima Barreto, em 2005. Militante da causa negra, é um dos fundadores e mantenedores da série Cadernos Negros, a qual dirigiu entre 1978 e 1993. É, também, um dos fundadores da ONG Quilombohoje Literatura, além de membro atuante entre os anos de 1983 e 1994.” **LITEAFRO**, portal da literatura afro-brasileira, 2020. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autores/212-cut>> Disponível em: <<https://www.cuti.com.br/autordadosbiograficos>> Acessado em: 21. Jul.2020.

por negros através dos castigos e açoites do ferro em seus corpos, e, no presente, as dores causadas pelo ferro (pente quente) em mulheres negras principalmente em suas vivências com o tratar o cabelo crespo.

Partindo dessa relação de passado e presente, analisaremos o ferro em outro contexto. Esse ferro agora, chamado de pente quente, se transformou em objeto de estudo para refletir sobre as memórias e identidades de afrodescendentes no contexto de sala de aula, se relacionando ao cabelo crespo sendo valorizado positivamente e que isso contribua para uma convivência entre os membros da escola com respeito às diferenças.

Além do mais, com o exercício de pensar a ancestralidade do negro através do cabelo crespo, objetivamos evidenciar esse último como símbolo de importância no processo de valorização e representação da população negra brasileira. Tendo em vista o que foi exposto, este trabalho objetiva conceber um grupo de estudos, ou seja, a elaboração de uma proposta que não será colocada em prática, mas que possa ser usada como sugestão para se refletir sobre o cabelo do e da afrodescendente e sobre situações de racismo que se evidenciam no ambiente escolar.

Como justificativa para se trabalhar o tema proposto nessa dissertação, parto de minha vivência com essa temática ao longo dos anos atuando como professor de história do ensino fundamental e médio nas cidades de Três Rios (RJ) e de Juiz de Fora (MG), onde também trabalho. Nesses anos de exercício da docência venho me deparando com várias situações em que manifestações de algumas pessoas – professores, alunos, funcionários, entre outros –, ao se referirem às características físicas dos afrodescendentes, expressam preconceito; são situações carregadas de efeitos negativos, contribuindo, em alguns momentos, para a efetivação de práticas racistas não só na escola, mas também em outros contextos sociais, como a família, o bairro, os veículos de comunicação (televisão, internet) e as várias mídias em geral.

Dentre várias situações, uma em específico me chamou a atenção no ambiente escolar com relação aos preconceitos direcionados ao cabelo crespo. A situação aconteceu quando eu era professor contratado em uma escola na cidade de Juiz de Fora, MG, onde ministrava aulas para turmas de aceleração no programa chamado “Tempo de aprender – TA”. Após uma conversa informal com os alunos em agosto de 2019, eles me perguntaram sobre o que era o mestrado e o que eu

estudava. Nesse momento parei minha aula para explicar de forma bem simples o que eu queria estudar e qual era o tema de meu projeto: conceber uma proposta de grupo de estudos no Colégio Roberto Coelho Pedroso, em Três Rios, município do Rio de Janeiro, onde sou professor efetivo, que possibilitasse a criação de estratégias e planejamento de ações visando refletir sobre o cabelo do (a) afrodescendente e toda forma de discriminação em torno dele.

Dias depois, entrei em sala, dei minha aula normalmente e, ao final, recebi de um aluno uma carta que ele escreveu para mim. Perguntei logo do que se tratava e ele prontamente me respondeu que era sobre o seu cabelo. Peguei a carta e levei para casa para ler depois. Ao realizar a leitura da carta me senti motivado com todo o seu conteúdo, mas em especial com a seguinte frase: “E percebi que minha família estava usando cabelo afro.”

Para melhor compreensão da frase, acho necessário compartilhar, nessa dissertação, todo o conteúdo da carta escrita pelo aluno, que aqui chamarei Manoel e que intitula a carta da seguinte forma: “...Wakanda para sempre! Meu cabelo”.<sup>2</sup>

Olá meu nome é Manoel, tenho 16 anos. Vamos falar sobre meu cabelo. Antigamente eu era careca, mas o tempo foi passando e decidi deixar o cabelo crescer por influências.

Tudo começou quando meu irmão deixou o cabelo dele crescer, no começo eu não queria deixar o meu cabelo crescer, então eu só usava o corte “disfarçado”, pensava que o cabelo grande ia ficar feio em mim.

Ao longo do tempo minha mãe deixou o cabelo dela diferente e o cabelo do meu irmão estava muito grande, achei muito bonito, assisti um filme que se chama Pantera Negra, é até da Marvel, esse herói é negro, ele morava na África, Wakanda. Vi vários cabelos diferentes e achei magnífico! E percebi que minha família estava usando cabelo afro.

Dali para frente comecei a deixar meu cabelo crescer e várias pessoas me elogiaram, infelizmente sempre tem pessoas que te criticam. Eu sou evangélico e algumas pessoas da minha igreja me julgam muito por causa de cabelo grande. Eu postei uma foto nos status e uma pessoa da minha igreja me mandou um áudio falando pra eu cortar o cabelo que estava muito feio e etc... Confesso para você que saíram lágrimas dos meus olhos de tristeza e de raiva... Mas isso já passou, ninguém vai me obrigar a cortar o cabelo. Algumas pessoas não entendem que esse estilo que tenho faz parte de meu sangue, sou negro e tenho cabelo de negro, quem achar feio e me criticar nem vou ligar “afro para sempre”!

A frase do aluno Manoel me chamou muito a atenção. Nela pode-se perceber que o uso do cabelo na estrutura familiar é de grande importância para ele: um

---

<sup>2</sup> A palavra Wakanda é oriunda do filme Pantera Negra, exibido nos cinemas mundiais em 2018. Wakanda é, no filme, o nome de um país fictício localizado na África subsaariana, a nação mais evoluída do mundo tanto social, quanto tecnologicamente, e é retratado em histórias publicadas pela Marvel Comics.



elemento de marca identitária coletivo de que tinha orgulho de falar e mostrar, fato que o levou a deixar o seu cabelo crescer independente das possíveis críticas que viesse a receber, como o próprio relatou na carta.

Tudo isso nos leva a pensar na necessidade de mudanças ao se tratar as relações raciais no cotidiano e, principalmente, na escola, coisa que já vem acontecendo com os avanços propostos com as lutas do movimento negro, a implantação da Lei 10.639/2003 e todas as políticas que envolvem a luta antirracista, ou seja, luta que vise combater o racismo e todas as formas de discriminações com políticas públicas e práticas efetivas, sejam elas na escola, na família, na sociedade como um todo.

Dar continuidade a essas mudanças é um exercício constante e é nessa proposta que se situa esse trabalho, com a intenção de se posicionar favorável à democratização das relações sociais e ao fim da desigualdade racial (SANTOS, G, 2009, p.82).

Como expectativa de ensino tem-se por objetivo a constituição de um grupo de estudos com alunos do Colégio Estadual Roberto Coelho Pedrosa, em Três Rios, RJ. As ações que fazem parte da concepção desse grupo de estudos terão o propósito de refletir, através do cabelo, sobre as identidades dos grupos envolvidos, tendo em vista as várias formas de cortes, penteados, tonalidades, entre outros, utilizados pelos alunos e professores, e também trazer à tona a discussão da temática racial, muitas vezes silenciada dentro do ambiente escolar.

Essas reflexões ganharão forma, quando colocadas em prática por quaisquer pessoas que se interessarem pela temática, através de sugestões de atividades que possam auxiliar alunos e alunas a lidarem com seus próprios cabelos e a respeitarem os cabelos de outros alunos, sejam eles afro ou não. Sugerimos estratégias de valorização do cabelo, examinando-o em outras culturas, como, por exemplo, em sociedades africanas, construindo, assim, ferramentas para se pensar uma sociedade onde seja possível a promoção da igualdade racial e o combate a práticas racistas.

Partimos das experiências dos próprios sujeitos, ou seja, dos alunos e das alunas, sendo esses pensados de forma plural, pois a sala de aula não é um ambiente com identidades fixas e definidas, muito pelo contrário, nela existem pessoas com várias cores, vários gostos, vários cortes de cabelo. Dessa forma, as

identidades pensadas neste trabalho não são estáticas e são analisadas de múltiplas maneiras.

No entanto, cabe ressaltar que pensar racismo no Brasil se direciona em pensar sujeitos negros e negras que sofrem com ataques diários, que, desde a deportação de africanos e africanas escravizados, resistem de várias formas ao processo escravista e que ainda buscam na contemporaneidade várias estratégias de mobilização para combater o racismo. Segundo Eric Brasil, “os sujeitos negros são plurais e suas identidades são construídas de múltiplas maneiras, dialogando, negociando, formando alianças, se opondo a também vários interlocutores sociais”. (BRASIL, 2018, p. 298).

Cabe lembrar as pesquisas realizadas por Nilma Lino Gomes sobre a importância do corpo e do cabelo crespo na formação identitária do afrodescendente, e os espaços analisados por ela, que são os salões étnicos, como de grande importância para se valorizar a beleza de negros e negras rompendo com padrões de beleza impostos pela branquitude (GOMES, 2008). As pesquisas de Nilma Lino Gomes nos inspiram a levar essas reflexões relativas ao cabelo crespo para outros espaços que não sejam os salões étnicos, mas também para o ambiente escolar.

Sendo assim, entendemos que a escola e o grupo de estudos sobre o cabelo do afrodescendente e o combate ao racismo na escola possam ser também uma estratégia relevante para repensar a história através de suas relações de mudanças e permanências que possam levar alunos e alunas a utilizarem suas vivências como instrumento de luta, combate à invisibilidade e promoção da igualdade racial. Com o ensino de história, essas relações podem se tornar possíveis.

A utilização do ensino de história parte da perspectiva de criar estratégias que possibilitem a problematização de temas que são evitados no contexto escolar como o racismo, a representatividade de negros e negras e seus cabelos na sociedade brasileira, no fazer história partindo da realidade de grupos que ainda são invisibilizados nos currículos escolares, mesmo que, a partir das leis 10.639/2003 e 11.645/2008, isso venha ganhando novas formas de se pensar a afrodescendência no ensino de história.

Nessa proposta de trabalho, o ensino de história e suas metodologias são atualizados na reflexão sobre o objeto de estudo, o cabelo crespo e o racismo no ambiente escolar, e no uso de fontes que aproximem os alunos do que é estudado.

Dessa forma, estaremos contribuindo para uma mudança de olhar sobre como negro foi representado em diferentes construções históricas e, ao mesmo tempo, como ele é visto na atualidade, o que promove um exercício onde alunos e alunas, negros ou não, possam refletir sobre a relação existente entre passado e presente.

Essa relação evidencia a desumanização imposta a negros e negras, fruto do colonialismo e do escravismo, e que deixou de herança o racismo em nossa sociedade, mas também a luta de todos os movimentos sociais da atualidade que atuam nas comunidades religiosas, quilombolas e outras, e que muitas vezes usam a internet como veículo de promoção da igualdade racial.

Partimos do conceito de representação social na situação educacional evidenciado por Circe Bittencourt. Segundo a autora,

“[...] o fundamental é identificar os conhecimentos adquiridos pela experiência de vida, pela mídia, etc. que sejam solidamente enraizados, porque são uma construção pela qual o jovem ou a criança se apropriam do real, tornando-o inteligível”. (BITTENCOURT, 2009, p. 236)

A partir dessas representações sociais buscamos inserir o aluno no processo de ensino-aprendizagem através das aulas de história, onde esses alunos possam perceber, através das propostas de atividades concebidas para o grupo de estudos, as lutas de negros e negras contra o racismo e por mais representatividade, lutas que passam pela aceitação dos seus cabelos e das manipulações a ele atribuídas, de forma que sejam respeitadas na sociedade brasileira.

Também analisamos como a estética de negros e negras no decorrer do tempo vem sendo tratada, como em outras civilizações o cabelo crespo era objeto de empoderamento e status, e buscamos motivar os alunos e as alunas a refletirem sobre seus cabelos e o cabelo do outro através de suas vivências familiares, escolares e até mesmo profissionais. Tais propostas fazem parte de um conjunto de estratégias criadas com essa dissertação e que objetiva o protagonismo de alunos e alunas no processo de ensino aprendizagem.

Dessa forma, buscamos desconstruir, através do ensino de história, a negatividade atribuída ao negro e a seu corpo presentes no ambiente escolar e também fora dele, utilizando das representações sociais para identificar mudanças que contribuam para vivências que não reforcem a negatividade e a marginalização de negros e negras.

Propomos o trabalho com recursos que são de fácil acesso, como sites, blogs, vídeos de internet, textos e entrevistas de pessoas negras, com suas vivências positivas e negativas relacionadas ao cabelo crespo. Além disso, buscamos práticas pedagógicas realizadas no Colégio Estadual Roberto Coelho Pedroso, como o Café com História e a Noite da Beleza Negra, e, com isso, enfatizar como a escola já se preocupa com a valorização de uma educação para as relações étnico-raciais, e essa dissertação vem com o intuito de ampliar essa discussão no ambiente escolar.

Nesse sentido, o ensino de história foi a ferramenta escolhida para buscar ressignificar, no tempo passado e presente, seus usos, ou seja, ensinar história de forma que a leitura através dos tempos possa se desvincular de uma visão onde só um grupo seja o narrador, o branco, mas que dê possibilidades para outros olhares e falas, principalmente daqueles atores sociais que não estiveram em um lugar de destaque, como negos e indígenas.

Essa dissertação está estruturada em quatro capítulos. No primeiro, nos preocupamos em discutir a relação entre racismo, representação e estética, e a forma pela qual, em geral, se impõem regras a corpos negros, estabelecendo condutas a serem seguidas, o que contribui para o reforço das imagens de pessoas pretas sempre relacionadas a coisas negativas, como a criminalidade, a violência e a prática de hábitos inadequados, se comparado ao que é visto, no imaginário social, como belo e limpo. O exemplo a ser seguido, com certeza, não é ser negro nesse Brasil racista.

Evidenciamos também que, mesmo tratados de formas racistas em ambientes sociais, negros e negras traçam suas estratégias na busca de ocupação de espaços, na busca por visibilidade e respeito às estéticas negras, por meio de movimentos que se utilizam de redes sociais, como plataformas de promoção da beleza negra e empoderamento, como forma de quebrar padrões que inferiorizam a negritude. É o caso, por exemplo, das ações da blogueira Gabi Oliveira e do Movimento Tombamento.

No Capítulo 2 buscamos refletir sobre a importância do cabelo do afrodescendente para sua construção enquanto sujeito histórico. A importância dessa marca identitária da negritude, que, em contextos históricos como os de civilizações africanas da Antiguidade, se percebe valorizada, no Brasil

contemporâneo ainda é alvo de racismo, preconceito e discriminação, herança do processo colonial e da escravização.

Nesse capítulo procuramos também trazer uma reflexão em torno do uso de manipulações que envolvam o cabelo de homens negros em suas construções pessoais. Sabemos que mulheres negras enfrentam muito mais dificuldade com relação a seus cabelos crespos e suas manipulações; entretanto, o elo de ligação entre negros e negras em suas vivências com o cabelo é o racismo sofrido por ambos os gêneros.

Além do mais, como a presente dissertação tem como objetivo a concepção de um grupo de estudos no ambiente escolar, que, na maioria das escolas brasileiras, é composto tanto por meninas quanto por meninos, é fundamental termos um olhar atento para todos os sujeitos que possam participar do grupo, independente de cor, orientação sexual, textura do cabelo, entre outros, e fazer uso político do cabelo como bandeira de luta antirracista.

Já no Capítulo 3 trazemos algumas reflexões de abordagens possíveis para o ensino de história no que diz respeito à educação para as relações étnico-raciais. Partimos de duas vivências no ambiente escolar – a primeira, uma “exposição” criada por funcionários da biblioteca do Colégio Estadual Roberto Coelho Pedrosa com personalidades da literatura nacional, e a segunda, um material produzido por uma professora da escola que traz temas importantes e necessários que geralmente não integram o ambiente escolar, como as religiões de matriz africana e as mulheres negras como protagonistas em suas histórias de resistência contra a escravidão e o racismo.

Assim, foi possível perceber o quanto é importante, no ensino de história, práticas pedagógicas que sejam elaboradas de forma coletiva com outras disciplinas e com outros segmentos da escola que busquem pensar e até mesmo resolver questões provenientes do passado histórico, como o racismo, que é evidenciado constantemente em nossa sociedade.

Por último, no Capítulo 4 esquematizamos as possibilidades de ações dentro da concepção do grupo de estudos sobre o cabelo do afrodescendente quando colocado em prática. Apresentamos propostas de atividades variadas relacionadas ao cabelo crespo de negros e negras e às vivências de sujeitos com relação a seus cabelos através de vídeos, textos, documentários como estratégias que possam incidir sobre o ambiente escolar, mostrando a necessidade de se colocar em

evidência questões sensíveis geralmente silenciadas, como o racismo, como forma de estratégia de combate e de luta antirracista na escola Roberto Coelho Pedroso, assim como em muitas outras do país.

## 1 RACISMO, REPRESENTAÇÃO E ESTÉTICA NEGRA

Século XXI, e ainda se faz atual a famosa frase da música de Elza Soares<sup>3</sup>: “A carne mais barata do mercado é a carne negra.” Temos um retrato de um Brasil que mata, inferioriza, que violenta de várias formas em especial mulheres, crianças e homens pretos, não só fisicamente, mas psicologicamente. Tudo isso tomando como ponto de referência uma ideologia racista que destrói a identidade do sujeito negro. (SOUZA, 1983, p. 3.).

Quantas vezes meninos e meninas negras, ao saírem de casa, são alertados por seus familiares sobre a forma com que se devem se comportar em espaços sociais, sempre tomando cuidado ao abrirem bolsas dentro de lojas, não andar correndo para não chamar atenção, exigindo sempre uma postura que se adeque a padrões de comportamento social.

Também é comum no ambiente familiar ouvir frases que se direcionam aos cuidados com o corpo, como: “não se esqueça de passar creme nas pernas para tirar o russo”, fazendo referência ao ressecamento da pele negra que fica cinzenta na falta de hidratação; “escova bastante o cabelo para abaixar a ‘tocha’ e não se esqueça de untar com vaselina para dar brilho”, alertando para o fato de que o cabelo alisado, baixo ou curto é mais aceito na sociedade.

As frases descritas anteriormente fazem parte de minhas vivências familiares e eram ditas por meus pais, mas podem ser ouvidas em outras histórias de vidas de negros e negras brasileiros em suas criações. Todas essas orientações tinham a intenção de proteger; no entanto, fazem parte de um sistema maior que nos condiciona a controlar gestos, falas, posturas e que é fruto do racismo sistêmico presente em nossa sociedade.

Negros e negras são frequentemente colocados na condição de suspeitos por algo ruim. Podemos citar um caso recente que ganhou repercussão nacional: a acusação feita por um casal branco a um jovem negro, Matheus Nunes Ribeiro, instrutor de surf e morador da comunidade da Maré por um roubo de uma bicicleta

---

<sup>3</sup> “Elza Soares é uma cantora nascida em 1930. Com um estilo próprio, e famosa pela voz rouca, Elza é um dos maiores nomes da música popular brasileira.” Disponível em: < [https://www.ebiografia.com/elza\\_soares/](https://www.ebiografia.com/elza_soares/) > Acessado em 21 de Out. 2021.

elétrica no bairro Leblon, na cidade do Rio de Janeiro.<sup>4</sup> Entretanto, depois de investigações policiais, o autor do roubo foi preso: um homem branco, loiro e morador do bairro de Botafogo, na mesma cidade.

De acordo com Silvio Almeida (2019),

[...] o racismo, como processo histórico e político, cria condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistêmica. Ainda que indivíduos que cometam atos racistas sejam responsabilizados, o olhar estrutural sobre as relações raciais nos leva a concluir que a responsabilização jurídica não é suficiente para que a sociedade deixe de ser uma máquina de desigualdade racial. (ALMEIDA, 2019, p. 51)

A citação de Almeida (2019) nos ajuda a entender o desfecho do caso de roubo da bicicleta, onde o verdadeiro ladrão foi preso e, segundo a delegada do caso, não houve quaisquer indícios de crime de racismo da parte do casal branco, ao acusar Matheus indevidamente pelo roubo da bicicleta elétrica<sup>5</sup>. Essa situação escancara a falta de entendimento por parte de alguns agentes do poder público, a exemplo da delegada, para fato de que o racismo opera de forma consciente e inconsciente nas atitudes de quem o pratica.

Também podemos perceber a falta de sensibilidade de se colocar no lugar do outro, ou seja, de Matheus, e compreender que ele, no momento da acusação, foi colocado num lugar negativo e objetificado, não sendo considerados os possíveis danos psicológicos causados pela situação vivida. Não escutar negros, negar suas subjetividades assim como seus relatos de opressão de inferiorização e suas denúncias tem sido uma das estratégias para manter uma hegemonia branca, e isso faz parte do racismo. (KILOMBA, 2019, p. 123)

Situações como essas nos ajudam a identificar como corpos negros são vistos e tratados nos espaços sociais. A falta de liberdade de ir e vir mostra-se evidente no caso de acusação de roubo da bicicleta; o julgamento estético do corpo negro se mostra de forma clara e denuncia as tensões raciais vividas no Brasil. Isso mostra uma das nuances do racismo, que é privar a liberdade de expressão de

---

<sup>4</sup> Disponível em: < <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/06/17/policia-prende-suspeito-de-furto-de-bicicleta-eletrica-que-motivou-abordagem-a-jovem-negro-no-rio.ghtml> > Acessado em 20 de Jun. 2021.

<sup>5</sup> Disponível em: < <https://extra.globo.com/casos-de-policia/se-eu-fosse-branco-nao-seria-abordado-de-tal-forma-diz-jovem-negro-acusado-em-falso-de-roubar-bicicleta-no-leblon-25063209.html> > Acessado em 20 de Jun. 2021.



negros e negras, fato oriundo de um passado de colonização e escravização e seus reflexos ainda se fazem presentes até os dias atuais.

O ensino de história no Brasil, em alguns momentos, fez o papel de esconder os conflitos raciais presentes nela. A presença do negro e do indígena nos temas abordados em sala de aula, em vários momentos, apresentava-se marginalizada; ou seja, ambos eram e ainda são retratados, na maioria das vezes, como atores sociais coadjuvantes, e os brancos é que ganham os papéis principais de protagonistas nas narrativas históricas.

A partir do final do século XIX e início do século XX, o ideal de mestiçagem passa a ser utilizado para compreender a questão racial no Brasil e discutir a possibilidade de uma identidade nacional. Esse ideal de mestiçagem ganha força a partir do século XX, quando o sociólogo Gilberto Freyre se debruça a pensar a sociedade brasileira a partir do que ficou conhecido como mito da democracia racial, ou seja, a ideia de que a sociedade se constituiu de três raças – o branco, o indígena e o negro – e dessa mistura sairia uma herança cultural homogênea e a questão racial não seria um problema. (MUNANGA, 1999, p. 80)

O mito da democracia racial para se pensar a sociedade brasileira está presente até hoje no imaginário social do país. Percebe-se que algumas pessoas ainda usam o mito para afirmar que não existe racismo no Brasil e que existe um tratamento igualitário das raças no que diz respeito às oportunidades sociais e econômicas, o que não é verdade – por isso, a ideia de mito. A pluralidade racial pensada dessa forma, em muitos casos, impossibilita o estudo da sociedade partindo da representação dos brancos, negros e indígenas com a mesma importância, visto que os dois últimos permanecem sendo tratados na subalternidade.

As construções raciais e o conceito de raça, mesmo esse já desconstruído por teorias científicas que comprovam a existência de uma única raça, a humana, ainda são usados como instrumento para designar inferioridade, subalternidade do negro se comparado com o branco, como nos alertam Almeida (2019) e Souza (1983), e utilizados para definir espaços de opressão segregados que marginalizam negros e dificultam a equidade entre grupos.

O uso político do termo “raça”, quando usado no sentido biológico, para justificar que todos somos iguais, ainda permite situações que só afirmam e dão sustentação a práticas racistas. Juntam-se a isso os estereótipos atribuídos aos

negros devido ao seu tom de pele escuro, ao seu cabelo crespo, ao seu nariz alargado, todos traços identificados na negritude e que são utilizados por pessoas racistas ao se referirem a negros e negras de forma pejorativa.

Todas essas formas racistas direcionadas a negros/as em seu cotidiano são evidenciados desde muito cedo, como nos alerta Gomes (2008),

Se antes a aparência da criança negra com sua cabeleira crespa, solta e despenteada era algo comum entre a vizinhança e os coleguinhas negros, com a entrada na escola essa situação muda. A escola impõe padrões de currículo, de conhecimento, de comportamentos e, também, de estética. Para estar dentro da escola, é preciso se apresentar fisicamente dentro de um padrão, uniformizar-se. A exigência de cuidar da aparência é reiterada, e os argumentos para tal nem sempre apresentam um conteúdo racial explícito. Muitas vezes esse conteúdo é mascarado pelo apelo às normas e aos preceitos higienistas. Existe, no interior do espaço escolar, determinada representação do que é ser negro, presente nos livros didáticos, nas relações pedagógicas, nos cartazes afixados nos murais da escola, nas relações professor/a e aluno/as entre si. Na maioria das vezes, a questão racial existe na escola através da sua ausência e do silenciamento. (GOMES, 2008, p. 186-187)

Essa perversidade vivenciada com o racismo e suas práticas está cada vez mais no nosso cotidiano e, segundo Kilomba (2019), é sua característica a diferenciação das pessoas negras, sendo que estas são também inferiorizadas e ainda não têm acesso às estruturas de poder que englobem as esferas econômica, política e social, pois negros/as ainda são condicionados/as à hegemonia e a padrões de um grupo específico, o branco.

Essa diferenciação, inferiorização e falta de acesso são intensificadas quando os padrões estéticos impostos pelo ideal eurocêntrico de beleza reforçam os julgamentos feitos a corpos negros desde a infância, iniciando-se na família, intensificando-se nos contatos iniciais com a escola e chegando à vida adulta, na qual o enquadramento a posturas criadas por brancos levam à padronização de condutas e à negação da negritude.

Essa negação pode ser desconstruída ao se trazer a escola como palco de grande importância e necessário para se discutir a questão racial, visto que, nela, negros e negras deixam seu meio de criação para ir conviver com outras pessoas que não estão ligadas a sua familiaridade, onde não estão resguardados de situações discriminatórias, mais comuns fora daquele ambiente, o que não quer dizer que não possam nele acontecer, mas que em várias circunstâncias são tratadas com mais afetividade.

Afetividade essa que muitas vezes não observamos nas redes sociais, onde os ataques racistas são constantes e avançam reforçando o ódio virtual, segundo Cavalleiro (2000). Ódio esse que atinge principalmente mulheres negras e a sua estética, de modo que, como nos indica Nilma Lino Gomes, “até mesmo hoje, depois de adultas, as mulheres negras continuam enfrentando um verdadeiro ‘patrulhamento ideológico’ em relação à sua estética”. (GOMES, 2003, p. 176).

Podemos exemplificar essas situações de patrulhamento ideológico ao pensar nas críticas que recebem mulheres negras ao alisarem ou ao deixarem o cabelo natural, ou seja, crespo. Na primeira situação, onde se opta por alisar, negros e negras são questionados que não estão mantendo seus cabelos naturais e, assim, negando suas origens étnicas. Já no segundo caso, onde a opção é deixar o cabelo natural, recebem críticas com relação ao volume, à textura e, em alguns casos, têm seus cabelos relacionados a cabelos sujos ou não cuidados. (PIRES, 2015, p. 82).

As críticas e muitas vezes situações de racismo para com o cabelo do afrodescendente nos ajudam a compreender que a questão é bem maior, e passa pelo rompimento de padrões determinados por outras pessoas – nesse caso, pessoas brancas que utilizam do racismo para privar a liberdade de negros/a em usarem o cabelo da forma que quiserem.

Parece, portanto, que o trauma de pessoas negras provém não apenas de eventos de base familiar, como a psicanálise argumenta, mas sim do traumatizante contato com a violenta barbaridade do mundo branco, que é a irracionalidade do racismo que nos coloca sempre como a/o “Outra/o”, como diferente, como incompatível, como conflitante, como estranha/o e incomum. (KILOMBA, 2019, p. 40).

Esse trauma se evidencia na situação vivida por Camilla de Lucas, ex-participante do BBB21, quando foi criticada em suas redes sociais por defender e elogiar o cabelo black power de seu companheiro de programa João Luiz. No entanto, Camilla não usa o seu cabelo natural, mas usa e abusa das perucas, dos apliques e dos alisados em seu dia a dia – esse foi o motivo usado para criticá-la (seu cabelo alisado).

O episódio foi descrito numa reportagem do jornal *O Estado de S. Paulo*, do dia 24 de junho de 2021, com o título “Camilla de Lucas expõe ataques por usar cabelo liso: 'Me deixem em paz'”, e ganhou destaque nos meios de comunicação do Brasil. Para melhor entendimento, colocaremos abaixo um trecho da fala de Camilla

de Lucas em suas redes sociais desabafando em relação aos comentários racistas por ela sofridos.

Mulheres brancas que fazem transição nunca são questionadas pra mostrar o cacho. Mulheres negras, sempre surge um fiscal pra perguntar quando vai mostrar o black. Eu uso lace antes, vou usar durante e até quando eu quiser. Isso não tá associado a vergonha capilar. Se informem!<sup>6</sup>

A fala de Camilla de Lucas em suas redes sociais na citação acima nos revela o que Grada Kilomba (2019) nos alerta: que se faz necessário uma desvinculação de um projeto de silenciamento que se manifesta no racismo, pois, quando não temos a possibilidade de falar, expressar sobre o que sentimos sobre determinados assuntos, ficamos sem lugar de pertencimento. Falar é buscar pertencer, fazer parte, dar opinião. Pertencer ajuda a desconstruir estereótipos negativos e buscar sua própria identidade. (KILOMBA, 2019, p. 43).

Nesse sentido, usar o cabelo da forma que se quer é um ato libertador e também político, pois essa liberdade rompe com padrões estéticos impostos. Como demonstra o episódio, o assunto está relacionado ao cabelo que é normalmente descrito como aceitável, se compararmos a realidade de brancos e negros no país.

O caso de ataques racistas a Camilla de Lucas nos permite também acionar Frantz Fanon (2020[1952]) e sua visão sobre as experiências traumáticas do negro ao vivenciar o racismo.

Essas experiências traumáticas vivenciadas com o racismo só podem ser combatidas a partir do momento em que negros e negras começarem a se entenderem ou se constituírem não baseados ou comparados aos brancos, sem individualidade, sem se ver como iguais. Para se entender como negro se faz necessário desconstruir tudo de negativo que se atribui aos negros, aos seus corpos, aos seus hábitos, culturas, dentre outros. (FANON, 2020[1952], p.22).

O trauma ensina ao negro que ele é racializado, que ele não é aceito e principalmente que a base de comparação utilizada para essa racialização é a partir do que o branco estabelece como ideal, como belo, como o que é ser compreendido a partir de uma perspectiva que não é a sua enquanto sujeito. O momento em que se constata o racismo e esse proveniente do branco, nas palavras de Devulsky (2021), se traduz por “o colonizador é a régua e a regra” (DEVULSKY, 2021, p. 30).

---

<sup>6</sup> Disponível em:< <https://emails.estadao.com.br/noticias/gente,camilla-de-lucas-expoe-ataques-por-usar-cabelo-liso-me-deixem-em-paz,70003757745> > Acessado em 26 de Jun. 2021.

Nesse sentido, vemos o espaço formal de educação, ou seja, a escola, como um dos lugares de criação de estratégias políticas e identitárias para se combater o racismo. A proposta de concepção de um grupo de estudos sobre o cabelo do afrodescendente faz desse espaço palco para discussão racial, permitindo que alunos/as negros ou não possam mobilizar suas subjetividades respeitando uns aos outros e visando à mobilização em prol da luta antirracista.

Essa luta contra o racismo sempre esteve presente na história de negros/as no Brasil. A resistência contra o sistema colonial, a escravização e suas mazelas se configuraram de várias formas, como as fugas, formações de quilombos, entre outras, o que permitiu a manutenção da sobrevivência cultural da identidade negra (DEVULSKY, 2021, p. 18).

No pós-abolição essa luta ganha mais força com ações do movimento negro no Brasil, que, segundo Petrônio Domingues (2007), pode ser definido da seguinte maneira:

Movimento negro é a luta dos negros na perspectiva de resolver seus problemas na sociedade abrangente, em particular os provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais, que os marginalizavam no mercado de trabalho, no sistema educacional, político, social e cultural. (DOMINGUES, 2007, p. 101)

A luta antirracista no século XX tem como protagonista o movimento negro no Brasil, pelos debates em torno das práticas e políticas antirracistas e a inserção do negro nos espaços educacionais, como a Frente Negra Brasileira (1931), o Teatro Experimental Negro – TEN (1944) e o Movimento Negro Unificado – MNU (1978), entre outros (CONCEIÇÃO, 2018, p. 54).

Entre os vários frutos oriundos dessa busca por equidade e respeito à população negra e sua história no campo educacional, temos a alteração da LDB de 1996, modificada, no Art. 26-A, pela Lei 10.639 e também pela Lei 11.645, tornando obrigatório em instituições públicas e privadas o ensino de Histórias e culturas das populações indígenas e também da História da África e cultura afro-brasileira (SILVA; COSTA, 2018, p. 67). Autores como Nilma Lino Gomes (2008), Nilma Lino Gomes e Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2011) e Kabengele Munanga (2005), entre outros, vêm contribuindo para a elaboração de conteúdo que possibilite pensar as relações raciais de forma ampla no ambiente escolar.

Refletir sobre as Relações Étnico Raciais é trazer para o campo escolar questões que muitas vezes se insiste em marginalizar. O racismo é presença constante em nosso contexto social, o que nos permite relatar várias situações. Para isso novamente vamos recorrer às redes sociais e à internet, e a justificativa é o fato de que esses meios de comunicação em massa onde as informações correm rápidas e chegam com facilidade a alunos e alunas facilitam o acesso aos exemplos usados, tornando-se uma ferramenta eficiente e necessária a nossa proposta de criar estratégias que combatam o racismo, o preconceito e a discriminação no ambiente escolar e fora dele.

O episódio a ser usado como caso de racismo que ganhou grande repercussão na internet foi o da jogadora de futebol da seleção francesa Wendie Renard, que participava da Copa do Mundo de Futebol Feminino 2019, disputada na França. A situação foi descrita por Clarisse Pains na reportagem de 24 de julho de 2019 no Portal Geledés, com o título “Os ataques racistas sobre cabelo de francesa que tirou Brasil da Copa”. A jogadora francesa foi chamada de “preta do cabelo duro” e criticada por usar seu cabelo crespo solto por torcedores brasileiros nas redes sociais (facebook, twitter), situação por que passam várias mulheres negras brasileiras famosas ou não, e também homens negros, em suas vivências com a realidade do racismo.

Casos de racismo como o da jogadora de futebol acontecem também com frequência nas salas de aula pelo país: alunos que chamam seus colegas de “macacos”, professores que fazem ofensas racistas a alunos e também alunos que ofendem professores, funcionários e outros. Nesse ambiente conflituoso é preciso ter jogo de cintura para realizar as mediações necessárias e, de preferência, elaborar estratégias para promover o convívio de forma respeitosa, que é nosso objetivo com o trabalho.

Conforme CONCEIÇÃO (2018),

No tocante às relações entre escola e racismo no Brasil, como indicam muitos pesquisadores da questão, embora, nas últimas três décadas, tenham ocorrido avanços e conquistas significativas, no que diz respeito a políticas educacionais, diretrizes e demais instrumentos legais que enfatizem e indiquem a necessidade e importância da abordagem do racismo e do exercício de práticas antirracistas, no espaço escolar, ele continua sendo predominantemente, um espaço de silenciamento e reprodução de imaginários e atitudes racistas [...]. (CONCEIÇÃO, 2018, p.61)

Tendo por base a raça e a identidade racial, o movimento negro propõe a mobilização e a mediação na organização em grupos com caráter político e um projeto definido em torno da busca de maior inserção e visibilidade da população negra, mas também de todos os segmentos marginalizados na sociedade brasileira. Nesse trabalho tomamos como base as conquistas do movimento para inspiração, principalmente no que diz respeito a uma educação mais inclusiva no país.

Dessa forma, conscientizar alunos sobre o valor de sua história e da afrodescendência, além de criar instrumentos que possibilitem questionar qualquer atitude racista, se faz uma estratégia necessária na escola para combater várias formas de exclusão e preconceito que possa surgir nesse ambiente.

### **1.1 A busca pela representatividade e o respeito às estéticas negras**

Falar sobre representatividade, sobre estética negra é de grande importância em um país onde o racismo contribui para que estereótipos negativos sejam atribuídos aos corpos negros, aos cabelos, ao tom da pele, fazendo com que indivíduos sejam violentados e percam o prazer de se gostarem, se acharem bonitos e se amarem da forma que são.

Como observa a professora Nilma Lino Gomes,

“Atualmente, embora não estejamos mais sob a égide da empresa colonial, nem da escravidão, a persistência das representações negativas sobre o negro acaba se constituindo em outra ideologia: a ideologia da cor e do corpo.” (GOMES, 2008, p.138).

Em nossa sociedade brasileira, o cabelo e a cor da pele apresentam-se como critérios significativos para se classificar indivíduos como brancos e negros. Essas duas marcas identitárias em vários momentos servem para diferenciar e racializar as pessoas, além de definir o lugar que elas ocupam na sociedade. O cabelo do negro, quando é estigmatizado como ruim, pode trazer trauma, inclusive na escola.

Alessandra Devulsky (2021, p. 29) chama atenção para o fato de que a categorização de quanto um indivíduo é negro só ocorre partindo da leitura de que ele não é branco, ou seja, buscam-se representações daquilo que é mais aceito em

uma sociedade onde os referenciais de padrões a serem seguidos tendem a todo instante a buscar numa cultura branca europeizada a idealização do que é perfeito, desumanizando corpos negros.

Quanto mais retinto o tom da pele e quanto mais crespo o cabelo, sujeitos negros/as estão mais propensos às experiências racistas, o que não quer dizer que pessoas negras com tom de pele mais claras estejam livres das discriminações e preconceitos. Essa situação incide mais sobre mulheres negras, pois o peso do racismo se torna maior nesse grupo, principalmente quando se analisam as relações existentes entre raça e gênero.

É a quantidade de melanina na epiderme de um homem ou de uma mulher, na maior parte das vezes, o que ressalta de modo mais arguto qual será o local predeterminado na economia dos afetos e na distribuição de riquezas. (DEVULSKY, 2021, p.49)

As constatações evidenciadas nos trabalhos de PIRES (2015); SANTOS (2017); SILVA (2017) e CONCEIÇÃO (2018) nos mostram que existe a necessidade de uma atenção maior ao se refletir sobre o racismo e suas diferentes formas de incidência no que diz respeito à questão do gênero. Mulheres negras são colocadas em situação de inferioridade se nos remetermos a questões da busca da equidade por conta de seu gênero e por sua cor, o que leva a encontrar maiores barreiras na busca pela aceitação e na luta por combater uma sociedade brasileira racista, machista e sexista.

Em uma entrevista concedida ao jornal *Correio Braziliense* e reproduzida pelo site Geledés no dia 29 de maio de 2004 com o título “Negros de pele clara”<sup>7</sup>, Sueli Carneiro descreve uma situação vivida ao registrar sua filha num cartório de registro de nascimento, onde o pai, por ser branco, ao questionar que a cor da sua filha foi registrada errada como parda recebe o questionamento do funcionário do cartório se a filha não puxou nem um pouco do pai pelo fato de esse ser branco e identificar a filha como negra.

Essa situação retrata o quanto pessoas em nossa sociedade se apropriam de elementos da branquitude em nossas construções enquanto sujeitos e representações, visto que o questionamento do funcionário do cartório reproduz o senso comum no que diz respeito às construções identitárias se pensarmos os

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/negros-de-pele-clara-por-sueli-carneiro/> Acessado em 20 de Jun. 2021.



reflexos que a miscigenação trouxe para identificarmos o que é ser branco e negro com uma intensificação de nuances racistas como as que o colorismo acentua.

Na história da sociedade brasileira, negros e negras aprenderam a se desgostarem com relação a seus aspectos físicos e com relação às culturas provenientes do continente africano e isso é reproduzido constantemente em vários espaços onde o apagamento da imagem de negros e negras contribui para uma fuga da negritude e também para a falta de representação de corpos negros/as, pois a estética interfere diretamente na imagem que temos de nós, e, se não nos identificamos com essas imagens, tendemos a seguir padrões pré-definidos por outras pessoas.

Entretanto, a busca por representação e ocupação de espaços e valorização das identidades negras vem crescendo cada vez mais e esse movimento não acontece só com os projetos desenvolvidos nos ambientes escolares, principalmente depois da criação da Lei 10.639/2003. Gomes (2003) chama atenção para o fato de não só o espaço escolar ter contribuído para a luta e a ressignificação da imagem e maior representatividade de negros/as na sociedade brasileira:

Se pesquisarmos mais a fundo, encontraremos a ação da comunidade negra organizada em movimentos sociais, dos grupos culturais negros, das comunidades-terreiro como partes importantes no processo de denúncia contra o racismo e de afirmação da identidade negra. Encontraremos também famílias negras que, atentas aos dilemas de seus filhos e filhas, enfatizam de forma positiva e de diversas maneiras a herança cultural negra. Esses grupos e essas famílias sempre pressionaram a escola e sempre cobraram desta instituição uma responsabilidade social e pedagógica diante da questão racial. Porém, essa pressão não se limita à escola. Ela atinge a sociedade como um todo e, aos poucos, tem tornado possível uma lenta inserção social do negro em alguns setores do mercado de trabalho, a sua presença (mesmo tímida) nos meios de comunicação e nos veículos publicitários e a sua entrada em maior número na educação básica. Somando-se aos outros grupos sociais que lutam pela democratização da sociedade, a comunidade negra tem conseguido mudar, aos poucos, a situação do negro no Brasil. (GOMES, 2003, p. 175)

Pensando em lutas por espaços, representatividade e valorização da estética negra, nos remetemos a alguns trechos da música “Nego do cabelo bom” de Max de Castro, e as reflexões que ela traz em sua letra, que ajuda a pensar em estratégias narrativas na luta antirracista nas últimas décadas, onde percebemos a denúncia contra a padronização estética e a opressão do racismo vivenciado pela população negra no Brasil, mas também observamos a mensagem de resistência e de luta do povo negro em toda a sua história em busca de aceitação e dias melhores.

Muita gente implica com meu pixaim  
 Mas o que me implica é que o cabelo é bom  
 E quando isso me irrita vai ter briga sim  
 Porque não aceito discriminação

E quando vou a praia alguém sempre diz prá mim  
 Teu cabelo é duro, entra água não  
 Se é impermeável isso é problema meu  
 Na verdade o que é duro é seu coração

Alisa ele não  
 É o que minha nêga sempre diz prá mim  
 Alisa ele não  
 Você é meu nêgo do cabelo bom [...] <sup>8</sup>

Observamos que a música serve de uma das formas de combate ao racismo onde o cantor tem o papel de posicionar-se de maneira afirmativa contra o racismo direcionado às estéticas negras. Existe uma reação contra as críticas relacionadas ao cabelo crespo e um reforço positivo relacionado à estética livre de enquadramentos, possibilitando os usos dos cabelo da forma que os indivíduos quiserem, reivindicando a subjetividade existente ao se lidar com corpos negros, principalmente quando relacionado a manipulações capilares.

Brigar sempre, contra o racismo, contra o genocídio da população negra, brigar por serem representados em espaços sociais, políticos, econômicos, culturais diversos, brigar a cada dia para ser aceito da forma que se é, e não tendo que usar o outro, ou seja, o branco, como espelho, ou referência para aquilo que é aceito como bonito, limpo, desejado. Tais questões depreendidas da música de Max de Castro vêm de longe, dos antepassados, da história do povo negro, e persistem até os dias atuais.

No século XXI, estamos presenciando um crescimento de grupos e movimentos que reivindicam mais representatividade negra nas mídias e nos meios de comunicação de um modo geral. Estamos vendo toda uma mobilização para a desconstrução de um imaginário popular que cria narrativas onde negros são animalizados e, em contrapartida, criando possibilidades ou estratégias de valorização e promoção da autoestima de jovens negros no Brasil. (DOMINGOS; NOGUEIRA, 2017, p. 8-9).

Com ajuda da internet surge uma geração de jovens que usam da representatividade para desconstruir a negatização da imagem do negro. Blogueiras

---

<sup>8</sup> Max de Castro. O Nêgo do cabelo bom. Disponível em: < <https://www.letras.mus.br/max-de-castro/140608/>> Acessado em: 19 jul. 2021.

como Gabi Oliveira<sup>9</sup>; sites com conteúdo preto como o Mundo Negro<sup>10</sup>; o Clube da Preta,<sup>11</sup> uma plataforma de divulgação de afro empreendedores, entre outros, têm contribuído para a produção e a divulgação de conteúdos específicos para a população negra, com a intenção de resgatar a autoestima, valorizar as estéticas negras, a história do afrodescendente, denunciar e combater o racismo, usando vários recursos audiovisuais e plataformas digitais.

Entretanto, a tarefa de buscar pela representatividade e visibilidade de estéticas negras tem encontrado várias barreiras, que afetam os movimentos que buscam combater práticas racistas, discriminação e o apagamento de elementos culturais da afroascendência. Espaços midiáticos como novelas, filmes, revistas, propagandas, entre outros, que colocam em evidência a beleza de negros/as em sua grade de programação, editoriais ou em campanhas publicitárias, ainda selecionam uma estética mais aceitável na visão do senso comum, como, por exemplo, modelos negras com a pele mais clara, com cabelos cacheados, com lábios finos e muitas vezes essas escolhas levam à repetição de padrões que deixam de lado a diversidade presente nos negros/as brasileiras no que diz respeito à beleza.

Gabriele Oliveira, em seu canal no Youtube chamado “De Pretas”, apresenta em um dos seus vídeos chamado “Tour pelo corpo”, uma de suas estratégias utilizadas para combater o racismo e a invisibilidade de corpos negros/as através de sua exposição estética nas redes sociais. No vídeo, a youtuber apresenta os seus traços físicos aos membros do canal. Para melhor exemplificar compartilhamos abaixo algumas transcrições de trechos do vídeo.

[...] Eu vivo recebendo mensagens de como eu queria ter sua pele, ou como eu queria ser escura como você. Eu entendo quem comenta essas coisas porque, afinal, uma das características de quem tem mais melanina é uma pele mais lisinha e com menos poros. Até aí está ótimo, mas ainda é a pele escura a mais temida. Basta ver uma pele escura na rua para apertar o

---

<sup>9</sup> “Gabi Oliveira, dona do canal De Pretas, pode ser considerada uma veterana no Youtube: aos 28 anos, está na plataforma há cinco, falando de assuntos que vão de maquiagem a educação financeira e fake News.” Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/09/26/gabi-oliveira-fura-bolha-da-internet-e-leva-beleza-negra-ao-horario-nobre.htm> Acessado em 22 de Jun. 2021.

<sup>10</sup> “O *Mundo Negro* é um portal de notícias voltado para comunidade negra brasileira e demais etnias que se interessem pelos assuntos relacionados à cultura afro-brasileira”. Disponível em: < <https://mundonegro.inf.br/>> Acessado em 22 de Jun. 2021.

<sup>11</sup> Clube da Preta é uma curadoria que trabalha com marcas brasileiras, lideradas por pessoas negras e/ou de origem periférica, que têm em sua base de trabalho o orgulho negro. Disponível em: <https://www.clubedapreta.com.br/> Acessado em 22 de Jun. 2021.

passo, basta ver um menino de pele escura para relacioná-lo ao abandono. É a pele escura que mais atrai o “macaca”. [...] E nesse momento o questionamento que surge pra mim é: O que temos feito para que o racismo estético não se perpetue? Que frases vocês vão tirar ou já tiraram do seu vocabulário? É sempre bom lembrar que somos nós que temos o papel de mudarmos isso. [...] <sup>12</sup>

Os relatos descritos no vídeo de Gabriele Oliveira contribuem para refletir sobre a contribuição de vários segmentos encabeçados por negros em torno da discussão da diversidade de estéticas negras e ao mesmo tempo ajuda outras mulheres e homens negros a se aceitarem ajudando assim na construção de uma boa autoestima, pois não estar bem com seu corpo e com sua imagem, de acordo com Silva (2017), pode levar ao que ela denomina rituais de transformação (procedimentos estéticos) nesses corpos para se tornarem mais “belos”, e essas transformações são provenientes de inferiorizações, não aceitação, dor e sofrimento. Ainda podemos destacar, a partir do ano de 2016, a contribuição para evidenciar as periferias brasileiras feita pela Geração Tombamento, um movimento que une a estética com a busca pela igualdade racial, onde os elementos culturais da negritude são valorizados, além da busca pelo protagonismo, o empoderamento e a representatividade de negros/as em espaços midiáticos, principalmente como jornais, revistas, sites de internet, campanhas de publicidades, entre outros (DOMINGOS; NOGUEIRA, 2017, p. 2).

O Tombamento surge com uma identidade própria ao militar no sentido de deixar para trás toda e qualquer referência ou aprisionamento a uma estética branca, pois, em suas propostas, o resgate de elementos afro rompe com valores que geralmente são normatizados e que levam muitas vezes negros e negras a se enquadrarem a modelos existentes na tentativa de fugir das várias formas pelas quais o racismo opera.

O viés ativista desse movimento está relacionado a maiores reivindicações por espaços mais representativos, seja no mercado, nas universidades, na mídia, entre outros locais de afirmação subjetiva e de formação de sentido. São criadas, então, diversas formas de manifestação cultural, social, econômica e política que conferem destaque à narrativa histórica negra como, por exemplo, saraus, feiras, *workshops*, palestras, rodas de conversa, congressos e comemorações [...]. (DOMINGOS; NOGUEIRA, 2017, p. 7)

---

<sup>12</sup> Gabriela Oliveira. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=CEOvcHPvvis&t=324s>> Acessado em 12 de Jun. 2021.

O movimento se posiciona como um enfrentamento aos padrões estéticos – o “tombar”, que, na gíria popular, significa “arrasar”. Essa acepção popularizou-se através da musica “Tombei” da rapper Karol Conka, um dos ícones da geração tombamento junto com outros artistas como Liniker e Rico Dalasam, que usam seu modo de vestir e se apresentar em público como um ato político de enfrentamento a toda e qualquer forma de discriminação, usando roupas coloridas, pintando o cabelo da cor que quiserem, não deixando de se auto afirmarem e entendendo que seus corpos são belos.(DOMINGOS; NOGUEIRA, 2017, p. 7)

De acordo com Souza (1983),

É a autoridade branca quem define o belo e sua contraparte, o feio, nesta sociedade classista, onde os lugares de poder e tomada de decisões são ocupados hegemonicamente por brancos. Ela é quem afirma: “o negro é o outro do belo”. É esta mesma autoridade quem conquista, de negros e brancos, o consenso legitimador dos padrões ideológicos que discriminam uns em detrimento de outros. (SOUZA, 1983, p. 29)

Nesse sentido, a geração tombamento vem acessar espaços de poder que em geral são ocupados por uma parcela branca. Sabemos que só ocupar espaços não basta, mas se apresenta como uma das possibilidades de combate ao racismo e que principalmente assume e valoriza a estética negra transformando a militância em um ato político que possibilita novos caminhos.

Figura 1 - Cantores que são referência do movimento Tombamento: Liniker (esquerda), karol conká (centro), Rico Dalasam (direita)



Fonte: Foto da internet: Disponível em:  
<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2016/06/co-nheca-a-geracao-tombamento-musica-moda-e-politizacao-para-desconst.html> Acessado em 22 de Jun. 2021.

A representatividade do afrodescendente é uma questão de grande importância a ser abordada em nossa sociedade. Apesar de essa ser composta de uma maioria negra, ainda é vista em pouca quantidade nas telas de cinema em papel de destaque, situação que vem se modificando ainda a passos lentos, visto que a comunidade afrodescendente ainda sofre com os preconceitos e inferiorizações impostos por várias situações e contextos, inclusive o ambiente escolar.

Tudo isso nos leva a pensar na necessidade de mudanças no tratamento das relações raciais no cotidiano e, principalmente, na escola, coisa que já vem acontecendo com os avanços propostos com as lutas do movimento negro, a implantação da Lei 10.639/2003 e todas as políticas que envolvem a luta antirracista, ou seja, luta que vise combater o racismo e todas as formas de discriminação com políticas públicas e práticas efetivas, sejam elas na escola, na família, na sociedade como um todo.

Novos caminhos que, para nós, no presente trabalho, serão traçados através da educação. Uma educação antirracista que mobilize brancos, negros, indígenas, pardos no sentido de combater o apagamento da história e o racismo estrutural criando outros espaços de troca de vivências e conhecimento com a concepção do grupo de estudos sobre o cabelo do afrodescendente na Escola Roberto Coelho Pedroso.

## 2 ALGUMAS REFLEXÕES EM TORNO DO CABELO DO AFRODESCENDENTE

[...] Brasil, meu nego  
Deixa eu te contar  
A história que a história não conta [...] <sup>13</sup>

Daremos início a esse capítulo com a provocação feita pelo G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira, que, no carnaval carioca de 2019, apresentou o enredo “Histórias pra ninar gente grande”, com o qual se sagrou campeã daquele ano no grupo especial. A letra do samba nos possibilita refletir sobre o viés eurocêntrico no ensino de história. Durante muito tempo houve a inviabilização de conteúdos e temáticas ligadas à história da África e às culturas afro-brasileiras, bem como às histórias e culturas indígenas, pois partia-se de explicações onde negros/as e indígenas não protagonizam suas histórias.

De acordo com Pereira e Roza (2012),

Em nossas escolas, na Educação Básica, é ainda incipiente a abordagem marcada pela alteridade cultural nos currículos escolares, sobretudo, neste momento, para compreensão e reflexão dos processos que no passado e ainda no presente realizam as histórias e culturas afro-brasileiras e indígenas marcadas por singularidades não explicáveis ou redutíveis aos modelos explicativos e aos processos vivenciados pela Europa. (PEREIRA; ROZA, 2012, p. 90)

É certo que mudanças nessa forma de pensar e fazer o ensino de história vêm acontecendo, dada a importância que esse conteúdo tem para se refletir a formação da sociedade brasileira partindo de uma abordagem mais igualitária no que se refere à contribuição de negros e indígenas, considerando não só a participação, mas a herança ancestral desses grupos, que se imprime como marca identitária de nossa nação.

Vemos a importância da história da África e do afrodescendente como uma ferramenta eficaz para o estudo da história do negro/a e também elevação da autoestima não só no ambiente escolar, espaço formal da educação, mas também a necessidade dessa valorização em outros espaços informais de vivências como a família, os ambientes de trabalho e diversão, movimentos sociais nas comunidades,

---

<sup>13</sup> Letras. Wantuir. Histórias pra ninar gente grande. 2019. Disponível em: < <https://www.lettras.mus.br/wantuir/historias-para-ninar-gente-grande/> > Acessado em 18 de Ago. 2021.

dentre outros. Em todos esses espaços, tal estudo colabora com o processo de evidenciar nossas heranças africanas.

Na busca por uma abordagem que não se limite a perpetuar visões colonialistas e eurocentristas na história e cultura afro-brasileira, caminhamos na intenção de criar estratégias e abordagens que combatam o racismo e que possam trazer para o debate no ambiente escolar vozes e elementos culturais do negro e de sua contribuição para formação da sociedade brasileira. Pensar a concepção de um grupo de estudos sobre o cabelo do afrodescendente é uma proposição de abordagem possível com esse trabalho no ambiente escolar.

## **2.1 A importância do cabelo crespo em outras civilizações**

Reportando-nos ao ambiente escolar, lembrei-me da seguinte expressão: “Para ficar bonita tem que sofrer...”. Essa frase é parte de um relato escrito por uma aluna que chamo aqui Geralda, a fim de resguarda sua identidade, contando sua experiência ao arrumar os cabelos, antes de iniciar seu processo de transição capilar.

Durante uma aula minha direcionada ao 9º ano, no mês de agosto de 2019 na Escola Estadual Roberto Coelho Pedroso, na cidade de Três Rios, que é município do estado do Rio de Janeiro, percebi que Geralda chegou vestida com uma blusa de frio com capuz, porém, o dia estava ensolarado e muito quente, o que me deixou incomodado de ver a vestimenta da aluna.

Pedi que Geralda retirasse a blusa ou pelo menos o capuz; ela se recusou e os alunos começaram a rir da situação. Achei tudo muito estranho e resolvi deixar que ela ficasse como quisesse. Na outra semana, Geralda chegou para minha aula com um aplique de tranças lindo em sua cabeça. Nesse momento comecei a entender o porquê do capuz: ela havia feito o “big Chop” (SILVA, 2017, p.12), que é o nome dado a um procedimento onde o cabelo é cortado curtinho para retirar a química que nele existia, ou seja, ela estava iniciando seu processo de “transição capilar” (SILVA, 2017, p.12), pelo qual se retira toda a química do cabelo para deixá-lo crescer natural.



Imediatamente resolvi perguntar à aluna se ela não queria escrever uma carta para mim falando sobre seu processo de transição capilar. A princípio ela se negou e eu resolvi explicar que era para meu trabalho de mestrado, achei que poderia contribuir para o projeto e então ela aceitou. Sendo assim, acho importante compartilhar o relato da aluna Geralda que tem o título “Transição” para enriquecer as reflexões sobre o assunto.

Minha transição começou muito antes, há uns dois anos atrás e eu sempre gostei dos cabelos afro e sempre gostei dos diversos penteados e adereços de cabelo.

Minha mãe, por não ter tempo de pentear três cabelos crespos (de minhas duas irmãs e eu), optou pela química e, desde os sete anos de idade, eu passava. Eu nunca gostei de passar porque, além de muita dor e às vezes machucava e o cheiro era horrível. Eu tentava às vezes falar com minha mãe que eu não queria passar, mas ela sempre dizia “pra ficar bonita tem que sofrer”.

Quando completei 14 anos, eu tentei várias vezes começar o processo de transição, mas, sempre acabava passando a química de novo, mas esse ano eu bati o pé e decidi que eu ia parar de passar. Foi um processo muito difícil, no começo só dava para usar ele preso e às vezes eu ia para a escola de capuz porque estava difícil de prender. Deixei de sair por conta disso.

Com muitas pesquisas, qual corte de cabelo e tratamentos sem uso de qualquer química, eu descobri as tranças e os benefícios para o cabelo, então optei por colocar, porque além de serem lindas, dá para fazer vários penteados até que o meu cabelo voltar a crescer. “Está sendo muito divertido.”

O relato de Geralda nós remete a uma reflexão: sempre o cabelo crespo recebeu o mesmo tratamento de inferiorização em relação ao cabelo liso, a ponto de a mãe obrigar a aluna a alisar seu cabelo e deixar claro que a beleza só vinha com sofrimento? Não existia beleza na aluna antes de alisar o cabelo? Para ficar bonita tem que sofrer?

A experiência humana diante de determinados objetos percebidos como belos não se dá apenas na esfera da emoção e dos sentimentos. Ela é também corpórea. A associação entre beleza corporal e uma série de atributos de classe, de raça, de sexo e de idade não é um tema presente só no nosso século. Ela acompanha o homem e a mulher ao longo da história humana. (GOMES, 2008. p. 276).

Assim como observado por Nilma Lino Gomes, podemos perceber que a beleza corporal se fez presente em algumas civilizações da antiguidade, onde o cabelo era valorizado como marca de identidade grupal. Em alguns povos africanos, por exemplo, muitas vezes o cabelo com formas complexas de penteados era

indicativo de status e beleza. Podemos citar o povo Akan, em cuja composição o grupo étnico que mais se destacou foram os Ashantes, na África Ocidental, nos séculos XIII a XVII (CARMO, 2016, p. 28). Os Ashantes usavam simbologia dos penteados para definir os atendentes do rei, com um penteado que era modelado com cinco tufos de cabelos (coques), uma forma de diferenciar e dar valor social a grupos. (NASCIMENTO; GÁ, 2009.p. 78-80).

Esse mesmo penteado de cinco tufos representava também o estilo de cabelo usado pelas sacerdotisas entre os Ashantes, segundo a tabela dos significados de símbolos Adinkra que consta no livro de Eliane Fátima Boa Morte do Carmo (CARMO, 2016, p.67).

Também ao pensarmos alguns povos africanos, podemos nos remeter aos elementos de suas expressões artísticas, que, em vários momentos de sua história, se relacionam com o corpo e o cabelo negro. De acordo com GOMES (2008, p.301), o historiador da arte Neyt<sup>14</sup> (1993, p.170), ao analisar manifestações culturais de povos como os Luba, que habitavam a província de Shaba, no Sudeste da República Democrática do Congo no século XV, afirma que esses povos ficaram conhecidos pela preservação de seus relatos orais, poesia e artes visuais, principalmente aquelas ligadas à realeza, tais como emblemas e esculturas. (BEVILACQUA; SILVA, 2015, p. 8).

As esculturas luba contribuíram muito para o conhecimento da história da evolução dos penteados desses grupos culturais. Essas esculturas, não só dos luba, mas de outros povos africanos, uma vez que reproduzem com maestria certos penteados, atestam a importância simbólica deles. (GOMES, 2008. p. 302).

GOMES (2008) observou também a importância das mulheres em suas representações artísticas para o povo Luba: estátuas com cabelos trabalhados com vários adornos naturais como pedras, conchas, tranças, cortes elaborados que vão definir seu lugar na sociedade.

Ao analisar as referências aos povos africanos citados anteriormente, os Luba e os Ashantes e seus cuidados com a manipulação do cabelo, me remeto ao relato da aluna Geralda, quando reclama que sua mãe não teria tempo de cuidar de três cabelos crespos, o seu e de suas duas irmãs. Sendo assim, as palavras da mãe de Geralda podem ser interpretadas através da ideia de usar o cabelo alisado

---

<sup>14</sup> NEYT. François. Luba: aux sources du Zaire. Paris: Dapper, 1993. P. 169-178.

relacionando-o a uma melhor aceitação social, se comparado ao uso do cabelo crespo, segundo Karen Tolentino de Pires (2015): “Nesse caso, cabelo liso é mais prático para prender, e também pode estar associado a um cabelo mais arrumado e associado à boa aparência para o trabalho.” (PIRES, 2015, p. 122).

Também podemos refletir sobre a fala da mãe de Geralda, que “para ser bonita tem que sofrer”. Nesse ponto colocamos em questão a negativização de traços de origens afrodescendentes, pois fica nítido que a visão de beleza que a mãe traz é uma visão de que usar química para alisar o cabelo era o que ia deixar Geralda bonita, e não seus traços que são da sua origem negra, como a textura do cabelo e até a cor da pele.

Se em outros países em que o povo negro foi escravizado, o que diferencia um “negro” de um “não negro” é a ancestralidade, no Brasil, em seu processo histórico, social, político e cultural, as diferenças são definidas pelos traços fenóticos, isto é, por meio dos traços físicos, cor da pele, textura dos cabelos. Dessa maneira as mulheres negras que possuem mais traços negros, serão mais atingidas pelo racismo e pela discriminação racial e social. (SANTOS M.A., 2017, p. 44).

Inferiorizar corpos negros se apresenta como uma das estratégias de perpetuação do racismo, que contribui para invisibilizar a história dos negros e suas lutas, contribui para a negação de suas origens e para aceitar a opressão que lhes são impostas num todo social. Desta forma, assumir a negritude é o caminho, segundo Maria Anselmo dos Santos: “É por isso que assumir a negritude é assumir seu corpo, seu cabelo, sua cor, sua cultura, caminhando para o combate à opressão.” (SANTOS, M. A., 2017, p. 66).

Assumir seus traços de negritude pode ser entendido, no relato de Geralda, como sua estratégia de resgate da ancestralidade, visto que, logo em seu início, explicou: “*Minha transição começou muito antes, há uns dois anos atrás, e eu sempre gostei dos cabelos afro e sempre gostei dos diversos penteados e adereços de cabelo*”. Nesse ponto percebemos que, tomando como inspiração e referência a afrodescendência, ela busca soluções para ter o cabelo do jeito que ela gosta e para se livrar das imposições de produtos químicos que danificam seus cabelos.

Indo mais além, Geralda usa da pesquisa pessoal para descobrir qual a melhor forma de manipulação para seu cabelo e, nesse processo de pesquisa, ela se depara com a trança afro, que, segundo Luane Bento dos Santos (2017), é presença importante nas práticas culturais de alguns grupamentos africanos e afro-

brasileiros. A autora enfatiza a contribuição da trança para a constituição do uso político e estético do cabelo crespo na formação de identidades de mulheres e homens negros (SANTOS, L. B., 2017, p. 127).

O uso das tranças na visão de Gomes (2008) tem início muito cedo: ainda na infância meninas começam a usá-las. Esse uso não é uma escolha própria, pois, visando facilitar a manipulação do cabelo crespo, ou até mesmo tentando “domar” os volumes, familiares submetem as crianças a um tipo de uso do cabelo crespo que nem sempre agrada a elas, visto que, apesar de a trança trazer formas desenhadas aos cabelos e de nelas ser possível usos de missangas coloridas, elas não livram as crianças dos ataques racistas e de visões pejorativas atribuídas ao cabelo de negros/as no Brasil. (GOMES, 2008, p. 184)

A escolha da trança para Geralda pode ser analisada como uma alternativa ou estratégia para manter seu cabelo bonito e da forma que ela escolheu. SANTOS, L. B (2013) afirma que:

Assim, as manipulações corpóreas realizadas sobre o cabelo por negros (as) fazem parte da memória coletiva afro-brasileira, seja com o uso de procedimentos como o famoso pente quente ou com as “afirmativas” tranças e outros penteados “afro”. Não são processos “novos” de comportamento estético contra o padrão hegemônico branco ocidental; têm suas raízes em uma memória “ancestral” (SANTOS, L. B, 2013, p. 30)

Geralda, em seu relato, evidencia não só os benefícios e a versatilidade do uso das tranças para seus cabelos, pois elas permitem vários penteados, mas também começa seu relato afirmando seu gosto pelo cabelo afro, que, como diz Luane Bento Santos (2013), faz parte da memória coletiva do afrodescendente. Assim, Geralda evoca toda a beleza que existe nas tranças.

Beleza essa que, em várias situações, quando tratamos do cabelo crespo do afrodescendente, é tratada com inferioridade, ao compararmos os cuidados com o cabelo crespo a usos e manipulações capilares relativas a pessoas brancas, especialmente no Brasil.

Mesmo reconhecendo que manipulação do cabelo seja uma técnica corporal e um comportamento social presente nas mais diversas culturas, já vimos que para o negro, e mais especificamente o negro brasileiro, esse processo não se dá sem conflitos. Esses embates, como já vimos, podem expressar sentimentos de rejeição, aceitação, ressignificação e até mesmo de negação do pertencimento étnico/racial. As múltiplas representações construídas sobre o cabelo do negro no contexto de uma sociedade racista influenciam o comportamento individual. (GOMES, 2008, p. 185-186).

Partir do conhecimento das trançadeiras que são passados de geração para geração é uma forma de desconstruir o olhar negativo sobre elementos culturais provenientes do continente africano. Luane Bento dos Santos (2017), em seu artigo “Conhecimentos etnomatemáticos produzidos por mulheres negras trançadeiras”, publicado na Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros, aponta todo o conhecimento existente no ato de trançar os cabelos e as técnicas de produção dos desenhos nas cabeças, que revelam elementos provenientes dos estudos de matemática, mais especificamente da Etnomatemática<sup>15</sup>.

Esses conhecimentos fazem parte do nosso cotidiano, pois estão presentes nas manipulações do cabelo afro na contemporaneidade, a exemplo das tranças africanas, que receberam novas roupagens e significados.

Um fato que chama nossa atenção é que o olhar negativado atribuído aos elementos das culturas africanas e afro-brasileiras não é evidenciado quando aqueles elementos são assimilados ou usados por pessoas brancas. Alessandra Devulsky (2021) evidencia o fato de que, em momentos em que o turbante, o samba, a capoeira, entre outros, são assimilados por pessoas brancas, a aceitação desses elementos é possível nos espaços sociais. (DEVULSKY, 2021, p. 43). No entanto, quando essas manifestações culturais originárias da ancestralidade africana e reinterpretadas no Brasil vêm do negro ou são utilizadas ou praticadas por negros/as, o tratamento recebido por esses sujeitos é carregado de preconceito e discriminação, que muitas vezes podem contribuir para acentuar o racismo para com os grupos citados anteriormente.

Dessa forma, elencar o cabelo e seus artefatos de usos como forma de ressignificar o estudo de história da África e dos afrodescendentes se apresenta como uma estratégia de grande relevância nas aulas de História, no sentido de que esses possam ser abordados a fim de promoverem a valorização da criatividade, da preocupação com o cuidado com o cabelo e do corpo presentes nas vivências de negros/as atualmente, mas que ainda sofrem constantemente ataques racistas

---

<sup>15</sup>“A **Etnomatemática** surgiu na década de 1970, a partir de críticas acerca do ensino tradicional de Matemática, que costuma enxergar na Grécia Antiga o berço da ciência e desconsiderar outros saberes. ‘As diferentes formas de matemática que são próprias de grupos culturais, chamamos de Etnomatemática’, definiu Ubiratan D’Ambrósio, pesquisador e professor brasileiro pioneiro no tema. [...] Neste entendimento, a Etnomatemática consiste em compreender e valorizar a existência da matemática vivenciada na prática por artesãos, pescadores, pedreiros, costureiras, comerciantes ambulantes, entre outros, em sua própria leitura de mundo por meio dessa ciência. E em diferentes culturas como a indígena, cigana, ribeirinha, etc.” Disponível em: < <https://educacaointegral.org.br/glossario/etnomatematica/>> Acessado em 21 de Out. 2021.

oriundos de um passado colonial e escravista que deixou sequelas ainda presentes em nossa sociedade, frutos de uma visão de história eurocêntrica. (PEREIRA; ROZA, 2012, p. 99).

Segundo Pereira e Roza (2012),

Experiências pedagógicas nas quais a centralidade recaia sobre a vivência dos alunos em práticas culturais apresentam-se como um procedimento significativo para a compreensão de aspectos da cultura afro-brasileira, pelo fato de que as possibilidades de percepção de uma cultura podem, também, se dar pela fruição estética, pela experiência corporal, pelo desenvolvimento de habilidades musicais, pela experiência da conversa e pela vivência das manifestações culturais. (PEREIRA; ROZA, 2012, p. 101)

Sendo assim, o propósito de usar referências culturais de povos africanos como os povos Luba e Ashantes, se faz contribuinte para pensar o cabelo do negro no grupo de estudos com os alunos, onde esse elemento identitário da afrodescendência funcionará como ferramenta política de combate às práticas do racismo, preconceito e discriminação e outras formas de opressão que em nossa sociedade se fazem frequentes.

Portanto, a questão étnico-racial perpassa a necessidade da compreensão histórica, da compreensão da formação do povo brasileiro bem como de suas raízes em África e dos povos da terra, os indígenas. Uma compreensão de mundo que vai além dos conteúdos escolares e dos livros. Uma compreensão de si, do entorno, da sociedade e da formação da humanidade, e da produção do conhecimento. (CARMO, p. 17. 2016).

A África é um continente portador de saberes e histórias, riquíssimo culturalmente, assim como os outros continentes, e torná-lo presente em sala de aula é assumir a postura de resistência de que sua multiplicidade de histórias não seja silenciada; é assumir para nós, brasileiros, a grandeza da presença africana em nossa formação enquanto povo.

O ensino sobre diferentes realidades e sociedades permite um olhar transformador sobre o mundo. Todos os grupos étnicos possuem suas particularidades e belezas, mas o ensino sobre o continente africano possui particularidades ainda maiores, visto que, estas particularidades permitirão aos alunos conhecer várias manifestações culturais e artísticas que são produzidas de formas diversas e que devem ser respeitadas.

Se referir ao cabelo de negras e negros como “cabelo duro”, “sará”, “pixaim”, entre outros, pode ser observado não só nas escolas, mas em toda sociedade brasileira. Sendo assim, trabalhar o cabelo e o combate ao racismo é de grande importância, na escola, e tem como objetivo promover as identidades afro e também a promoção do respeito à diversidade étnico-racial, fazendo-se assim valer a Lei 10.639, que torna obrigatório o estudo de história da África e da cultura afro-brasileira em escolas públicas e privadas do Brasil, bem como das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais, de março de 2004.

## **2.2 As implicações do cabelo crespo nas vivências de negras/negros brasileiras/os**

“O corpo é um veículo de comunicação social e política. Ele demonstra a força de uma cultura, de um processo de socialização humana.” (SANTOS, L. B, 2013, p. 26). Em nossas relações sociais não só a fala, mas também o corpo tem a função de expressar aquilo que queremos mostrar a outras pessoas. Gomes (2003) nos chama a atenção para a interação que se dá através dos corpos no processo educacional, onde nós nos relacionamos com os nossos próprios corpos pelos gestos produzidos em sala de aula ao ensinar determinado conteúdo e, ao mesmo tempo, com os corpos dos alunos e colegas, seja num cumprimento ou toque. (GOMES, 2003, p. 173).

Mediante essa interação corpórea que se dá nas relações diárias e, no caso desse trabalho, no ambiente escolar, até que ponto temos a sensibilidade de entender ou captar a diversidade de comunicações produzidas, de forma que essas possam ser vistas com respeito aos diversos corpos e suas formas de se expressar, e não como forma de discriminação, adjetivos pejorativos e estereótipos principalmente relacionados a corpos negros?

Conforme afirma Conceição (2018),

A busca de harmonia psíquica com o corpo, obviamente, é processo pelo qual todos os indivíduos negros e não-negros passam, no entanto, para os sujeitos negros, imersos em sociedades com peso da ideologia do

branqueamento e por toda a exposição/contato com os padrões da *branquitude*, este processo vai ser mais difícil do que para os sujeitos não negros. (CONCEIÇÃO, 2018, p. 126)

Podemos perceber que a sociedade brasileira é formada por uma grande diversidade, seja ela racial, social ou cultural. Dessa forma, parte-se do pressuposto de que essa diversidade vem ou deveria vir acompanhada de igualdade entre todos os segmentos, o familiar, o ambiente de trabalho, as áreas de lazer, a escola, enfim, toda a sociedade.

Entretanto, as coisas não caminham dessa forma, visto que encontramos várias situações onde as desigualdades sociais, e principalmente raciais, estão presentes. Nas instituições escolares, a promoção ao respeito às diferenças deveria prevalecer, mas nem sempre isso é observado, pois nelas nos deparamos com casos de exclusão, preconceito e racismo para com e entre alunos, professores e funcionários.

No ambiente escolar a questão do uso e manipulações do cabelo crespo é bem séria e muitas vezes ou na maioria delas não tem a devida importância quando presenciamos casos relacionados aos preconceitos e discriminações a essa marca identitária da negritude.

Discutiremos neste item as implicações que envolvem o cabelo crespo de negros/negras na sociedade brasileira. Segundo Gomes (2008), nossos cabelos e a cor da pele são sinais diacríticos que definem o que é ser negro no Brasil e, dessa forma, essas marcas são usadas como marcos iniciais para a prática de preconceitos e racismo para com esses sujeitos.

Nesse universo onde somos pensados sempre em oposição ao outro, o branco, é que as construções negativadas de nossos corpos estão vigentes até a atualidade e são usadas para nos colocar em um lugar de inferioridade. Tal processo se inicia com a história escrita por brancos desde a diáspora africana, passando pelas justificativas para a colonização e persiste ainda no pós-abolição.

Santos, M.A (2017) evidencia os vários elementos usados por parte de europeus no intuito de justificar a subalternidade de sujeitos negros na sua construção histórica.

Para manter a dominação, a sociedade colonizadora se utiliza de vários fatores, entre eles, a imposição da sua língua, da sua religião cristã, da sua cultura europeia. O colonizado sobrevive sendo oprimido por meios diretos



(força bruta) e indiretos (preconceitos raciais e outros estereótipos). (SANTOS, M.A., 2017, p. 60)

Não estamos mais sob o jugo do escravismo e da colonização, mas percebemos essas situações de reforço ao cabelo do negro estereotipado de forma inconveniente quando se trata do crespo. Em junho de 2020, uma campanha publicitária da marca de esponjas para limpeza doméstica, a Bombril, evidenciou o tratamento discriminatório relacionado aos cabelos crespos, além de uma forte conotação racista ao nome dado para o produto: “Krespinha”<sup>16</sup>. Após várias críticas ao produto nas redes sociais, a empresa retirou o produto de seu site de divulgação, como especifica a reportagem “Bombril lança esponja de aço Krespinha, é criticada nas redes e retira o produto do site”, publicada no site Globo.com no dia 17 de junho de 2020.

O fato não é uma novidade, visto que usuários das redes sociais lembraram de uma outra propaganda, de 1950, de uma esponja de aço que tinha como personagem principal uma criança negra. Ou seja, nossa luta contra qualquer situação que coloque o cabelo crespo em condição inferior ou de não aceitação se comparado com o cabelo do branco vem de muito tempo, como sinalizado por Gomes (2008) e Santos, L.B (2017), entre outros autores que trabalham a questão racial com a temática do cabelo crespo no Brasil.

Figura 2 – Esponja de aço Krespinha lançada pela empresa Bombril



Fonte: Imagem reprodução site uol. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/06/17/bombril-acusacao-racismo-produto.htm> Acessado em: 18 de Ago. 2021.

<sup>16</sup> Globo.com. Disponível em: < <https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2020/06/17/bombril-lanca-esponja-de-aco-krespinha-e-criticada-nas-redes-e-retira-produto-do-site.ghtml> > Acessado em 20 de Ago. 2021.

As dificuldades de negros/negras com os corpos e com o cabelo ultrapassam gerações. A pressão para esses sujeitos é muito grande, fato não evidenciado quando se tem o cabelo liso e a cor de pele clara, comuns em pessoas brancas. Kilomba (2019) e Conceição (2018) afirmam que o racismo atua na subjetividade de negros/negras ao ponto de eles renegarem seus próprios cabelos e corpos.

Sérgio Camargo, atual presidente da Fundação Palmares<sup>17</sup>, em uma de suas falas equivocadas, infelizes, preconceituosas e discriminatórias, disse a funcionários da instituição o seguinte: "quem tem esses cabelos altos [black power] e de periferia são tudo malandro" e continuou os ataques ao cabelo crespo em sua rede social Twitter dizendo que, "Se você é preto e tem orgulho do seu cabelo, além de ridículo, será sempre um fracassado a serviço do vitimismo"<sup>18</sup>.

Situações como essas têm sido uma constância nos posicionamentos equivocados do presidente da Fundação e podem acontecer nas visões de outros negros/negras em suas relações sociais. Porém, devemos ter muito cuidado ao analisar essas falas ao pensarmos as relações raciais no Brasil e não reproduzirmos discursos distorcidos que insistem em reforçar que "o negro é racista com o próprio negro" e que tentam reforçar, também, a ideia de racismo reverso, o que não cabe ao se pensarem as relações raciais no país.

Nas palavras de Almeida (2019),

O racismo reverso seria uma espécie de "racismo ao contrário", ou seja, um racismo das minorias dirigido às majorias. Há um grande equívoco nessa ideia porque membros de grupos raciais minoritários podem até ser preconceituosos ou praticar discriminação, mas não podem impor desvantagens sociais a membros de outros grupos majoritários, seja direta, seja indiretamente. (ALMEIDA, 2019, p. 53)

Não temos a intenção de defender a figura de Sérgio Camargo e sua postura, mas procurar entender que ele, em sua em sua subjetividade, não passou por um processo de descolonização, o que possibilitaria a ele agir sem se espelhar,

---

<sup>17</sup> Fundação Palmares: "No dia 22 de agosto de 1988, o Governo Federal fundou a primeira instituição pública voltada para promoção e preservação dos valores culturais, históricos, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira: a Fundação Cultural Palmares (FCP), entidade vinculada ao Ministério da Cidadania. Ao longo dos anos, a FCP tem trabalhado para promover uma política cultural igualitária e inclusiva, que contribua para a valorização da história e das manifestações culturais e artísticas negras brasileiras como patrimônios nacionais." Disponível em: < [http://www.palmares.gov.br/?page\\_id=95](http://www.palmares.gov.br/?page_id=95) > Acessado em 22 de Ago. 2021.

<sup>18</sup> SOUTO; GERALDO, 2021. Universa Uol. Elas rebatem Sérgio Camargo e exaltam cabelo afro. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/08/31/orgulho-cabelo-afro-sergio-camargo.htm> Acessado em 31 de Ago. 2021.

segundo afirma Fanon (2020), em complexos de inferioridade impostos pelo branco colonizador: *“O colonizado tanto mais se evadirá da própria selva quanto mais adotar os valores culturais da metrópole”* (FANON, 2020, p.32).

Faz-se necessário o entendimento por parte de negros/negras da existência de uma engrenagem racista que contribui para que, em alguns momentos, negros/negras se enquadrem a padrões da branquitude achando que estão livres e até protegidos do racismo. Silva, E. S (2017) nos alerta para o fato de que assimilar valores culturais de brancos, como a cor da pele e o cabelo liso, e rejeitar o cabelo crespo e a pele preta pode ser percebido em falas de alguns negros/negras em situações diversas, e sair dessa sistemática é uma tarefa muito difícil.

A própria liberdade de manipulação de cabelos crespos e a aceitação de suas várias texturas em determinadas situações passam pela questão do adequar-se a um padrão estabelecido, aceito e imposto por brancos. Muitas vezes homens e mulheres negros/as veem na possibilidade de manipulação do cabelo uma forma também de fuga e estratégia de combate ao racismo.

A categorização negativa e desconfortável produzida pelo sentimento de “feióra” é evidenciada pela “fabricação” de uma beleza que submete as mulheres a preocupações estéticas extenuantes, já que a cada dia surgem mais normatizações que configuram o belo. Os argumentos e classificações de beleza estão inculcados de forma tão profunda, que as respostas desagradáveis estão sempre prontas, quando o modelo de corpo ou cabelo não está em conformidade com o padrão. (SILVA, E. S., 2017, p. 23)

Respostas desagradáveis como os tratamentos pejorativos ao cabelo crespo atingem desde cedo mulheres negras com mais frequência, mas homens negros não estão livres desse tratamento, pois, para além do cabelo, o que unifica homens e mulheres negras nessa luta é a prática do racismo direcionado ao cabelo crespo presente em ambos os sexos. Gomes (2008) destaca que, entre as várias práticas de violências impostas a negros/as no processo de escravização no Brasil, a raspagem do cabelo era uma delas.

Implicações relacionadas ao uso do cabelo crespo para homens, como a imposição da raspagem, atravessaram gerações, e me fazem resgatar memórias de minhas vivências na infância de homem preto e com cabelo crespo. O dia de cortar o cabelo em minha casa ficou marcado como uma experiência traumatizante. Isto porque somos quatro irmãos homens, todos com cabelo bem crespo. Pagar pela

manipulação desses cabelos era uma coisa difícil para um pai pedreiro que tinha mais cinco filhas para sustentar (ao todo somos nove filhos).

Durante muito tempo, a frase utilizada por meu pai ao chegarmos à barbearia – “Limpa tudo, pode raspar” –, ficou entranhada em minha cabeça. “Esta é a frase que grande parte das mães de meninos e jovens negros dizem ou já disseram ao levá-los na barbearia” (SILVA JÚNIOR; MELGAÇO, 2020, p. 310). Essa lembrança contribuiu de certa forma para realizar esse trabalho, que consiste na concepção de um grupo de estudo sobre racismo e o cabelo do afrodescendente na Escola Estadual Roberto Coelho Pedroso, no município de Três Rios, RJ, que foque na desconstrução dos estereótipos negativos ao cabelo crespo e na valorização desse cabelo enquanto marca identitária de um grupo.

A homens negros desde criança se impõe o ato de não realizar uma manipulação que o possibilite usar uma trança, black power ou um topete, mas sim, a imposição ou proibição de usar o cabelo da forma que se quer. Isso pode estar ligado à concepção higienista ao se referir ao cabelo crespo como sendo sujo ou maltratado e também pode ser fruto de uma sociedade em que o senso comum atribui como uma coisa “normalizada” que homens negros têm que andar de cabelo curto. Mas também não podemos esquecer que, para muitos, ter vaidade é “coisa de mulherzinha”, usando da palavra de forma pejorativa com o intuito de inferiorizar mulheres e questionar a sexualidade de homens.

A raspagem da cabeça se revela um processo de desrespeito à dignidade de pessoas quando se dá de forma obrigatória. Até pouco tempo essa prática era bem “comum” em centros socioeducativos pelo Brasil, como mostra a reportagem da Agência Estado, de 5 de agosto de 2011, reproduzida pelo site Globo.com na mesma data com o título: “Fundação Casa é proibida de raspar cabelo de internos”.<sup>19</sup>

Essa prática é costumeira também em presídios, o que contribui para estigmatizar o careca como “marginal” ou “criminoso”, entre outros termos que associam o homem negro à violência social.

Almeida (2019) destaca que

---

<sup>19</sup> Disponível em <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/08/fundacao-casa-e-proibida-de-raspar-cabelo-de-internos-em-sp.html>. Acesso em 20/9/2021.

A expulsão escolar, a pobreza endêmica, a negligência com a saúde da mulher negra e a interdição da identidade negra seriam, juntamente com o sistema prisional, partes de uma engrenagem social de dor e morte. (ALMEIDA, 2019, p. 124)

A marginalização de homens negros é alimentada por uma política de morte institucionalizada promovida pelo Estado, que se ausenta de suas responsabilidades de fornecer educação de qualidade, condições dignas de moradia e alimentação, bem como acesso à cultura. Essa situação contribui para altos índices de violências sofridas pela população negra brasileira, o que pode ser evidenciado no último “Atlas da violência no Brasil”, que confirma que jovens negros/negras estão no topo da lista quando se fala de vítimas de crimes como homicídios, se comparados a não negros, ou seja, os dados mostram a continuidade do genocídio da população negra brasileira (CERQUEIRA, 2021, p.49).

Cabe ainda ressaltar o papel que a mídia, a televisão e o cinema exercem na construção de imagens negativas de homens e mulheres negras. Novelas brasileiras raramente apresentam um protagonista negro. Atores e atrizes negras ainda recebem personagens hiper sexualizados, o que alimenta o mito da virilidade negra, e também personagens ligados à violência como os traficantes, assaltantes, agressores, ou seja, papéis que contribuem para construções negativas sobre corpos negros em suas vivências diárias.

No âmbito das representações, do imaginário popular, o lugar do negro está fadado a estereótipos e estigmas negativos que desvalorizam a identidade negra. E isto, por sua vez, acarreta na maneira pela qual a pessoa negra se enxerga enquanto ser humano. (SILVA JÚNIOR; MELGAÇO, 2020, p. 315)

Representações que inferiorizam, silenciamento, invisibilidade, rejeição, violência, todas essas palavras surgem ao se pensarem as implicações do corpo e do cabelo do negro na sociedade brasileira.

E refletir sobre o cabelo crespo masculino e suas implicações no ambiente escolar também se faz necessário, visto que problemas como o racismo, preconceito e discriminação relacionados ao cabelo crespo no que diz respeito aos estereótipos negativos atribuídos a ele atingem tanto mulheres como homens negros, tanto alunas como alunos, não só na escola, mas em toda sociedade brasileira.

### 2.3 A importância do cabelo para mulheres e homens negros

[...] Pente e garfo no cabelo  
 Ajeitei já tá pra cima  
 Agradeço no espelho  
 O poder da melanina  
 Pra assumir nossas raízes  
 É preciso ter coragem  
 Viva nossa atitude  
 De mostrar nossa verdade [...] <sup>20</sup>

Negros e negras condicionados/as ao processo de colonização e escravização foram ensinados enquanto sujeitos a se odiarem: odiarem seu corpo, seu cabelo, seus lábios, a cor de sua pele. Ao analisarmos o trecho da letra da música “Identidade”, composta e cantada por Alessandra Crispin<sup>21</sup>, percebemos a importância do cabelo na identificação da negritude e como instrumento de combate ao racismo, ao preconceito e à discriminação. Porém, a música vai além do cabelo para formação identitária; os versos trazem também a importância das raízes (ancestralidade africana), da coragem em se aceitar e da atitude para combater todas as dificuldades e entraves impostos pelo racismo estrutural de nossa sociedade.

De acordo com Munanga (2009), em seu livro *Negritude: usos e sentidos*,

A negritude e/ou a identidade negra se referem à história comum que liga de uma maneira ou de outra todos os grupos humanos que o olhar do mundo ocidental “branco” reuniu sob o nome de negros. A negritude não se refere somente à cultura dos povos portadores de pele negra que de fato são culturalmente diferentes. Na realidade, o que esses grupos humanos têm em comum não é, como parece indicar, o termo Negritude à cor da pele, mas sim o fato de terem sido na história vítimas das piores tentativas de desumanização e de terem sido suas culturas não apenas objeto de políticas sistêmicas de destruição, mas, mais que isso, de ter sido simplesmente negada a existência dessas culturas. (MUNANGA, 2009, p. 20)

Nesse sentido, a luta por combater todo tipo de discriminação vai além da cor da pele, do corpo e dos traços negroides. É preciso buscar uma unidade em relação

<sup>20</sup> Música de Alessandra Crispin. Identidade. Disponível em <<https://www.musixmatch.com/pt-br/letras/Alessandra-Crispin/Identidade>> Acessado em 20 de Ago. 2021.

<sup>21</sup> “Alessandra Crispin é cantora, compositora e instrumentista de Juiz de Fora – MG. A ex-participante do programa The Voice Brasil possui uma voz aveludada, simpatia e muito swing. Esses são alguns dos elementos que compõem o talento da musicista que é formada na Faculdade de Música Popular Bituca em Canto Popular Brasileira.” Disponível em: <<https://br.linkedin.com/in/alessandra-crispin-7a888331>> Acessado em: 19 de Set. 2021.

à criação de estratégias que busquem minar toda tentativa de retirada da humanidade de sujeitos negros/negras imposto pela colonização que atuou no psicológico de pessoas fazendo com que elas se detestassem, pois, como escreve bell hooks (1968), em seu texto “Vivendo de amor”, traduzido por Maísa Mendonça ao site Geledés em 9 de março de 2010, “a opressão e a exploração distorcem e impedem a nossa capacidade de se amar.” (HOOKS, 1968)

Kilomba (2019), quando trata da máscara do silenciamento, objeto usado para impedir que negros se alimentassem e impedir qualquer forma de questionamento ao processo de escravização, afirma que os efeitos da máscara promoviam muito mais: o rosto encoberto impedia negros/negras de mostrarem suas emoções, um sorriso, mesmo num ambiente de sofrimento e violações, e impedia de refletir sua beleza. A máscara tira muito mais que a fala, tira a sua vontade de viver amorosamente porque ela encobre o que você é (KILOMBA, 2019, p. 33).

Atualmente, a máscara citada por Grada Kilomba não está em uso em nossa sociedade, mas outras estratégias se perpetuaram no que diz respeito ao silenciamento da população negra, dando continuidade às imposições dos padrões ditados e aceitos, usando sujeitos brancos como referenciais. Essa máscara continua a silenciar corpos pretos e cabelos de pretos, com as imposições ou os enquadramentos a eles exigidos.

Criar padrões pode limitar possibilidades de aceitação de negros/negras tanto fisicamente, mas também mentalmente. Assumir seus cabelos crespos e sua beleza, além de ser um ato político para comunidades negras, é também uma das formas de combater toda opressão, e lutar pela busca pela liberdade; é buscar desconstruir-se enquanto sujeito que se espelha em outros para viver e ser aceito em contextos sociais.

Negar qualquer tipo de imposição ou enquadramento imposto pelo branco europeu desde o processo de escravização e seus reflexos até os dias atuais é o caminho essencial para o amor a seu próprio corpo, cabelo, imagem. Entender e deixar de lado os resquícios negativos do processo colonial é o caminho para que negros/negras possam se aceitar da forma que são. Nas palavras de Santos, M. A (2017), “É na sua aceitação pessoal e coletiva que negros/negras se afirmam culturalmente, moralmente, fisicamente e psiquicamente.” (SANTOS, M, A, 2017, p. 66).

O cabelo crespo, objeto desse trabalho, deve ser entendido como uma das ferramentas de luta e combate ao racismo. Isso se dará de forma que possamos desconstruir as representações negativas relacionadas ao cabelo crespo e, ao mesmo tempo, possibilitar que sujeitos em sua construção identitária possam valorizar sua história, culturas, vivências com o intuito de positivar e motivar a construção da negritude e que essa seja de forma positiva.

Para isso, é preciso que negros/negras ocupem espaços de representatividade e poder; é preciso se enxergar enquanto sujeitos cheios de beleza e que essa surja de dentro para fora. A representatividade reivindicada aqui, isto é, o gosto e a importância estética e política do cabelo do afrodescendente, é só uma das bandeiras de luta carregadas pela negritude.

Em um ato de militância e atenção para com as questões raciais, o piloto de Fórmula 1 Lewis Hamilton, reservou, na noite do dia 13 de setembro de 2021, uma mesa para estilistas negros num dos bailes de gala mais famosos do mundo nos EUA, o Met Gala 2021. Hamilton justificou que o feito tinha a intenção de dar visibilidade para que profissionais negros ocupassem espaços e demonstrassem seu valor e talento em um meio da moda dominado por estilistas brancos<sup>22</sup>.

A atitude de Lewis Hamilton vai de encontro ao que precisamos para refletir sobre o racismo e combatê-lo. Nos orientando pelas palavras de hooks (1968):

As mulheres negras que escolhem (e aqui enfatizo a palavra “escolhem”) praticar a arte e o ato de amar, devem dedicar tempo e energia expressando seu amor para outras pessoas negras, conhecidas ou não. Numa sociedade racista, capitalista e patriarcal, os negros não recebem muito amor. E é importante para nós que estamos passando por um processo de descolonização, perceber como outras pessoas negras respondem ao sentir nosso carinho e amor. (HOOKS, 1968)

O piloto de Fórmula 1, com seu ato que visava representatividade e visibilidade de negros/negras, alcançou outras estratégias necessárias de combate ao racismo. Lewis Hamilton, talvez num ato consciente ou não, usou do espírito de união entre aqueles que não só pelo tom de pele, mas por serem herdeiros de toda violência e expropriação frutos da escravização e da colonização, ele dedicou seu tempo para unir aqueles que são minoria em um evento de maioria branca, que é o Met Gala 2021. Essa união pode ser interpretada como amor – amor negado a

---

<sup>22</sup> Disponível em: <https://exame.com/casual/lewis-hamilton-comprou-mesa-para-designers-negros-irem-ao-met-gala/> Acessado em 22 de Out. 2021.



negros/negras em várias sociedades, amor que, segundo hooks (1968), “é poder e cura”.

### 3 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: ABORDAGENS POSSÍVEIS NO ENSINO DE HISTÓRIA

Janice Theodoro (2015) dá início a seu capítulo “Educação para um mundo em transformação”, no livro *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*, dizendo o seguinte: “Tudo muda, a cada momento, no mundo contemporâneo. Portanto, o conceito com o qual precisamos trabalhar, atualmente, com muita desenvoltura, é o de ‘mudança’.” (THEODORO, 2015, p. 49).

A autora, dessa forma, nos alerta para as transformações ocorridas na história da humanidade e para o fato de que tais transformações modificam a forma pela qual as pessoas, cada uma no seu tempo, lidam com essas mudanças. E, ao refletirmos sobre algumas mudanças que ocorreram e ocorrem no ensino de história, não podemos dizer que elas foram radicais, mas são de grande importância, quando falamos do ensino de história da África e cultura afro-brasileira e indígena nas práticas escolares e nos currículos de história no Brasil.

Sendo a educação um terreno fértil para se discutir a questão da diversidade, e tendo sido a história ensinada nas escolas, durante muito tempo, pautada em padrões machistas, brancos, cristãos, frutos do eurocentrismo, é nesse ambiente que queremos problematizar e incentivar mudanças no que diz respeito a sujeitos que tiveram sua história suprimida de compêndios ou invisibilizada, como negros, indígenas e outros grupos sociais. (BITTENCOURT, 2018, p. 108)

Partindo de nossas vivências no ambiente escolar, uma coisa que tem incomodado muito é ver como o espaço das escolas não se preocupa com a diversidade dos seus sujeitos, nem mesmo quando pensamos de como a escola não se atenta para o fato de o quanto alunos negros e não negros, professores e funcionários convivem em ambientes onde não se sintam acolhidos e representados, o que, se fosse observado à risca, possibilitaria uma aprendizagem pela interação coletiva.

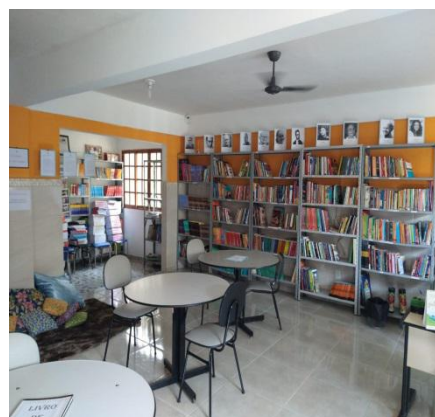
Pequenas ações podem fazer diferença, tanto para a promoção da interação entre sujeitos, mas também para silenciar alguns grupos dos espaços. Nesse sentido usaremos como exemplo uma intervenção que foi feita no Colégio Estadual Roberto Coelho Pedroso no início do ano de 2021 por funcionários da biblioteca.

A escola passou por uma reforma do espaço físico visando à preparação de um retorno das aulas presenciais, pois uma das medidas para impedir a propagação do vírus SARS-CoV-2, o vírus causador da COVID-19, que levou a OMS a declarar que vivemos uma pandemia mundial, foi a suspensão das aulas presenciais para minimizar o risco de infecção para alunos, professores e funcionários de escolas.

A reforma contemplou a biblioteca do Roberto Coelho Pedroso, onde foram trocadas mesas e cadeiras para leitura, foi feita uma ampliação do espaço e instaladas prateleiras novas, entre outras modificações. Ao retornar ao ambiente escolar em agosto de 2021, quando o ensino híbrido se iniciou, com alunos alternando entre o sistema remoto e o presencial, no primeiro dia em que cheguei à escola para dar aula resolvi fazer uma visita à biblioteca e me deparei com um espaço lindo e aconchegante.

Para melhor ilustrar vamos mostrar o espaço reformado e, a partir daí, refletir sobre as modificações.

Figura 3 - Imagens do antes e depois da reforma realizada na Biblioteca Prof<sup>a</sup> Leila Molina, da Escola Estadual Roberto Coelho Pedroso



Nota: Imagens do antes e depois da reforma realizada na Biblioteca Prof<sup>a</sup> Leila Molina, da Escola Estadual Roberto Coelho Pedroso.

Fonte: Foto 1 – 3/9/2019. Facebook<sup>23</sup> – 1

Fonte: Foto 2 – do autor – 2/8/2021

Como queremos evidenciar, nesse capítulo, as práticas educacionais relacionadas ao ensino de história para as relações étnico raciais no ambiente escolar, sinto-me na obrigação de refletir sobre o que chamaremos aqui de “exposição” criada com personalidades da literatura nacional para compor o

<sup>23</sup> Disponível em:<

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=2378385045748897&set=a.2332117143709021>> Acessado em: 18 de Set. 2021.

ambiente da biblioteca, iniciativa que deixa brecha para nos aprofundarmos sobre uma prática educativa para a diversidade, visto que a maioria dos escritores selecionados corresponde a um único grupo étnico, o branco, e são eles: Monteiro Lobato, Ariano Suassuna, Luiz Fernando Veríssimo, Vinícius de Moraes, Clarisse Lispector, Raquel de Queiroz, Cora Coralina e Talita Rebouças.

Dois escritores presentes na “exposição” podem ser lidos como não brancos: Machado de Assis e Mário de Andrade. Sua presença não inviabiliza uma reflexão sobre o fato de apenas dois escritores não pertencerem ao grupo étnico citado no parágrafo anterior, mas sim reforça a necessidade de questionarmos o porquê de não haver uma maior diversidade, que é nítida no ambiente da escola, quando pensamos os fazeres pedagógicos e a história dos afrodescendentes.

Ao analisar o documento das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e seus principais fundamentos, Abreu, Mattos e Dantas (2008) dizem o seguinte:

Quanto às determinações mais específicas para o ensino de história e da cultura afro-brasileira e africana, a preocupação maior é dar visibilidade à diversidade da experiência negra antes e após a diáspora, principalmente no Brasil. Em vez da mera substituição do etnocentrismo europeu pelo africano, propõe-se ampliar as balizas dos currículos escolares para a diversidade brasileira. Daí a orientação para que o ensino de história do Brasil não dê destaque aos negros e seus descendentes somente no tempo da escravidão e do ponto de vista da submissão. [...] Personagens históricos negros com diferentes inserções em seus tempos também são mencionados no documento como forma de se divulgar e estudar a participação efetiva dos africanos e seus descendentes na história do Brasil, seja na economia, na política, na cultura, na ciência, nas artes ou nos esportes. (ABREU; MATTOS; DANTAS, 2009, p. 186).

Ao buscarmos entender a criação do espaço destinado aos escritores, conversamos com alguns profissionais da biblioteca, que disseram que tinham o objetivo de homenagear alguns nomes importantes da literatura nacional e apresentá-los aos alunos, ou seja, uma forma de chamar a atenção dos frequentadores da biblioteca para aquelas personalidades.

Vemos que a ideia dos funcionários foi muito boa e pode ser utilizada para uma prática de ensino que contemple o ensino de história para a educação das relações étnico-raciais e também ampliar o conhecimento dos alunos para autores e autoras que não figuram naquele espaço da biblioteca, como, por exemplo, Carolina

Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Djamilla Ribeiro, Lázaro Ramos, Edmilson de Almeida Pereira e tantos outros autores e autoras negros, como uma ferramenta possível para se tirar da invisibilidade sujeitos a que a história, em vários momentos, destinou à invisibilidade, e contribuir para ocupação de espaços de representatividade e identidade dos leitores.

De acordo com Angela Maria Parreiras Ramos (2009),

Durante muitas décadas, os negros e negras foram retratados nas histórias infantis, como figuras ingênuas, escravos, serviçais, subalternos, desempregados, órfãos, abandonados, como coadjuvantes da ação [...] Quando eram mulheres, apareciam como cozinheiras ou lavadeiras, geralmente gordas, vistas como criadas da casa. Esses estereótipos são transmitidos tanto através de linguagem verbal, quanto da não verbal, através das ilustrações. O preconceito racial, portanto, aparece na literatura, muitas vezes camuflada, mas, que nem por isso deixa de contribuir para formação de identidades de negros e não negros. (RAMOS, 2009, p. 164).

Representações do negro de forma inferiorizada estão presentes em vários segmentos. Como exposto anteriormente, na literatura autores e autoras negras, em vários momentos, encontram-se desconhecidos de jovens no Brasil; na história, isso se dá com a invisibilidade de personagens negros que contribuíram e se destacaram como protagonistas no combate ao racismo no período escravista e no pós-abolição.

Segundo Pereira e Roza (2012), incorporar práticas pedagógicas que contemplem a diversidade cultural no ambiente escolar e fora dele são ações que podem ser significantes para desconstruir concepções que façam com que sujeitos sejam vistos à margem da história, dessa forma, contribuindo para que essa história negada há tanto tempo possa ser um orientador na construção histórica positivada de sujeitos negros em suas vivências escolares e cotidianas. (PEREIRA; ROZA, 2012, p. 91-92).

Para pensar em mobilizações e estratégias para se combater o racismo na sociedade brasileira e no meio escolar, as instituições escolares têm em mãos como uma das alternativas o uso das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. Ao mencionar o educador, o documento deixa claro que todos têm a obrigação de promover uma educação pautada nos princípios da equidade.

A escola tem papel preponderante para eliminação das discriminações e para emancipação dos grupos discriminados, ao proporcionar acesso aos

conhecimentos científicos, a registros culturais diferenciados, à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais, a conhecimentos avançados, indispensáveis para consolidação e concerto das nações como espaços democráticos e igualitários. (BRASIL, MEC, 2004, p. 15).

No entanto, o desafio de uma educação que se faça para todos sem distinção vem esbarrando em alguns problemas encontrados pelos professores no exercício de sua profissão. Citamos como exemplo a precariedade da educação, como a falta de estruturas, em algumas escolas, de material, de profissionais bem remunerados, fruto do descaso das autoridades para com a educação brasileira.

A determinação da lei acaba resultando na resistência por parte de docentes que acham difícil ou até mesmo desnecessária a introdução do conteúdo relativo às relações étnico raciais em todas as disciplinas. É preciso entender a postura desses profissionais analisando a situação de forma mais ampla. Em alguns casos, podemos perceber a dificuldade de adaptação do docente, seja ela devido à falta de qualificação, ou à falta de material para a construção do conteúdo.

Todos esses fatores já contribuem para uma desmotivação por parte do docente e, para romper com isso, faz-se necessário pensar a educação de forma que promova a igualdade, como compromisso que nos impõe situações conflituosas, de embates, além de realidades desiguais entre o público alvo, que, no trabalho proposto, são alunos, professores, famílias e a comunidade escolar de um modo geral.

GOMES e SILVA (2011), parafraseando o que Silva diz em seu texto “Prática do racismo e formação de professores” (1996), nos alertam que

[...] as práticas racistas constroem-se e são reiteradamente repetidas a partir de preconceitos, frutos da ignorância que grupos étnicos tidos como superiores têm acerca da história das organizações e modo de vida daqueles considerados inferiores. (GOMES; SILVA, 2011, p. 24).

Sendo assim, para o profissional da educação, saber conviver com a diversidade é um instrumento forte de combate ao racismo e também uma tarefa desafiadora. O educador pode até se encontrar despreparado para tal missão, mas que esteja sempre consciente do dever de buscar uma educação voltada para o combate de qualquer tipo de discriminação.

Esse desafio está sendo colocado em prática na execução desse trabalho, nas tarefas propostas aos alunos na concepção do grupo de estudo e nas reflexões

em torno da questão racial, que, no nosso caso, têm como enfoque a representatividade do negro e o cabelo afro, mas que possibilitam uma abrangência em direção às questões ligadas aos preconceitos ligados ao gênero, religiosidade, entre outros.

Daí a importância das leis 10.639/03 e 11.645/08, que, segundo Alberti (2013), são instrumentos eficazes no combate ao racismo no ambiente escolar e fora dele. Para além disso, outra questão significativa ligada à resistência por parte da escola e dos profissionais relacionadas ao ensino de história da África e cultura afro-brasileira diz respeito ao fato de estarem em jogo questões sensíveis devido aos medos e dores evidenciados nas histórias de sujeitos que foram escravizados, inferiorizados e mortos. (PEREIRA; ROZA, 2012, p. 92).

Ao analisar situações de conflito em sala de aula, onde professores, ao presenciar atitudes racistas, devem coibir essa prática, Eliane Cavalleiro (2000) chama atenção para o fato de os profissionais muitas vezes não se posicionarem e tentarem encarar o problema como se nada tivesse acontecido.

O silêncio permanente das professoras a respeito das diferenças étnicas no espaço escolar, somado ao das crianças negras, parece conferir aos alunos brancos o direito de reproduzir seus comportamentos, pois não são criticados ou denunciados, podendo utilizar essa estratégia como trunfo em qualquer situação de conflito. (CAVALLEIRO, 2000, p. 54).

Contrariamente ao silenciamento, podemos ver como uma saída a essa situação o uso do ensino de história e cultura afro-brasileira nas salas de aula, de forma a promover que os alunos vivam experiências com identidades diversas e criando estratégias para autoafirmação de sua própria identidade, respeitando as especificidades e diferenças de cada um, de forma que a socialização contribua para busca de um contexto social entre os sujeitos negros e não negros mais igualitária.

Segundo Verena Alberti (2013), vivências de experiências compartilhadas entre alunos que passam pelo racismo e os que não passam ajudam a identificar conflitos e também buscar caminhos para resolvê-los. O racismo é presente em nossa sociedade e combatê-lo é função da escola; inserir essa temática dentro de sala de aula tem que ser visto como uma das prioridades dos professores como forma de combate à discriminação racial. (ALBERTI, 2013, p. 28)

Sendo assim, retomando a ideia de mudança, acionamos Leandro Karnal (2015), ao refletir sobre o fazer histórico e a ação pedagógica e as transformações que envolvem suas práticas.

Ora, sendo o “fazer histórico” mutável no tempo, seu exercício pedagógico também o é. Eu diria que ensinar História é uma atividade submetida a duas transformações permanentes: do objeto em si e da ação pedagógica. O objeto em si (o “fazer histórico”) é transformado pelas mudanças sociais, pelas novas descobertas arqueológicas, pelo debate metodológico, pelo surgimento de novas documentações e por muitos outros motivos. A ação pedagógica muda porque mudam seus agentes: mudam professores, mudam os alunos, mudam as convenções de administração escolar e mudam os pais. (KARNAL, 2015, p. 8 - 9).

Dessa forma, a concepção de mudar o fazer histórico e o pedagógico tem que se processar de forma conjunta. O primeiro (fazer histórico) deve ser analisado não estaticamente, dando possibilidades de se pensarem sujeitos históricos como negros e indígenas, de modo que esses sejam vistos como atores que protagonizaram e protagonizam suas histórias, que, sim, sofreram, foram escravizados, mas muito mais lutaram e resistiram, o que geralmente é pouco enfatizado em livros didáticos de história e em aulas da disciplina.

Já o segundo (ação pedagógica) deve ser pautado em práticas que permitam que os alunos participem da construção dos saberes de forma que esses possam trazer conhecimento para o processo de ensino-aprendizagem. As práticas pedagógicas devem alcançar todos os sujeitos em questão, de forma que essas práticas contribuam para se respeitar cada um de seus agentes e suas subjetividades, além de fazer com que alunos façam parte do processo de construção do saber histórico.

Trabalhar temas sensíveis em sala de aula se coloca como uma tarefa difícil, o que contribui para muitas vezes não serem abordados (ALBERTI, 2013, p. 35). Quantas vezes em salas de aulas no Brasil nos deparamos com situações onde o racismo é silenciado e não discutido entre alunos, professores, equipe diretiva e funcionários dentro de instituições escolares... A diversidade ética, então, muito menos.

Nesses anos como professor de história, várias vezes pude identificar as dificuldades em conselhos de classe para docentes se referirem a alunos e alunas pela sua cor, quando eram descritos. O medo de dizer que o aluno era negro, ou até mesmo preto, se fazia presente nas falas de docentes ao identificarem o aluno não



branco ou negro retinto como “moreno”, como “escurinho”, ou como “mulato”. Para saber quem era o aluno que estava sendo avaliado no conselho, esse era o tratamento usado ao se referir a ele por parte de profissionais, e esses estavam convictos de que essa forma era uma maneira de não ofender o aluno, mas também era a estratégia para não entrar nas questões relacionadas a sua cor por ele ser negro.

Cavalleiro (2000) nos alerta para o fato de a convivência multiétnica tornar-se esquecida no ambiente escolar.

Aos poucos, é possível perceber a ausência de questionamento sobre a diversidade étnica no cotidiano escolar, quer por parte das professoras, quer por parte da coordenação pedagógica e da direção escolar, o que sinaliza o despreparo e o desinteresse da escola para lidar com essa questão. (CAVALLEIRO, 2000, p. 54).

Nesse cenário, o ensino de história e cultura afro-brasileira e história e cultura indígena ainda sofre resistência. Ao ser trabalhado, fazem-se necessárias várias estratégias; com o ensino de história, cabe ampliar o uso de fontes que contribuam para se pensar negros, indígenas e outros segmentos de uma forma não criminalizada e sim buscando torná-los visíveis e com trajetórias de conquistas e contribuição para a formação da sociedade brasileira.

Pensando em visibilidade nos remetemos à professora Maria Elena Viana Souza, que afirma a necessidade de haver professores com conhecimento sobre o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena e, somado a isso, professores que façam da prática pedagógica um ato político de comprometimento para com o combate ao racismo e toda forma de preconceito e discriminação. (SOUZA, 2013, p. 64).

Em se tratando de comprometimento, em conversas com colegas sobre a necessidade de se pensar e colocar em prática a discussão sobre o racismo no ambiente escolar, um fato me chamou a atenção na tarefa de elaboração desta concepção de grupo de estudos no Colégio Estadual Roberto Coelho Pedrosa. Voltamos para a escola no sistema híbrido em agosto de 2021 e tínhamos, entre outras, a tarefa de preparar material para os alunos que optaram por permanecer no ensino remoto. Em uma conversa com uma professora da escola sobre o meu trabalho de mestrado, ela se interessou pela temática e disse que ia elaborar alguma coisa para trabalhar com os alunos, pois, nas palavras dela, comungava da

importância de se dialogar sobre as relações étnico raciais na escola e ainda apontou que esse deveria ser um compromisso de todas as disciplinas, como aponta a Lei 10.639/03.

A coordenação pedagógica do Roberto Coelho Pedroso estabeleceu que todos os professores deveriam entregar as apostilas que serão enviadas aos alunos no mês de novembro de 2021 na última semana do mês de outubro. Assim definido, antes de enviar o seu material, a professora que mencionei anteriormente, me enviou o material preparado por ela e pediu que, se eu tivesse algum texto que a ajudasse no trabalho com os alunos, eu poderia dar minha contribuição, o que não foi necessário mediante a riqueza da apostila elaborada por ela.

A professora Thaianne Campos<sup>24</sup> ministra a disciplina “Projeto de pesquisa e intervenção”, onde os alunos recebem orientações sobre como elaborar um projeto de pesquisa escolhendo um tema e os objetivos e, após isso, problematizando o tema escolhido. O tema para pesquisa dos alunos foi um cordel extraído do livro de Jarid Arraes<sup>25</sup>, *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis* e também um artigo adaptado do site de notícias “Brasil de fato”, chamado “Começa festa nas tradições de religiões afro-brasileiras e do catolicismo: 27 de setembro é dia de São Cosme e São Damião; nas religiões de matriz africana, dia dos Ibejís”<sup>26</sup>, da assistente social Josineide Costa.

Vale a pena ressaltar que não temos a intenção, ao comentar o material elaborado, de analisar os métodos utilizados pela professora, mas o que realmente importa foram os temas trazidos para se discutir dentro do ambiente escolar. O material formulado pela professora integra o caderno de atividades entregue aos alunos no mês de novembro de 2021 e sua utilização nesse trabalho (Anexo) foi autorizada pela professora e pela equipe pedagógica da Escola Estadual Roberto Coelho Pedroso.

---

<sup>24</sup> Professora de Geografia na Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), MG.

<sup>25</sup> “Nascida em Juazeiro do Norte, na região do Cariri (CE), em 12 de fevereiro de 1991, Jarid Arraes é escritora, cordelista, poeta e autora do premiado “Redemoinho em dia quente”, vencedor do prêmio Biblioteca Nacional, do APCA de literatura na categoria contos e finalista do Prêmio Jabuti.” Disponível em: < <https://jaridarraes.com/>> Acessado em: 05 de Out. 2021.

<sup>26</sup> Brasil de Fato. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/09/26/artigo-comeca-festa-nas-tradicoes-de-religoes-afro-brasileiras-e-do-catolicismo#:~:text=27%20de%20setembro%20%C3%A9%20dia,matriz%20africana%2C%20dia%20dos%20Ibej%C3%ADs&text=A%20devo%C3%A7%C3%A3o%20aos%20santos%20Cosme,do%20dia%20de%20setembro.&text=Os%20adeptos%20do%20catolicismo%20tamb%C3%A9m,t%C3%AAm%20devo%C3%A7%C3%A3o%20a%20estes%20santos> Acessado em 05 de Out. 2021.

Temáticas como a de mulheres negras como a exemplo do cordel utilizado sobre Mariana Crioula e a festa de Cosme e Damião, santos cultuados nas religiões de matriz africana como a umbanda e o candomblé e também nas tradições da Igreja católica são temas potentes para se falar do protagonismo feminino negro, racismo religioso e trazer para a discussão o porquê da invisibilidade desses temas nas aulas de história e outras disciplinas.

No que se refere ao cordel, seu uso nas aulas de história pode servir de fontes documentais para problematizar os contextos sociais e os atores neles narrados. Para Maria Ângela de Faria Grillo:

O cordel, que através de sua narrativa conta os acontecimentos de um dado período e de um dado lugar, se transforma em memória, documento e registro da história brasileira. Tais acontecimentos recordados e reportados pelos cordelistas, que além de autor se coloca como conselheiro do povo e historiador popular, dão origem a uma crônica de sua época. (GRILLO, 2003, p. 117).

Ao introduzir o personagem de Mariana Crioula<sup>27</sup> em sala de aula tem-se também, a oportunidade de mostrar a luta de mulheres negras contra o processo escravista e também usá-la como instrumento de empoderamento feminino, papel desempenhado na atualidade por várias mulheres em movimentos sociais que objetivam combater o racismo, trazendo à tona toda a trajetória de histórias e ancestralidade de mulheres negras do passado e ainda presentes na sociedade brasileira.

Portanto, é importante ressaltar aqui o reconhecimento da luta de quem veio primeiro, de quem abriu os caminhos, para que hoje tivéssemos legitimidade em nossas reflexões. Quem resistiu nos quilombos, nas senzalas, nos terreiros e em cada pedaço de terra pisada pelos africanos na diáspora e pela resistência de Maria Congo, Firmina, Dandara, Aquotirene, Carolina Maria de Jesus, Aqualtune, Zeferina, Luiza Bairros... (LOPES; FIGUEIREDO, 2018, p. 4).

Dessa forma, ocultar ou simplesmente deixar de lado atores que contribuem para a ressignificação da história e cultura do afrodescendente no ambiente escolar só reforça práticas e posturas racistas por parte de todos os envolvidos no processo

---

<sup>27</sup> “Escravizada e quilombola. Participou da fuga liderada pelo escravo Manuel Congo, em 1838, considerada uma das maiores fugas de escravos da região fluminense. Foi aclamada ‘rainha’ do quilombo formado pelos fugitivos, na serra da Mantiqueira. Foi presa quando do ataque por tropas da Guarda Nacional, tendo, no entanto, resistido bravamente.” Disponível em: < <http://www.mulher500.org.br/mariana-crioula-sec-xix/>> Acessado em 10 de Out. 2021.

educativo. A postura da professora ao trazer temáticas que, em muitos momentos, têm sido motivo de resistência por parte de educadores na escola contribui para a construção de projetos educacionais que visem a diversidade e a promoção da equidade.

Além do mais, trabalhar com elementos culturais como a diversidade religiosa presente nas comemorações de Cosme e Damião ajuda no combate a toda e qualquer forma de intolerância religiosa, que é uma realidade em escolas, comunidades e outras instituições e possibilita outras leituras no que diz respeito à religiosidade brasileira tão plural e que deve ser respeitada.

O que queremos mostrar aqui são possibilidades de práticas educativas onde seja levado em conta o trabalho conjunto entre várias disciplinas, valorizando uma proposta de projeto que valorize a democracia no sentido que essa seja promotora de respeito às diferenças, mas muito mais importante é que educadores assumam a postura de ter a educação para as relações étnico raciais e o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena como bandeiras de luta onde esse profissional esteja inserido e comprometido. (GOMES; SILVA, 2011, p. 16).

Trabalhar a educação para as relações étnico raciais não é só um compromisso da disciplina história. A necessidade de ampliação para outras disciplinas deve ser uma realidade, porém sabemos que isso depende do comprometimento dos professores em entender a necessidade de que sua prática educacional deva abranger a diversidade real das salas de aulas de escolas públicas do Brasil, em que, em sua maioria, se encontram alunos não brancos. (PEREIRA; ROZA, 2012, p.90).

Nesse sentido, o maior desafio é criar estratégias que contribuam para nos enxergarmos, professores, alunos, funcionários, ou seja, toda a comunidade escolar, com mais equidade, devendo ser um compromisso assumido por profissionais da educação, especialmente do professor, ao lançar-se na construção do saber em suas aulas como um mediador de conteúdo, mas também um pesquisador que possa fazer da história uma ação modificadora de realidades.

Com base no que foi apresentado, percebemos a necessidade de um pensar a história de forma a problematizá-la e trazendo para a escola questões sensíveis que envolvem conflitos, como o racismo, que deve ser tratado com cuidado “respeitando os alunos, que podem ser mobilizados sem ser traumatizados” (ALBERTI, 2016, p.41), e pensar essas questões como possibilidades de soluções

para a promoção de uma escola múltipla que possa atender às necessidades de seus alunos, professores e funcionários com igualdade e respeito, onde todos sejam representados nas relações sociais e étnico-raciais.

#### 4 O COLÉGIO ESTADUAL ROBERTO COELHO PEDROSO E A CONCEPÇÃO DO GRUPO DE ESTUDOS SOBRE O CABELO

Pensar na criação de um grupo de estudos sobre o cabelo afro no Colégio Estadual Roberto Coelho Pedrosa surge das minhas inquietações enquanto professor de história da escola ao observar as várias maneiras pelas quais os alunos e as alunas (negros/as ou não) se apresentam esteticamente com relação aos seus usos e manipulações capilares.

Sendo a escola um ambiente diverso e de múltiplas identidades, comecei a me questionar até que ponto essa diversidade estava sendo respeitada, evidenciada e também até que ponto os usos do cabelo poderiam ser utilizados como ferramenta de autoafirmação, empoderamento e instrumento de combate do racismo e promoção da igualdade na sociedade e no ambiente escolar.

Orientando-nos pelos conceitos de Silvio Almeida em seu livro *Racismo estrutural*,

Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. (ALMEIDA, 2019, p. 32).

Partindo dessas indagações tive a ideia de conceber um grupo de estudos com alunos e alunas do Colégio Estadual Roberto Coelho Pedrosa, em Três Rios, RJ, em que as ações nesse grupo de estudos terão o propósito de refletir, através do cabelo, sobre as identidades dos grupos envolvidos, tendo em vista as várias formas de cortes, penteados, tonalidades, entre outros, utilizados por alunos, alunas, professores e professoras, e também trazer à tona a discussão da temática racial, muitas vezes silenciada dentro do ambiente escolar.

O grupo de estudos terá como finalidade poder dar oportunidade de alunos e alunas se posicionarem não só sobre seus usos e manipulações capilares, mas também colocar em evidência, no ambiente escolar, a temática do racismo, de forma que os próprios possam partir de suas experiências e vivências para combatê-lo.

Grada Kilomba, no prefácio da edição de 2020 publicada pela editora Ubu do livro *Pele negra, máscaras brancas* de Frantz Fanon (publicado pela primeira vez em

1952), remete ao que ela chamou de “princípio da ausência”. Em suas palavras, trata-se do

princípio no qual quem existe deixa de existir. E é com este princípio da ausência que espaços brancos são mantidos brancos, que por sua vez tornam a branquitude a norma nacional. A norma e a normalidade, que perigosamente indicam quem pode representar a verdadeira existência humana. Só uma política de cotas é que pode tornar o ausente existente. (KILOMBA, 2020, p.15)

Ao analisarmos essa citação, percebemos que a escola em suas representações internas, ou seja, materiais pedagógicos, apelidos racistas, postos de comando, se mantém branca, mesmo com a presença de negros em números expressivos. Essa é uma das estratégias de uma engrenagem maior que invisibiliza e oculta a imagem e a presença do negro, pois ele está presente nesse espaço escolar, mas não se dá a devida importância a sua presença, o que pode favorecer a manutenção de um imaginário coletivo onde padrões de beleza, cargos importantes estarão sempre associados aos sujeitos brancos como padrão social.

Essa ausência de sujeitos que a escola promove pode ser contornada, ou minimizada, com as ações que serão realizadas no grupo de estudos, pois ele terá como proposta ouvir o que todos os atores sociais envolvidos têm para falar, no caso alunos e alunas, o que não impede que ele também seja um canal de debate que envolva professores, direção, funcionários e até mesmo a comunidade escolar mais ampla – famílias, vizinhança etc.

O objetivo é que o grupo, quando implantado, proporcione um protagonismo aos alunos e às alunas na busca pelo autorreconhecimento, um bom relacionamento com as pessoas ao seu redor e a apropriação do ambiente em que estão inseridos e inseridas. Ou seja, a ideia é que o grupo permita a estudantes que pertençam efetivamente à escola e busquem as mudanças necessárias nas relações de convivência com vários grupos, de forma que esses possam respeitar a diversidade na sociedade brasileira.

Sociedade brasileira em que o cabelo e a cor da pele se apresentam como critérios significativos para se classificar indivíduos como brancos e negros. Essas duas marcas identitárias em vários momentos servem para diferenciar e racializar as pessoas, ainda que o branco geralmente não o seja, além de definir o lugar que elas

ocupam no contexto social. O cabelo do negro, quando é estigmatizado como “ruim”, pode trazer trauma, inclusive na escola.

No Brasil, o racismo, a discriminação e o preconceito racial que incidem sobre os negros ocorrem não somente em decorrência de um pertencimento étnico expresso na vida, nos costumes, nas tradições e na história desse grupo, mas pela conjunção desse pertencimento com a presença de sinais diacríticos, inscritos no corpo. Esses sinais remetem a uma ancestralidade negra e africana que se deseja ocultar e/ou negar. Além disso, são vistos como marcas de inferioridade. A presença desses sinais é rejeitada pelo ideal de branqueamento e tratada de maneira eufemística no mito da democracia racial. (GOMES, 2008, p. 31-32)

Por isso, almeja-se, com esse trabalho, discutir sobre o cabelo afro com alunos e alunas, de maneira que as reflexões que serão feitas em forma de discussões, atividades, músicas, dentre outras proposições que surjam, possam auxiliá-los e auxiliá-las a lidarem com seus próprios cabelos e a respeitarem os cabelos de outros alunos e alunas, sejam eles afro ou não. Criaremos estratégias de valorização do cabelo, examinando-o nas diferenças culturais existentes no Brasil e em sociedades africanas, construindo, assim, ferramentas para se pensar uma sociedade onde seja possível a promoção da igualdade racial e o combate a práticas racistas.

#### **4.1 O Colégio Estadual Roberto Coelho Pedroso como espaço de reflexão das relações étnico-raciais**

O Colégio Estadual Roberto Coelho Pedroso encontra-se localizado na avenida Ruy Barbosa, número 350, no bairro do Cantagalo, no município de Três Rios, no estado do Rio de Janeiro. Ele foi fundado no dia 06 de janeiro do ano de 1969 – Decreto Lei nº 13.808, publicado no Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro.

O nome da escola é uma homenagem a Roberto Coelho Pedroso, jogador de futebol e voleibol do América Futebol Clube de Três Rios falecido aos 17 anos, em janeiro de 1957, depois de ter caído de uma mangueira que ficava no quintal de sua casa. A família era proprietária do terreno onde a escola está hoje e doou o mesmo para a construção da antiga Escola Municipal Nossa Senhora da Piedade, que logo



se transformou no Colégio Estadual Roberto Coelho Pedroso.

Segue abaixo uma cópia do primeiro número do *RCP em Foco*, de setembro de 2014, jornal produzido por uma professora da escola que não se encontra mais no quadro de funcionários e que serviu de fonte para as informações sobre a criação da escola, um dos únicos registros, conforme dados da direção.

Figura 4 – Capa do Jornal RCP em Foco



Fonte: Arquivo da Escola Estadual Roberto Coelho Pedroso.

A escola está localizada no Cantagalo, e atende a estudantes cuja “renda média familiar gira em torno de um a três salários mínimos e cujos responsáveis têm, em média, uma escolaridade até o Ensino Fundamental.”<sup>28</sup>

O bairro Cantagalo está dividido em duas partes, uma residencial, com pouco comércio para o atendimento à população; e outra formada por fábricas de pequeno e médio porte, com a produção de painéis, mármore, lajes, parafusos, sorvete, água, jeans e plásticos, revenda de cimento e reparos de vagões de trem e orelhões. A distribuição de água e a infraestrutura de esgoto são feitas pela empresa

<sup>28</sup> Dados extraídos do Plano Político Pedagógico (2019) da Escola Estadual Roberto Coelho Pedroso, onde o documento original se encontra arquivado.

SAAETRI (Serviço Autônomo de Água e Esgoto de Três Rios)<sup>29</sup> e o fornecimento de luz, pela empresa Light Serviços de Eletricidade S.A.<sup>30</sup>.

Quanto ao transporte, é bem atendido, pois tem linha de ônibus que circula de 20 em 20 minutos, ficando a aproximadamente 10 a 15 minutos do centro da cidade. Ao redor do colégio existem também duas escolas municipais, que atendem o primeiro segmento do Ensino Fundamental; mais uma estadual, que atende o segundo segmento e Ensino Médio, e um Instituto de Educação, que oferece o Curso de Formação de Professores e o primeiro segmento do Ensino Fundamental.

Com relação à estrutura e ao funcionamento do Colégio Estadual Roberto Coelho Pedroso, temos um público de 245 alunos e alunas que são distribuídos entre o Ensino Médio Regular, com turmas de 1º, 2º e 3º anos, e também o Ensino Médio Técnico em Administração 1º, 2º e 3º anos, com ênfase em Empreendedorismo<sup>31</sup>.

Com relação ao espaço físico, a escola ocupa grande área murada e compõe três prédios. O prédio 1 é composto por seis salas de aula climatizadas e com capacidade para 31 alunos cada; três banheiros – um masculino, outro feminino e um destinado a professores –; um laboratório de informática e um bebedouro.

O prédio 2 possui um refeitório com espaço para alimentação dos alunos e uma cozinha industrial; sala dos professores; sala da coordenação; sala da direção; uma secretaria destinada ao atendimento ao público, além de uma biblioteca com espaço para estudo dos alunos, uma sala destinada ao grêmio estudantil e outra ao xerox. O prédio 3 é composto por quatro salas de aula climatizadas com capacidade cada uma para 31 alunos, três banheiros – masculino e feminino destinado a alunos e um terceiro para professores. Também nesse prédio encontra-se uma sala de vídeo com capacidade para 30 alunos, com equipamentos de TV, data show, caixa de som e internet.

---

<sup>29</sup> SAAETRI – Serviço Autônomo de Água e Esgoto de Três Rios. Disponível em:< <https://www.saaetri.com.br/historia>> Acessado em 24 de Out. 2021.

<sup>30</sup> Light Serviços Eletricidade S.A – Disponível em:< <http://www.light.com.br/grupo-light/Quem-Somos/historia-da-light.aspx>> Acessado em 24 de Out. 2021.

<sup>31</sup> Implantado no Colégio Estadual Roberto Coelho Pedroso em 2018, o ensino médio técnico com ênfase em empreendedorismo visa a preparação dos alunos na proposta de ensino que os oriente para o mundo do trabalho. Conta com disciplinas complementares como “projeto de vida” e “mundo do trabalho”, “projeto de intervenção e pesquisa” (Gestão de projetos). A escola já desenvolveu duas feiras de empreendedorismo onde foram oferecidas oficinas de profissionais de várias áreas, além de palestras com empreendedores locais. Disponível em:< <https://www.facebook.com/photo/?fbid=484231445424005&set=pcb.484236958756787>> Acessado em 23 de Out. 2021.

Desde o ano 2013, quando entrei na escola como professor de história efetivo, o Roberto Coelho Pedroso se mostra um colégio bem ativo no que diz respeito às atividades extracurriculares e interdisciplinares realizadas com e pelos alunos e alunas. Entre essas atividades podemos citar a oficina de Português, no ano de 2013; a Festa da Consciência Negra, em novembro de 2013, que promoveu o desfile da beleza negra; o projeto musical Enea – “Eu não espero acontecer”, em dezembro de 2016, onde alunos de escolas públicas da cidade de Três Rios faziam parte de uma fanfarra que ensaiava na escola Roberto Coelho Pedroso.

Também foram realizados projetos como Escola sem Aedes, em 2017, que visava medidas de combate ao mosquito *Aedes aegypti*, responsável pela transmissão das doenças dengue, zika e chikungunya, e o Café com História, em 2018, evento que contava com uma programação que se iniciava com um café da manhã, seguido de uma série de atividades orientadas pelos professores, mas de total execução e elaboração dos alunos, que envolviam palestras, poesia, danças e músicas, entre outras.

Todos os projetos executados na escola até 2017 foram expostos num *blog* chamado “Sempre mais educação - BLOG DO C.E. ROBERTO COELHO PEDROSO” - Iluminando pensamentos e preparando para a vida”<sup>32</sup>, que esteve ativo na escola durante os anos de 2013 a 2017, com verba de financiamento do Programa Mais Educação do Ministério da Educação e Cultura – MEC<sup>33</sup>.

Um fato que chama atenção é que, entre as atividades listadas anteriormente, somente duas se direcionaram à educação para as relações étnico-raciais, que foi a Festa da Consciência Negra, em 2013, e o Café com História, no ano de 2018, fato esse que contribui para evidenciar projetos ligados à educação antirracista na escola. A concepção do grupo de estudos aqui proposta objetiva ser mais uma contribuição para conscientização e o combate do racismo na escola .

No ano de 2018, foi realizada uma atividade na escola chamada II Festa Cultural do RCP (Roberto Coelho Pedroso), com o tema “Brasil e seus diversos ritmos”. Os alunos foram divididos em equipes e a proposta era de que cada grupo

---

<sup>32</sup> Sempre mais educação - BLOG DO C.E. ROBERTO COELHO PEDROSO "Iluminando pensamentos e preparando para a vida. Disponível em: <http://sempremaiseducacao.blogspot.com/2013/> Acessado em 31 de Mar. 2021.

<sup>33</sup> Ministério da Educação e Cultura. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao/apresentacao?id=16689#:~:text=O%20Programa%20Mais%20Educa%C3%A7%C3%A3o%2C%20criado,jornada%20escolar%20nas%20escolas%20p%C3%ABlicas%2C> . Acessado em 31 de Mar. 2021.

puдesse montar uma apresentao de algum ritmo musical presente na cultura brasileira e tambem que fosse feita a montagem de um stand que representava o ritmo escolhido.

Tivemos vrias apresentaoes com alunos da escola e tambem com grupos de artistas convidados. Todos apresentaram performances com ritmos como forró, funk, rock, hip hop. Teve dança de salão representada por dançarinos do grupo Academia Sandro Santos de Trs Rios. No entanto, o momento de grande efervescncia da noite ficou por conta do Grmio Recreativo e Escola de Samba (GRES) Bambas do Ritmo.

Situado no municpio de Trs Rios, o GRES Bambas do Ritmo  uma escola de samba criada em 1964 e possui sua quadra a 140 metros da Escola Roberto Coelho Pedroso. A escola, cujas cores são vermelho e branco, possui como seu smbolo o desenho de um ritmista negro tocando tamborim e vestido com as cores da escola.

Figura 5 – Logomarca do G.R.E.S Bambas do Ritmo



Fonte: Foto facebook. Disponvel em:

<<https://www.facebook.com/eusoubambas/photos/a.1749798181988787/1749798195322119/>> Acessado em 26 de Mai. 2021.

O Bambas se tornou um ponto de referncia no que diz respeito  cultura e ao lazer no bairro Cantagalo, pois não se limita aos eventos relacionados ao mês em que acontece o carnaval. Durante o ano todo, a escola promove eventos como shows de pagode, feijoadas, entre outros, que movimentam a diversão para as

pessoas do bairro.

Em seus enredos para a disputa dos carnavais, a presença de elementos da cultura afro-brasileira se evidenciou em vários momentos da história da escola, como, por exemplo, o enredo “Miscigenação”, de 2018, que canta a participação de negros, indígenas e europeus na formação da sociedade brasileira – entretanto, não se problematiza a questão de que essa mistura contribuiu para “justificar” a não existência do racismo no Brasil, reforçando, na verdade, o mito da democracia racial, como podemos observar logo abaixo:

[...] O relicário, é benção, é sina  
Somos a raça das raças, arco íris que congira  
O prisma dessa luz divina  
Terra de bambas e do samba herança original  
Sou puro ritmo de alma carnaval [...] <sup>34</sup>

Em contrapartida, um outro enredo, intitulado "Sob a luz do luar", de 2020, com referências a religiões de matriz africana como a umbanda e candomblé em sua letra, pode contribuir, se for trabalhada, para o combate à intolerância e para dar visibilidade e respeito a essas religiões tão discriminadas em nossa sociedade.

[...] Ogum IÊ, Ogum IÊ Ô  
Vem me valer, São Jorge Protetor  
Ogum IÊ, Ogum IÊ Ô  
É hora de vencer, o Bambas chegou! [...] <sup>35</sup>

Um fato que chama atenção é que as letras dos sambas são comentadas pelos alunos em sala de aula ou nos intervalos recreativos do colégio Roberto Coelho Pedroso. A escolha do samba enredo sempre é motivo de conversas nos corredores e em vários momentos o significado das palavras que compõem as letras dos sambas são motivo de curiosidade entre alunos e alunas.

Em vários momentos, os comentários vêm carregados de preconceito aos termos, pois grande parte do público discente frequenta religiões evangélicas, e as associações das religiões de matriz africana a algo demoníaco levam a frases ditas pelos alunos e alunas como “está amarrado em nome de Jesus”, ou “está

<sup>34</sup> Parte da letra do samba enredo do G.R.E.S Bambas do Ritmo 2018 com o título “Miscigenação”. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=w4IYZ8NoMow> > Acessado em: 26 de Mai. 2021.

<sup>35</sup> Parte da letra do samba enredo do G.R.E.S Bambas do Ritmo 2020 com o título “Sob a luz do luar”. Disponível em: <<https://www.entreriosjornal.com.br/noticia-bambas-ja-tem-samba-de-enredo-para-o-carnaval-2020-73738> . Acessado em: 26 de Mai. 2021.

repreendido”<sup>36</sup>, que soam como formas pejorativas ao se referirem a palavras como “Ogum”, do samba enredo citado anteriormente.

Mesmo assim, a escola de samba se faz presente no ambiente escolar e prova disso foi a receptividade por parte da comunidade escolar na II Festa Cultural RCP, onde a escola de samba se apresentou, levando o casal de mestre sala e porta bandeira, passistas e sua bateria. Alguns alunos do Roberto Coelho Pedroso são componentes da escola de samba, a grande maioria, ritmistas tocando diversos instrumentos.

Figura 6 – II Festa Cultural RCP



Fonte: Imagens do facebook do Colégio Estadual Roberto Coelho Pedroso. Disponível em: <  
<https://www.facebook.com/photo?fbid=458434334670383&set=pcb.458437778003372>> Acessado em 26 de Mai. 2021.

Percebemos dessa forma o encontro entre a educação formal, aquela produzida no ambiente escolar, com a educação em espaços informais de aprendizado, pois a presença do G.R.E.S Bambas do Ritmo no C.E Roberto Coelho Pedroso se configura como uma apresentação de um grupo carnavalesco que evidencia elementos culturais e históricos dos afrodescendentes e contribui para a

<sup>36</sup> Expressão popular que se diz quando não se quer que algo aconteça, desejando que essa coisa vá para longe; o mesmo que "Deus me livre", "tá amarrado". Disponível em:<  
<https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/t%C3%A1%20repreendido/17532/>> Acessado em: 26 de Mai. 2021.

construção de aprendizados produzidos em outros espaços na formação social dos alunos e alunas.

A escola de samba se apresenta como um lugar de circulação de pessoas da comunidade negra, sendo que os sambas enredos podem ser uma forma de problematizar, ressignificar, quebrar preconceitos relacionados ao racismo, ao preconceito religioso, a qualquer forma de discriminação que em vários momentos deixam de ser pontuados dentro da escola formal.

Por isso, falar de racismo é relevante na escola, na família, na sociedade de um modo geral, pois mascarar essa realidade só nos traz a um retrocesso vivenciado por todos mediante as ações de governos, como o atual, no Brasil, que insiste em reforçar a inexistência de um dos grandes problemas da atual conjuntura.

Como alerta Nilma Lino Gomes (2003), no seu artigo Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo:

As escolas que percebem a importância de um trabalho coordenado com a comunidade, os movimentos sociais e profissionais negros que lidam no seu cotidiano com a questão racial, abrem as suas portas para um trabalho conjunto. É nesse momento que a articulação entre os espaços escolares e não escolares pode acontecer. (GOMES, 2003, p. 179)

Nesse sentido, buscamos com esse trabalho a possibilidade de um olhar mais cuidadoso relacionado à questão racial e ao cabelo do afrodescendente, não só inserindo-o no ambiente escolar, mas que esse ultrapasse os muros da escola e contribua para a visibilidade de negros e negras, para que, a partir de suas especificidades, possam refletir sobre a história dos seus antepassados como contribuintes da formação social brasileira e seus reflexos positivos na atualidade.

Dar continuidade a essas mudanças é um exercício constante e é nessa proposta que se situa esse trabalho, com a intenção de se posicionar favoravelmente à democratização das relações sociais e ao fim da desigualdade racial (SANTOS, 2009.p.82).

## 4.2 O público alvo e o espaço de encontro do grupo no ambiente escolar

As atividades do grupo têm como público alvo os alunos e alunas do 1º, 2º e 3º anos do ensino médio regular e médio integral, colocadas em prática no ambiente virtual através da plataforma *Google Classroom*. O público poderão ser alunos e alunas negros/as ou não, que se mostrarem interessados pela temática e com idade variando entre os 13 e 18 anos.

A relação educador-educandos no grupo de estudos deverá ser pautada na troca de experiência, vivências e saberes e sempre visando o protagonismo do aluno nas realizações das tarefas.

Inspirado na visão de Paulo Freire relacionado a uma educação libertadora,

“Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também.” (FREIRE, 1987, p. 38).

Além do protagonismo dos e das estudantes no processo de criação das atividades, achamos interessante também dar um destaque ao lugar onde se estabelecerão os encontros, ou seja, o espaço físico. Inicialmente o grupo de estudo foi pensado de forma que suas atividades fossem colocadas em prática no próprio ambiente da escola. Os encontros seriam realizados na sala destinada ao grêmio estudantil e no contraturno das atividades escolares, ou seja, depois dos horários regulares das aulas.

Esse espaço físico seria pensado não só como um espaço destinado a conversas e reflexões sobre a questão racial, mas também um espaço que fosse de pertencimento dos alunos e alunas, que guardasse um valor afetivo e que permitisse a apropriação por eles como seu, onde a familiaridade com o local e o tema seria contribuinte para se pensar em estratégias de combater qualquer prática discriminatória.

No entanto, essa opção de encontros presenciais com o grupo de estudos foi repensada para a concepção do grupo de estudos devido à pandemia da Covid 19, ou pandemia de Coronavírus, que está em curso no mundo desde o final do ano de 2019, situação essa grave conforme a Organização Mundial de Saúde (OMS). Esse cenário gera a necessidade de se fazer o isolamento social para se conter a



propagação do vírus, acarretando, com isso, a suspensão das aulas presenciais na maioria das instituições escolares.

Com tudo isso, a opção mais coerente para nos precavermos dos riscos de infecção pelo Covid-19 foi idealizar o grupo de estudos de forma que, quando ele seja colocado em prática, sua execução possa ser feita de forma remota, e o recurso utilizado para tal feito é a plataforma *Google Classroom*, uma ferramenta *on line* que possibilita a criação de uma sala de aula virtual, onde professores e alunos possam interagir de forma organizada, com publicações de vídeos, textos, imagens, áudios e também aulas em tempo real.

A utilização da plataforma *Google Classroom* foi permitida pelo Conselho Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro em 23 de março de 2020 e colocada em vigor pela Secretaria Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro a partir do dia 17 de julho de 2020, data em que o uso do ensino remoto teve início em todas escolas estaduais do estado do Rio de Janeiro, fato que facilita a inserção da plataforma nesse projeto, visto que ela se tornou um instrumento institucional das relações de ensino-aprendizagem em tempos de ensino remoto.

Após a definição desse espaço virtual, partiremos para a criação de um esboço de como o grupo pode ser colocado em prática. Para que isso seja possível, se faz necessário estabelecer metas claras, proveniente de uma discussão conjunta entre alunos e professor e que também possam ser sempre revistas de acordo com a evolução dessas metas e discussões, observando que as práticas educacionais aqui não se propõem a ser de mão única, onde um só sujeito do processo ensino-aprendizagem dita as regras, mas sim o processo de criação das atividades destinadas ao grupo de estudos se dará de forma compartilhada e com troca de saberes entre os envolvidos (professor, alunos e alunas).

E essa troca de saberes partirá, sim, dos conteúdos escolares, principalmente os referentes às aulas de História, mas também das experiências vividas pelos alunos e pelas alunas em outros locais de convivência, como a família, locais de trabalho, ou seja, aquele conhecimento também constituído em outros espaços de sociabilidade. Segundo Nilma Lino Gomes: “É preciso que a escola se conscientize cada vez mais de que ela existe para atender a sociedade na qual está inserida e não aos órgãos governamentais ou aos desejos dos educadores.” (GOMES, 2005, p.147).

Nesse sentido, pensamos na concepção de um grupo de estudos onde os alunos e as alunas possam desenvolver habilidades na pesquisa, no relacionamento com outras pessoas e que possam utilizá-las na sua formação enquanto sujeitos produtores de conteúdos que lhes sirvam nas vivências escolar e social, buscando combater qualquer tipo de discriminação, racismo e preconceito.

### 4.3 Concepção do grupo de estudos

A concepção de grupo de estudos idealizada nesse trabalho vai se orientar pelo calendário escolar do ano de 2021 da Escola Estadual Roberto Coelho Pedroso, que foi adaptado de acordo com contexto vivido no mundo e no Brasil com a pandemia de Covid-19. Vale a pena lembrar que o presente trabalho não compreende o funcionamento propriamente dito do grupo; estamos realizando a tarefa de idealizá-lo de forma que a sua proposta possa ser colocada em prática por qualquer professor dentro de ambientes escolares diversos no momento oportuno.

Questões relacionadas ao cabelo do afrodescendente como preconceito, discriminação e racismo são evidenciadas em vários momentos, não só no convívio de alunos e alunas em escolas públicas e privadas, mas também em outros meios como em ambientes de trabalho, famílias, na mídia televisiva, entre outros veículos de comunicação de massa.

Podemos citar um episódio recente no qual o professor de geografia João Luiz, participante de um dos maiores *reality shows* da televisão brasileira, o Big Brother Brasil, exibido pela Rede Globo de Televisão, teve seu cabelo crespo com um estilo black power comparado ao de um homem das cavernas por Rodolfo, cantor sertanejo e também participante do BBB21<sup>37</sup>.

O episódio em questão nos possibilita refletir sobre as várias vezes em que o cabelo crespo do afrodescendente é inferiorizado sendo tratado como “ruim”, “sujo”, “feio”, “maltratado”, ao ser comparado a cabelos lisos geralmente mais comuns em brancos.

---

<sup>37</sup> “BBB21”: João Luiz desabafa sobre comentário racista de Rodolfo. Estadão, 2021. Disponível em: <<https://emails.estadao.com.br/noticias/tv,bbb-21-joao-desabafa-sobre-comentario-racista-de-rodolfo,70003672016>>. Acesso em 04, Abr. 2021.

De acordo com KILOMBA (2019),

Mais do que a cor de pele, o cabelo tornou-se a mais poderosa marca de servidão durante o período de escravização. Uma vez escravizadas/os, a cor da pele de africanas/os passou a ser tolerada pelos senhores *brancos*, mas o cabelo não, que acabou se tornando um símbolo de “primitividade”, desordem, inferioridade e não-civilização. O cabelo africano foi então classificado como “cabelo ruim”. (KILOMBA, 2019, p. 126-127).

Dessa forma, ao voltarmos nossos olhares para a escola vemos a possibilidade de contornar essa situação que é um problema e gera questionamentos como o porquê das atribuições pejorativas ao cabelo crespo. Por que há uma valorização estética do cabelo liso como ideal a ser seguido reforçando uma concepção eurocêntrica padronizada de beleza? Quais estratégias podem ser traçadas de forma que exista o respeito à diversidade de manipulação e usos do cabelo na escola e fora dela?

Essas são algumas questões que elencamos como motivadoras para a criação do grupo de estudos. Deixando claro que, no transcorrer da execução do grupo, outras demandas relacionadas à questão racial e ao cabelo afro podem surgir, o que permite a abertura de um espaço amplo e fértil para discutir não só o racismo, mas também pensar classe e gênero na concepção de grupo de estudos que propomos.

#### 4.3.1 Estrutura e roteiro das atividades no grupo de estudos

##### 4.3.1.1 Estrutura

Para a idealização do grupo de estudos tomaremos por base na sua estruturação o calendário escolar a partir do segundo bimestre. A escolha do segundo bimestre se dá pelo fato de já se poder conhecer melhor os alunos e o interesse da turma, o que pode contribuir para o melhor planejamento das atividades.

De acordo com o calendário escolar, o segundo bimestre se estende por aproximadamente oito semanas, período no qual poderiam ser realizados, no contraturno, um total de oito encontros com duração aproximada de 90 minutos, dependendo de como se dará o andamento das atividades.

Para manter uma periodicidade dos encontros, orienta-se definir um dia específico; aqui, na nossa concepção de grupo de estudos, propomos que os encontros ocorram todas as quartas-feiras de 14 horas às 15h30min. A escolha do dia da semana se deve ao fato de ser um dia de aula de História na grade escolar, o que possibilita o lembrete com antecedência aos alunos envolvidos.

Pensamos em um grupo de estudos onde o número de participantes não seja determinado, ou seja, a participação com muitos ou poucos alunos não é o detalhe mais importante, mas sim que esses encontros possam acolher cada vez mais pessoas e abrir espaço para novos participantes, mesmo que esses frequentem esporadicamente.

Outro ponto importante a ser tratado aqui é a idealização de um convite para participação no grupo de estudos de forma que esse possa ser um veículo não só de divulgação da proposta aqui em questão, mas também que funcione como um recurso visual de promoção do grupo e da temática do cabelo do afrodescendente e da questão racial no ambiente escolar.

Nesse sentido, apresentaremos abaixo uma sugestão que possa servir de modelo a ser seguido com a finalidade de chamar a atenção daqueles que se interessarem pela temática e participação dos encontros. O cartaz convite pode ser afixado nas paredes da escola e divulgado em redes sociais.

Figura 7 – Modelo de cartaz convite da concepção grupo de estudos



Podemos observar, nas escolas privadas e públicas brasileiras, a presença de alunos/as pretos/as e pardos/os. No entanto, essa presença não significa representatividade, ou se fazer presente, de forma que o respeito a e a valorização desses sujeitos, de sua cultura e História estejam em evidência e tratados com equidade, se comparado a sujeitos brancos.

No racismo, corpos negros são construídos como impróprios. Como corpos que estão “fora do lugar” e, portanto e, por essa razão, corpos não podem pertencer. Corpos brancos, ao contrário, são construídos como próprios, são corpos que estão “no lugar”, “em casa”, corpos que sempre pertencem. (KILOMBA, 2019, p. 56)

Nesse sentido, um dos objetivos do cartaz convite é ter a função de problematizar a representatividade e a representação (representações sociais) de grupos negros, de forma que visões de inferiorização, submissão, feiura que muitas vezes são atribuídas ao grupo citado de forma pejorativa possam ser ressignificadas. Representações estas que muitas vezes reforçam práticas racistas, o que pode ser evidenciado através do cinema, televisão e que reforçam práticas discriminatórias na sociedade e também no ambiente escolar. (SIMAN, 2005, p. 349).

Segundo CONCEIÇÃO (2018, p. 91), adjetivos pejorativos que desqualificam negros desde o período da colonização ainda se fazem presentes para reforçar práticas racistas até os dias atuais. Entretanto, a presença de negros, em especial mulheres negras na sociedade brasileira, corresponde a uma parcela significativa, atuante e transformadora da luta por igualdade em um país de contradições.

Dessa forma, ter negros e negras não só representando cargos de importância e representados de forma valorizada em vários espaços, como a escola, torna-se uma ferramenta que pode conduzir a um outro olhar, uma mudança diante das divergências sociais e raciais desse país. Mas não só isso, pois, para que haja modificações no enxergar o outro, é preciso práticas pedagógicas efetivas onde os alunos e as alunas possam se ver no outro, aprender com o outro e vivenciar perspectivas, ainda tão carentes nas escolas públicas.

Antes de introduzir as propostas de atividades, poderá ser sugerido aos alunos e alunas que criem um diário onde possa ser registrado tudo o que eles achem importante nas discussões relacionadas ao cabelo do negro e ao combate ao racismo, que é a proposta da formação do grupo de estudos. Seria interessante que o registro no diário fosse feito no final de cada uma das etapas que forem propostas nesse trabalho, e será sugerido aos alunos que, se possível, disponibilizem seus diários para o professor, para que possam ser analisados.

Com os diários, o professor poderá analisar a efetividade ou não das atividades propostas no grupo de estudos, investigar a forma com que os alunos e alunas lidam com a questão do cabelo e do racismo em suas vivências, ou seja, ele pode ser usado como uma ferramenta de acesso a subjetividades dos envolvidos no grupo de estudos e para que as diferentes visões sejam debatidas na busca de caminhos que promovam acabar ou enfrentar várias formas de discriminação.

O objetivo de se criar um diário se expressa aqui como uma forma efetiva de exercitar a escrita e compartilhar ideias dentro do grupo de estudos. A concepção do diário se assemelha muito com a proposta de criação de um portfólio, que, de acordo com Bezerra (2019, p. 369), “consiste em um instrumento de produção textual que possibilita ao educando o desenvolvimento de uma escrita crítica e reflexiva.”.

É através dessa escrita, das trocas de ideias, das relações criadas de diversas formas, sejam elas por desenhos, músicas, poemas, cartas, comentários individuais, ou seja, formas diversas de produções que levem alunos e alunas a

refletirem sobre seus cabelos e o cabelo dos outros, suas vivências relacionadas à questão racial, que será possível trazer isso para um debate amplo que vise o respeito às diferenças e às individualidades de cada sujeito envolvido no trabalho.

O ideal é que esse diário siga um formato digitalizado, ficando a critério do aluno qual meio quer utilizar: programa de texto, bloco de notas, whatsapp, entre outros – qualquer recurso de anotações simples, que poderá inclusive ser personalizado ao gosto de cada um, terá a função de acompanhar todas as reflexões e atividades, ao longo do tempo em que o grupo estiver vigente, além de servir de objeto de análise do professor, como já citado anteriormente, caso franqueado pelos alunos, sobre o cumprimento dos objetivos propostos.

#### 4.3.1.2 Roteiro das atividades no grupo de estudos

Proposta de atividade 1 - O Cabelo crespo e as práticas racistas atribuídas a ele na internet.

Em uma reunião que será marcada através da ferramenta *meet*, recurso do *Google Classroom*, que permite encontros virtuais entre as pessoas, a primeira atividade a ser realizada no grupo de estudos terá como proposta levar alunos e alunas a debaterem dois textos que relatam episódios ocorridos recentemente e retratam como o cabelo crespo, uma das marcas identitárias da negritude, é alvo de racismo evidenciado na sociedade brasileira, tanto nos meios de comunicação, quanto na escola.

De acordo com Circe Bittencourt (2009),

Um documento pode ser usado simplesmente como ilustração, para servir como instrumento de reforço de uma ideia expressa na aula pelo professor ou pelo texto do livro didático. Pode também servir como fonte de informação, explicitando uma situação histórica, reforçando a ação de determinados sujeitos, etc., ou pode servir ainda para introduzir o tema de estudo, assumindo neste caso a condição de situação-problema, para que o aluno identifique o objeto de estudo, ou tema histórico a ser pesquisado. (BITTENCOURT, 2009, p. 330).

O uso dos dois textos sugeridos tem por objetivo evidenciar a situação-problema, conforme o conceito de Bittencourt (2009), para, logo no primeiro contato

nas reuniões do grupo de estudos, confirmar aos alunos seu propósito, que é refletir, através do cabelo do afrodescendente, sobre as práticas de racismo, preconceito e discriminação direcionados a esses sujeitos na sociedade brasileira e no ambiente escolar de forma que possamos criar metodologias para combatê-las.

A proposta é realizar a postagem dos textos na plataforma através da criação de um fórum no *Google Classroom*, o que permitirá uma leitura prévia de todos alunos e alunas antes do nosso encontro via *Meet*. Após isso, o professor pode convidar algum dos participantes a realizar a leitura dos textos e das perguntas que eles trazem em voz alta, para que todos os outros alunos e alunas possam acompanhar e também discutir antecipadamente aproveitando o momento para tirar dúvidas com relação a vocabulário e outras questões relativas aos textos.

Para concluir essa etapa inicial, o professor pode propor aos envolvidos que cada um responda as questões propostas no final dos textos e que registre as respostas de forma facultativa no seu diário individual descrito anteriormente. Em seguida, poderá ser proposto um debate que partirá das respostas dadas pelos alunos que serão convidados a expô-las ao grupo.

Durante o debate, anotações poderão ser feitas no diário virtual de cada um e também o professor poderá anotar o conteúdo discutido pelos alunos e alunas no grupo. A escolha do que será anotado deverá partir do que cada um pensa, como, por exemplo, a forma com que alunos e alunas percebem como a temática do racismo é tratada em cada texto proposto, de forma que essas possam servir de análise individual dos alunos durante a produção do seu diário.

Texto – 1. Reportagem do jornal *Correio Braziliense* do dia 6 de abril de 2021 com o título: “BBB21: falas preconceituosas são levadas como brincadeira Comentários racistas sofridos pelo participante João Luiz são entendidos como inocência ou falta de informação. Especialistas explicam as raízes dessas atitudes preconceituosas”<sup>38</sup>, redigido por Gabriella Castro, estagiária, sob supervisão da Editora Ana Sá. É importante evidenciar que está sendo utilizada na atividade somente uma parte da reportagem.

---

<sup>38</sup> CASTRO, Gabriela. “BBB21: falas preconceituosas são levadas como brincadeira Comentários racistas sofridos pelo participante João Luiz são entendidos como inocência ou falta de informação. Especialistas explicam as raízes dessas atitudes preconceituosas”. *Correio Brasiliense*, 2021. Disponível em: < <https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/cultura/2021/04/4916578-bbb-21-falas-preconceituosas-sao-confundidas-como-brincadeira.html#> >. Acesso em: 30 de Maio 2021.



Na última segunda-feira (5), o participante do Big Brother Brasil (BBB), o professor João Luiz Pedrosa, 24 anos, apontou comentários racistas sofridos por ele no Jogo da Discórdia. Na ocasião, outro participante, o cantor Rodolfo Matthaus, 32, comparou o cabelo do brother com uma peruca de homem das cavernas.

Autor das falas, Rodolfo voltou a afirmar que viu semelhança entre a peruca e o cabelo de João. Após isso, o cantor sertanejo tentou justificar o ato afirmando que não houve maldade ou intenção de magoar, além de citar o pai, que ele disse ter o cabelo igual ao do outro participante. Nas redes sociais, alguns internautas ainda apoiaram Rodolfo e chegaram a criticar o professor vítima dos comentários.

A pedagoga e mestre em educação Sheyla Xavier explica que essas atitudes são “ciclos de violência ligados ao racismo estrutural que precisam ser quebrados”. Segundo ela, abordar esses temas “para pessoas que não vivenciam e não têm empatia soa como vitimismo”. Isso reverbera na postura do Rodolfo, definida por ela como rígida ao não reconhecer o erro, e na de apoiadores.

Sheyla ainda descarta a justificativa de falta de informação, também dada pelo cantor. “Existe também uma falácia em relação a isso em que a pessoa afirma que quer aprender, mas, na verdade, quer apenas manter os privilégios”, explica. Ela cita o diálogo com a participante Camilla de Lucas, 26, que tentou conversar com Rodolfo para explicar os erros do artista.

A influenciadora digital, que também tem cabelo crespo, tentou corrigir o cantor, que continuou a afirmar que não houve intenção de magoar. Segundo Sheyla, “estar nesse lugar que se pode apenas pedir desculpas quando não sabe do assunto” é um dos motivos para pessoas brancas não buscarem flexibilizar a postura diante de pautas raciais.

Texto – 2. Reportagem do site Mundo negro intitulada: “Adolescente sofre racismo nas redes sociais e sua mãe dá aula de amor ao cabelo crespo: “Vou cortar igual ao seu”<sup>39</sup>, com entrevista concedida a Silvia Nascimento em 20 de Abril de 2021 por Ana Cristina, mãe da adolescente Nicole Cristina vítima das ofensas racistas.

O cabelo lindo, crespo e natural de Nicole Cristina de 15 anos fez com que a adolescente sofresse ataques racistas nas redes sociais. Infelizmente isso é algo comum, sobretudo para mulheres negras que são as maiores vítimas de ataques on line. As pessoas que acham que cabelo cacheado é lindo, mas crespo nem tanto, resolveram destilar falas que sugeriam que garota, estudante e faixa verde em karatê, não cuidava dos fios. Tudo isso no perfil dela no Tik Tok.

O ódio se dissipou com a onda de amor que Nicole recebeu da comunidade negra nas redes sociais, mas nada disso se compara ao vídeo que a própria mãe da adolescente, dona Ana Cristina, gravou ao lado da filha, falando sobre cabelo crespo e processo de transição capilar. Além de Nicole, ela tem outros seis filhos.

“Tem gente que fala que o cabelo dela vai cair na comida, porque as vezes gruda coisas de cobertor no cabelo dela. Ela ficou muito triste, muito mal. Eu disse a ela: ‘Nicole, não mude o seu cabelo. Deixa do jeito que esta. Você lava, penteia, passa creme ... tem que mudar o quê?’”, comentou Ana.

<sup>39</sup> NASCIMENTO, Silvia. “Adolescente sofre racismo nas redes sociais e sua mãe dá aula de amor ao cabelo crespo: “Vou cortar igual ao seu”. Mundo Negro. Disponível em: < <https://mundonegro.inf.br/adolescente-sofre-racismo-nas-redes-sociais-e-sua-mae-da-aula-de-amor-ao-cabelo-crespo-vou-cortar-igual-ao-seu/> >. Acessado em 30 de Maio de 2021.

No restante do vídeo a mãe diz a filha que o cabelo natural da adolescente é melhor por ser natural. “Meu cabelo passou por processos químicos, então é mais fácil cair o meu cabelo na comida do que o seu”, descreve que ainda ressaltou “Nunca vi seu cabelo ficar grudado na escova ou no pente”. Ana Cristina ainda fala dos planos para seu cabelo quando as coisas melhorarem para a família e confessa que quer desfazer da química e ficar com o cabelo curto e natural igual ao de Nicole. “Eu vou cortar o cabelo igual ao teu. Vou cortar baixinho para sair essa química toda que coloquei no cabelo”.

Em uma sociedade que ensinou nossas crianças a odiarem seu cabelo e sua pele é obrigatório que pais e responsáveis destaquem nesses jovens a sua beleza. Em seus vídeos Nicole chega a explicar que seu cabelo encolhe depois que ela penteia e é isso que faz o cabelo crespo tão especial. Não é um defeito, é uma característica que todas as pessoas negras como ela têm.

Questões a serem respondidas pelos alunos e pelas alunas sobre o texto 1 e o texto 2:

Texto – 1.

- a) Você conhece outras pessoas que usam o cabelo como o do João Luiz participante do BBB 21? Já viu esse tipo de cabelo em filmes, seriados ou algum desenho? Se sim, poderia descrevê-los e dizer o que acha desse tipo de estilo de cabelo e se ele tem um nome?
- b) Você já presenciou ou lembra-se de ter visto episódios de racismo, preconceito ou discriminação relacionados ao cabelo crespo como o ocorrido com o participante do BBB 21? Descreva esse(s) episódio(s).
- c) Dê a sua opinião sobre a fala de Rodolfo, que comparou o cabelo de João Luiz ao de um homem das cavernas. Essa fala incomodou João? Qual foi o motivo?

Texto – 2.

- a) Ao assumir seu cabelo crespo Nicole Cristina passou por uma situação de racismo. O que você acha de Nicole assumir o uso do seu cabelo da forma que ela quiser?
- b) A liberdade de escolha de alguém pode ser questionada a ponto de obrigar essa pessoa a seguir um padrão, ou seja, usar um penteado igual ao de outras pessoas pelo simples fato de ele ser considerado mais “apropriado” para algum lugar ou contexto social?
- c) Qual foi a postura da mãe de Nicole para tentar resolver a situação de sua filha? Você concorda?

- d) Porque você acha que pessoas como João Luiz e Nicole Cristina são hostilizadas pela textura ou pela forma pela qual escolheram usar os seus cabelos?
- e) Os episódios de racismo descritos nos dois textos ocorreram no programa de TV BBB21 e no Tiktok (aplicativo de compartilhamento de vídeos). Esses meios de comunicação são responsáveis pela produção de conteúdos que valorizam vários tipos de belezas. Indique, se for do seu conhecimento, páginas, blogs, filmes onde se evidencia a valorização da beleza negra e do cabelo crespo.
- f) E o seu cabelo? Independente de ser crespo ou não, você busca alguma referência ao manipulá-lo? Inspira-se em alguém ou em algum modelo de corte específico?

Proposta de atividade 2 – O aluno e a sua relação pessoal com cabelo.

Dando continuidade às proposições que poderão ser trabalhadas no grupo de estudos, chega o segundo momento em que será pedido aos alunos e às alunas para elaborarem uma redação sobre como lidam com seus cabelos e como se dá a relação, em torno do tratamento dos cabelos, no âmbito familiar. A redação poderá ser compartilhada com os integrantes do grupo, de forma que se permita um momento de interação entre todos os componentes contando suas experiências relacionadas aos seus cabelos. As redações serão produzidas em casa, de forma que, quando for marcada uma reunião com o professor e todos os componentes do grupo, seus conteúdos possam ser compartilhados.

Essa reunião, que será o segundo encontro virtual do grupo via meet, as redações serão lidas e os relatos serão anotados tanto pelo professor, quanto pelos alunos, e cada um seguirá como critério de anotação aquilo que achar mais importante relacionado às vivências com a manipulação e os usos do cabelo crespo no dia a dia.

A tarefa de leitura das redações e o debate proposto com seus conteúdos poderá ter a duração de 90 minutos mais ou menos, conforme o número de participantes. E a manifestação da leitura e as anotações deverão ser voluntários e muito incentivados pelo professor, de modo que possam ser levantadas o máximo de questões durante o tempo em que estiverem reunidos.

Logo após as leituras, deverá ser aberto um debate e as questões que nele forem surgindo também serão anotadas tanto pelo professor, quanto pelos(as)

alunos(as), e isso vai se alternando de acordo com o desejo de cada um assumir a tarefa voluntariamente. O registro de questões poderá ser feito da forma escolhida pelos alunos, podendo ser em forma de texto descritivo, desenho, poesia, como eles acharem melhor. Esses registros servirão para evidenciar quais implicações surgiram, se os questionamentos levaram a um consenso do grupo ou não. Os conteúdos das redações permitirão levantar problematizações que ajudarão nas reflexões posteriores.

Ao final desse segundo encontro, as redações serão guardadas e só retomadas no fim do período de existência do grupo, momento em que funcionarão como fontes reflexivas de observância para saber se foram ou não alcançados os objetivos propostos, que são combater qualquer forma de discriminação relacionada ao cabelo crespo, analisar as várias possibilidades de usos desse cabelo, seja enquanto somente estético, mas também como ferramenta política de combate ao racismo principalmente no ambiente escolar, mas também fora dele.

Os direcionamentos da escrita das redações seguirão alguns apontamentos em forma de perguntas; entretanto, não obrigatoriamente terão que ser cumpridos, pois a ideia é deixar o aluno livre:

- O que você acha do seu cabelo?
- Já passou por alguma situação em que não se sentiu bem por conta dele?
- O que as pessoas que vivem no seu seio familiar acham do seu cabelo? Elas dão opinião sobre a forma que você deve usar? O que você acha disso?
- Existem outras pessoas em casa que utilizam o cabelo como o seu?

Também nesse segundo encontro com o grupo de estudos será proposto aos alunos e às alunas a elaboração de um *Instagram*, como produto do trabalho, uma rede social com foco voltado para um conteúdo visual como fotos, vídeos, produção de textos. Essa ferramenta possibilitará que alunos e alunas do grupo de estudos possam compartilhar tudo que for produzido durante sua vigência e permitirá a troca de informações com pessoas, suas paixões, seus pensamentos, suas críticas.

A escolha por um *Instagram* justifica-se pelo fato de esse tipo de comunicação por meio de redes sociais estar muito presente na vida dos alunos e alunas, dando oportunidade para eles e elas formarem grupos, ou comunidades para compartilharem assuntos de interesse comum, criando assim um elo de aproximação entre os envolvidos.

Além disso, o *Instagram* permitirá que todos os participantes do grupo possam estar alimentando-o com informações mais livremente, bastando ter a senha de acesso, e também permite que outras pessoas, ou seja, os seguidores, possam estar replicando os assuntos publicados, o que amplia mais o alcance de outros públicos fora do grupo de estudos.

O objetivo desse *Instagram* será, para além de divulgar todo o conteúdo produzido no grupo de estudos relacionado ao cabelo do afrodescendente e ao combate às práticas discriminatórias dirigidas a ele, trazer à tona a temática racial para dentro do ambiente escolar e também funcionar como um canal que possa contribuir para se discutir e promover a igualdade racial.

Tratando-se de uma rede social de domínio do público jovem a quem primeiramente se direciona o grupo de estudos, é importante observar que sua elaboração deverá ser feita a partir do olhar dos alunos e das alunas e das suas ações, ou seja, todo o processo de construção e definição de conteúdos a serem compartilhados será definido em conversas entre professor e estudantes. Dessa forma, o objetivo não será um modelo pré-estabelecido, determinado para o *Instagram* a ser seguido, mas sim uma construção conjunta oriunda da relação professor-estudantes.

Assim, o objetivo é fazer com que o conhecimento histórico seja ensinado de tal forma que dê ao aluno condições de participar do processo de fazer, do construir a História. Que o aluno possa entender que a apropriação do conhecimento é uma atividade em que se retorna ao próprio processo de elaboração do conhecimento. (BITTENCOURT, 2008, p. 59).

Vale a pena lembrar que todas as informações anotadas no diário sugerido aos alunos anteriormente poderão contribuir para a construção e as reflexões do *Instagram*. Assim, teremos a possibilidade de compartilhar documentos e informações como poesias, desenhos, dicas de cuidados relacionados ao cabelo crespo, alertas de combate ao racismo, ou seja, produções que poderão ser criadas durante a vigência do grupo de estudos, em vários formatos, como músicas, vídeos, fotos, entre outros, e sempre preservando a imagem dos alunos que participarão do grupo.

Proposta de atividade 3 – Em um terceiro momento, iniciaremos uma discussão sobre algumas práticas de manipulação do cabelo, com o objetivo de mostrar a importância delas para alguns povos africanos, como os Ashantes da

África Ocidental, e também sobre como o cabelo do negro pode instigar reflexões sobre seus usos através de imagens de autoria do pintor Jean-Baptiste Debret (1768-1848), discutindo-se como essas pinturas podem ser utilizadas como fontes históricas para problematizar no grupo de estudos a questão do cabelo e do racismo no ambiente escolar.

Segundo Maria Ancelmo dos Santos (2017),

Na atualidade o corpo negro ainda não se representa positivamente na sociedade brasileira, o discurso do corpo europeu colonizador ainda é mais valorizado por essa elite dominante, nem a globalização conseguiu destituir esses conceitos eurocêntricos de corpo estabelecido na sociedade. Ao corpo negro ainda se atrela a ideia de que tem condições inferiores de intelectualidade, tendência a trabalhos mais pesados fisicamente, sexualidade exacerbada, cabelos sujos e mal arrumados, pele suja, descuidados e fealdade. Como representação corporal é poder, é luta, o povo negro vem mantendo resistência ao longo da história, apresentando sua corporeidade positiva, legitimando sua cultura, combatendo os estereótipos, fortalecendo sua ancestralidade africana. (SANTOS, 2017,p. 30)

A ideia é que, no terceiro encontro, o professor realize uma apresentação sucinta dos Adinkra, conjunto de símbolos que representam ideias expressas em provérbios, produzido pelos povos Akan da África ocidental, formados por várias etnias, das quais a que mais se destacou foi a etnia dos Ashantes. “Os Ashantes foram os que dominaram a região no período compreendido entre o final do século XVII até o início do século XX, quando a Costa do Ouro se tornou colônia britânica.” (CARMO, 2016, p.31). O Adinkra é um entre vários sistemas de escrita africanos, fato que contraria a noção de que os conhecimentos africanos se resumam apenas à oralidade.

A história dos Adinkra era transmitida entre os Ashantes através da tradição oral. Os conhecimentos e interpretações dos símbolos eram passados por gerações através dos anciãos (os mais velhos), com o objetivo de manter os valores e tradições do povo Akan. (DANZY, 2009<sup>40</sup>, p.53, apud CARMO, 2016)

Elisa Larkin Nascimento, no livro *A matriz africana no mundo*, afirma:

De acordo com a história oral, o sistema adinkra tem origem numa guerra que Asantehene Osei Bonsu, rei dos Asante, moveu contra Kofi Adinkra, rei

---

<sup>40</sup> DANZY, Jasmine. Adinkra Symbols: An ideographic writing system. Thesis the master of Arts in English Stony Brook University. 2009 Disponível in: <<https://dspace.sunyconnect.suny.edu/bitstream/handle/1951/48176/000000570.sbu.pdf>>. Acesso em: setembro de 2015.

de Gyaaman, região da Costa do Marfim. Esse teve a audácia de copiar o banco real de Asantehene, o gwa, símbolo da sabedoria e do poder do Estado. Assim o rei de Gyaamam provocou a ira do poderoso soberano asante. Asantehene venceu a guerra, e os asante dominaram a arte dos adinkra, ao mesmo tempo ampliando o espaço geográfico onde esse conjunto de ideogramas impunha sua presença. Antes disso, havia sido patrimônio dos mallam e dos denkyira, povos da África Ocidental que desenvolveram esse sistema de escrita em um passado remoto. (NASCIMENTO, 2008, p. 34)

Os símbolos adinkra são ideogramas que têm como objetivo passar ideias que expressam a relação dos seres humanos com seu cotidiano, como, por exemplo, as relações do homem com os seus sentimentos, com a beleza, com a força física, o poder político; eram símbolos que auxiliavam nas interpretações de como deveria ser a vivências dos povos Akan (CARMO, 2016, p. 108).

Esses ideogramas eram estampados principalmente em tecidos, mas podiam ser esculpados em peças de ferro ou madeira como se fossem carimbos. Cada símbolo possuía um significado que poderia ser atribuído à característica de um animal, um fato histórico, ou às relações de sociabilidade dos seres humanos.

Toda essa forma de comunicar valores e padrões de conduta do povo Akan foi dominada pela etnia dos Ashantes da África Ocidental do século XVII ao XX, e está presente na cultura de Gana na contemporaneidade, não mais com fabricação artesanal como era realizada pelos Ashantes, mas hoje, sendo produzido por uma indústria especializada na fabricação de tecidos com adinkras, pinturas em paredes de casas e, no campo artístico, em pinturas de tela que remetem à ancestralidade, como citado no artigo de Flora Pereira da Silva (s/d), “A fertilidade da pintura contemporânea de Gana, uma janela entre sociedade e arte”.

A ideia é apresentar aos alunos e às alunas alguns símbolos Adinkra relacionados ao corpo humano, mais especificamente ao cabelo, como penteados usados por atendentes reais, chamado Mpuannum e o Kwatakye Atiko, estilo de cabelo de um capitão de guerra Ashante, e alguns objetos, como o pente de madeira, que recebe o nome de Duafe.

Figura 8 – Símbolos Adinkra sobre o cabelo



Fig. 1 - Duafe. Pente de Madeira  
Adinkra.  
Fonte: CARMO, 2016, p. 61.

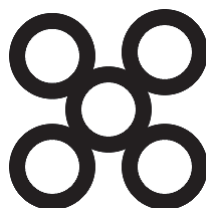


Fig. 2 - Mpuannum Penteado  
Real  
Fonte: CARMO, 2016, p. 67



Fig. 3 – Kwatakye Atiko.  
Cabelo  
Fonte: CARMO, 2016, p. 65.

Esses três símbolos adinkra podem ser utilizados pelo professor como ferramenta de demonstração não só da importância da manipulação dos cabelos entre povos africanos, mas também para retratar a importância de algumas mulheres em posições de destaque entre os Ashante, ocupando cargos de relevância na hierarquia social, como sacerdotisas, fato que em vários momentos não é descrito em livros didáticos de história ou evidenciado em sala de aula.

Poderá ser pedido aos alunos e alunas que pesquisem de forma antecipada em algum site de busca de sua preferência, ou seja, antes do encontro via Meet, algumas imagens produzidas pelo viajante Jean-Baptiste Debret (1768-1848), que integrou a Missão Artística Francesa que veio ao Brasil em 1816 a convite do príncipe D João VI, e registrou suas impressões e representações artísticas em gravuras sobre o cotidiano de alguns lugares da colônia, especialmente a capital, Rio de Janeiro. Em algumas de suas representações podemos analisar cortes e estilos de cabelos de pessoas brancas e não brancas na colônia. Como exemplo citamos as imagens abaixo, “Diferentes Nações Negras” (Figura 4) e “Escravas negras de diferentes nações” (Figura 5).



Figura 9 - Representações do viajante Jean-Baptiste Debret (1768-1848): “Diferentes Nações Negras” e “Escravas negras de diferentes nações”



Fonte: Figura – 4. Fonte Debret, J. B. *Voyage pittoresque et historique au Brésil*. Paris, Fimin Didot Frères, 1835, Tome II, p.184. Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon393053/icon393053.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon393053/icon393053.pdf)>. Acessado em 21. Jul. 2020.



Fonte: Figura – 5. Fonte Debret, J. B. *Voyage pittoresque et historique au Brésil*. Paris, Fimin Didot Frères, 1835, Tome II, p.175. Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon393053/icon393053.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon393053/icon393053.pdf)>. Acessado em 21. Jul. 2020.

Aos alunos no grupo de estudo serão apresentadas questões relacionadas às imagens de Debret, como, por exemplo:

- Observando as imagens, qual é a primeira impressão que você tem? O que você destacaria de importante na gravura?
- Quem são as pessoas que nelas se encontram? É possível definir a qual grupo social elas pertencem?
- Como o cabelo é representado nas gravuras? O que, nos cabelos, chama mais atenção?
- Você consegue perceber se existe algum cuidado por parte das pessoas retratadas nas imagens com a manipulação dos cabelos?
- Podemos fazer alguma relação sobre o uso do cabelo nas imagens com o uso do cabelo na contemporaneidade?

Após os alunos e as alunas responderem as questões e registrá-las em seu diário digital, o professor pode propor um debate que será realizado na sala virtual, onde os alunos terão a oportunidade de colocar suas opiniões sobre as pinturas de Debret, de forma que essas pinturas possam ser problematizadas enquanto fontes históricas e sirvam para levantar questionamentos que possam provocá-los quanto aos usos do cabelo no ambiente escolar.

Concluiremos nossas reflexões de forma a pensar como é tratado o cabelo crespo na sociedade brasileira contemporânea no que diz respeito aos aspectos ligados ao racismo, preconceito e discriminação. Para isso, o professor poderá usar como exemplo os termos pejorativos atribuídos, mas objetivando desconstruir esses estereótipos de forma que a convivência se faça respeitosa.

Proposta de atividade 4 - Lutar contra qualquer forma de inferiorização da sua imagem e do seu corpo tem sido uma constante na luta de combate ao racismo travada por negros e negras no Brasil.

Atribuir aos negros termos pejorativos em comparação com brancos, principalmente de forma supostamente recreativa, tem se tornado umas das mais cruéis estratégias de preconceito e discriminação, que muitas vezes são lidas pela sociedade como brincadeiras, sendo que quem combate ou questiona é visto como exagerado, sem senso de humor e muitas vezes as falas são consideradas “mimimi”, uma gíria popular relacionada a pessoas que reclamam excessivamente sobre alguma questão.

Assim, pensando no cotidiano dos alunos em sala de aula, esta atividade se orienta em criar possibilidades para que os alunos possam questionar essas nuances do racismo que tornam recreação o ato de desumanizar, coisificar e animalizar corpos negros.

Em uma das reuniões com o grupo de estudos será possível discutir alguns trechos de um texto do blog #todecacho<sup>41</sup> postado em 21 de julho de 2020, com o título “Cabelo bombril? Saiba por que essa é uma comparação racista”. A partir daí a ideia proposta na atividade é levantar questionamentos sobre “brincadeiras” que possam ferir a individualidade e o direito de apresentar o cabelo da forma que quiser.

---

<sup>41</sup> Blog To de cacho. “Cabelo Bombril? Saiba por que essa é uma comparação racista”. Disponível em: < <https://todecacho.com.br/comparacao-racista-com-o-cabelo-afro/> > Acessado em 27 de Abril 2021.

“Cabelo bombril? Saiba por que essa é uma comparação racista”.

Aparentemente inofensivas para quem as pratica, mas dolorosamente traumatizantes para os alvos, as piadas racistas são pequenas agressões contra a dignidade e identidade da pessoa negra. Associar negros ao crime, compará-los a animais ou dizer que o crespo é um cabelo bombril, por exemplo, são atitudes que, infelizmente, ainda despertam riso, quando, na verdade, deveriam despertar repulsa.

Ao contrário do que muita gente ainda pode acreditar, o racismo não acontece apenas de forma explícita. É de forma velada, aliás, que a maioria dos preconceitos de raça se manifestam e é justamente por isso que precisa ficar claro que zombar das características físicas das pessoas negras também é um ato racista – com pena de até 5 anos de reclusão pela Lei do Crime Racial – Lei 7716/8.

[...] O problema em associar o cabelo crespo à esponja de aço.

Seja na escola, nas universidades, no mundo corporativo ou até mesmo entre amigos e familiares, toda pessoa negra já ouviu algum tipo de comentário sobre seus cabelos naturais. Por anos, “cabelo de bombril” foi um termo usado para se referir a cabelos crespos, especialmente os no estilo black power, que são mais longos e realçam o volume dos fios tipo 4c. Atrair características negras a um produto de limpeza, porém, não é apenas ofensivo, mas é também racismo. Esse tipo de ofensa não apenas contribui para que a autoestima da população preta esteja sempre comprometida, mas também para a negação da estética negra como um todo. Por isso, lembre-se: não existe cabelo ruim, cabelo de bombril também não. Ruins são o preconceito e o racismo [...]

O próximo passo poderá se pedir para que os alunos e as alunas realizem uma pesquisa na internet com o objetivo de buscar por “Memes” sobre racismo direcionado ao cabelo crespo. A escolha pelo uso dos “Memes de internet”<sup>42</sup> na atividade se dá por se tratar de um recurso de divulgação de ideias de forma rápida muito utilizada por jovens nas redes sociais, sendo próximo da sua realidade.

Esses “Memes de internet” poderão ser apresentados no quarto encontro virtual do grupo de estudos por cada aluno ou aluna explicando o porquê da escolha relacionando ao racismo para com o cabelo crespo. Lembrando que as questões levantadas na roda de conversa proposta aos alunos se orientarão por tudo aquilo que surgir de possíveis problematizações incentivadas pela leitura dos fragmentos do texto citado anteriormente e pela discussão em torno da escolha dos “Memes”.

Para concluir esse encontro, os alunos e alunas serão convidados a uma reflexão em torno da diversidade de texturas do cabelo crespo e a atenção dada

---

<sup>42</sup> “Em referência ao campo da informática, a expressão **Memes de Internet** é utilizada para caracterizar uma ideia ou conceito, que se difunde através da *web* rapidamente. O Meme pode ser uma frase, *link*, vídeo, *site*, imagem entre outros, os quais se espalham por intermédio de *e-mails*, *blogs*, *sites* de notícia, redes sociais e demais fontes de informação.” Disponível em: <<https://www.infoescola.com/comunicacao/memes/>> Acessado em 02 de abril de 2021.

pela indústria da estética para este tipo de cabelo na sociedade brasileira, ao produzir produtos específicos.

Não se pode negar que houve um alargamento da atenção do mercado ao público que está aderindo o uso do cabelo crespo. A gama de produtos para cabelos crespos, das marcas consideradas mais populares e acessíveis no nosso país, tem aumentado consideravelmente. (SILVA, 2017, p.88)

Nesse sentido, poderá ser proposto aos alunos e alunas realizarem uma pesquisa sobre os rótulos com imagens de embalagens de produtos cosméticos, como as tinturas, que estampam mulheres com texturas diferenciadas de cabelo crespo, pois este possui várias nuances e uma tipologia específica, como, por exemplo, os cabelos 3B<sup>43</sup> e 4C<sup>44</sup>, que, segundo a tabela de classificação de tipos de cabelo crespo do site “Cabelo Afro”, têm características de ser um cabelo bastante crespo podendo apresentar o formato de cachos ou não.

Também será disponibilizado na plataforma Googleclassroom o fragmento de uma entrevista realizada com Stephanie Ribeiro, estudante de arquitetura da PUC-Campinas, concedida a Naomi Faustino, blogueira, e reproduzida pelo *site* Geledés em 23 de dezembro de 2014, intitulada “Entrevista com Stephanie Ribeiro”<sup>45</sup>. Para melhor entendimento da proposta disponibilizaremos o trecho a ser utilizado com alunos(as).

[...] Pergunta: O cabelo da mulher negra ainda é marginalizado pelos padrões de beleza, entretanto, nos últimos anos presenciamos um certo declínio da “ditadura da chapinha”. Nessa nova ascensão do cabelo natural da mulher negra, o cabelo crespo sem cacho, está abaixo do cabelo cacheado?

Resposta de Stephanie: A mídia impôs um padrão, aonde todos acham que ser negra é ser a Taís Araujo. Existe essa cobrança: todos querem que tenhamos o cabelo igual, o nariz igual. Então, sim, o cabelo crespo ainda apresenta uma dificuldade a ser aceito, que, às vezes, não acontece com o cabelo cacheado. O cabelo negro aceitável é aquele mais próximo ao cabelo liso. A branquitude criou um padrão de belo, e o cabelo cacheado acaba se aproximando mais desse padrão, do que o crespo. [...]

<sup>43</sup> “Cabelo 3B – O cacho é mais enrolado, com o formato de S bem mais estreito, definido e regular. As pontas tendem a ser secas, porque a oleosidade natural da raiz tem mais dificuldade de percorrer todo o fio.” Disponível em: < <https://cabeloafro.com.br/conheca-o-seu-cabelo-a-tabela-de-tipos-de-cabelo/> > Acessado em 10 de Jun. 2021.

<sup>44</sup> “Cabelo 4C – Cabelos formam “molas” extremamente apertadas que encolhem muito perto do couro cabeludo quando o fio está seco. Aliás, a formação de cachos pode nem ser visível quando o cabelo está seco. Pode apresentar porosidade, e por ser um fio bastante fino, ele também tem facilidade de se quebrar. Disponível em: < <https://cabeloafro.com.br/conheca-o-seu-cabelo-a-tabela-de-tipos-de-cabelo/> > Acessado em 10 de Jun. 2021.

<sup>45</sup> “Entrevista com Stephanie Ribeiro.” Disponível em:< <https://www.geledes.org.br/entrevista-com-stephanie-ribeiro/> > Acessado em 20 de Out. 2021.

Junto ao trecho da entrevista devem ser disponibilizadas aos alunos e alunas algumas perguntas relacionadas à aceitação ou não do cabelo afro na sociedade brasileira.

- a) Stephanie Ribeiro afirma, na entrevista: “O cabelo crespo mais aceitável é o cabelo liso.” Qual é o motivo dessa melhor aceitação do cabelo liso por parte da indústria da beleza na atualidade?
- b) Houve alguma mudança com relação à aceitação do cabelo crespo? Se houve você poderia explicar quais os motivos?
- c) Se existe ainda um tratamento diferenciado para as várias texturas do cabelo afro, o que é preciso para uma mudança de postura?

As reflexões no debate que será proposto aos alunos e alunas sobre as embalagens dos produtos para cabelo crespo poderão levar a questionamentos de qual tipo de cabelo crespo é mais utilizado pelas marcas, se existe melhor aceitação de uma textura em detrimento da outra e até mesmo analisar quando o mercado direcionado ao cabelo crespo se atentou para o interesse a esse consumidor, o que dá possibilidade de analisar historicamente o interesse das marcas em se adequar ou não aos anseios da população preta.

Além do mais, podemos levantar outra questão que relaciona o cabelo crespo aos ideais de branqueamento ou pigmentocracia, conceito usado por Conceição (2018), que o define como “Processo de hierarquização e valoração de pessoas, a partir da pigmentação. De maneira objetiva, em sociedades marcadamente racistas, quanto mais escura a pele mais dificuldades e processos de discriminação os sujeitos enfrentam”. (CONCEIÇÃO, 2018, p.104)

Dessa forma, poderá ser analisado com os alunos e alunas quais texturas de cabelos são mais vistas nas embalagens de produtos, se essa escolha segue o ideário do senso comum que prioriza ainda cabelos com texturas mais lisas ou menos crespas para representação do que é lido como “belo” na sociedade brasileira.

Proposta de atividade 5 – O objetivo nesse momento será pensar as relações entre representatividade do negro e o cabelo a partir de relatos e lembranças relacionadas aos usos do cabelo de negros (as) na sociedade brasileira. O foco agora será realizar uma análise de depoimentos de vivências negras em documentários e objetos que se relacionam diretamente ao cabelo crespo.

Daremos início a esse encontro com a proposição de apresentar para os alunos e as alunas o documentário “Enrolado na raiz”<sup>46</sup>, que através de depoimentos de mulheres negras, discute a relação dessas com os seus cabelos e as vivências cotidianas do racismo presente na sociedade brasileira. O documentário, com a duração de 23 minutos, poderá ser postado na sala de aula virtual do *Google Classroom*. Ele foi produzido por Camila Christian Quintana Leão, fruto de um projeto experimental apresentado ao curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa no ano de 2015.

Pretende-se com ele propor aos alunos e às alunas do grupo de discussão refletir sobre as vivências dessas mulheres ao falarem dos seus cabelos analisando de que forma essas experiências podem contribuir para lutar contra qualquer tipo de depreciação que possa ser atribuída às pessoas devido à forma de usar o cabelo, a suas várias texturas, e problematizar os motivos pelos quais os estereótipos negativos relacionados à questão do cabelo são direcionados de forma mais agressiva principalmente a mulheres negras e bem menos a homens negros e mulheres brancas e homens brancos.

Também será postado na sala de aula virtual do *Google Classroom*, para os(as) alunos(as) do grupo de estudos, um outro documentário, intitulado “Melanina: como a barbearia empodera pretos pelo Brasil”<sup>47</sup>, com duração de 9 minutos, e que faz parte de um projeto de parceria entre o site Yahoo e a página Alma Preta, com a proposta de promover a valorização da representatividade da população negra e o combate ao racismo. O objetivo da exibição desse vídeo no grupo de estudos é levar alunos e alunas a refletirem e problematizarem o cabelo dos homens negros na sociedade brasileira e no ambiente escolar.

Segundo Nilma Lino Gomes,

Os homens negros também partilham dessa experiência do trato doméstico do cabelo antes de entrarem pela primeira vez em uma barbearia e, posteriormente, em um salão de beleza quer seja ele étnico, quer não. O menino negro tem os primeiros contatos com o corte do cabelo crespo através da intervenção do pai, do tio ou do irmão mais velho. (GOMES, 2008, p. 173)

---

<sup>46</sup> Documentário Enrolado na raiz. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=obSQySXZ-L0>> Acessado em 15 de Ago. 2020.

<sup>47</sup> Melanina: como barbearias empodera preto no Brasil. Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/melanina-como-barbearia-empoderado-pretos-212232827.html> . Acesso em: 13 set. 2020.

As experiências masculinas traumatizantes relacionadas às manipulações do cabelo crespo podem ser comparadas às vividas pelas mulheres negras. Mesmo que ocorram com menor frequência, elas não deixam de existir, pois o elo de ligação entre as vivências de mulheres e homens negros continua sendo o racismo que atinge ambos os sexos.

Nesse momento, será aberto um fórum de discussão na plataforma do *Google classroom* e serão colocadas algumas questões que proporcionem ao professor entender qual o impacto causado pelos documentários nos alunos, o que permitirá, nesse momento da proposta, analisar de que forma a discussão em torno da questão do cabelo no grupo de estudos tem influenciado ou não o olhar do aluno sobre essa questão. O fórum não requer encontro virtual do grupo, visto que ele é disponibilizado na plataforma e os alunos vão lá apenas expressar sua opinião por escrito sobre os documentários.

Sugestões de questões a serem propostas:

- Como é a relação que as pessoas que participaram dos dois documentários exibidos têm com os seus cabelos?
- Quais depoimentos mais chamaram sua atenção? Explique o motivo.
- Você acha que um cabelo estiloso influencia a autoestima de uma pessoa?

A proposta de exibição dos documentários será conduzir os alunos à reflexão e discussão dos mesmos, sendo o debate no fórum de grande importância na construção do conhecimento. O debate será mediado pelo professor, mas permitirá que os alunos possam conversar entre si, expressar suas opiniões e compartilhar diferentes maneiras de lidar com a manipulação e as vivências com o cabelo crespo.

Essas diferentes maneiras de lidar com o cabelo ganharão forma nesse trabalho através da proposta que será feita aos alunos do grupo de estudo de realizarem entrevistas de campo para a elaboração de um material audiovisual, ou seja, vídeos, áudios, fotografias, sobre os diferentes tipos de cuidado e manipulação dos cabelos crespos ou não.

Como já abordado, muitos dos alunos da Escola Roberto Coelho Pedrosa usam cortes que estão na moda entre meninos e meninas, principalmente nas periferias, cortes que têm nomes específicos como “disfarçado”, “na régua”, “americano”, “repicado”, “platinado”, entre outros. Outra questão percebida é que alguns alunos já cortam cabelos de seus colegas em locais improvisados e conseguem uma renda com esses cortes.

Nesse sentido, a atividade que se propõe será realizar entrevistas com meninos e meninas que frequentam esses salões improvisados e até mesmo com os jovens que são responsáveis por realizar os cortes, e os relatos dessas vivências com a manipulação dos cabelos servirão de entendimento de quão significativo ou não é para eles andar com o cabelo na moda e também qual seria o significado dos nomes desses cortes.

Os alunos e alunas poderão escolher o formato do material audiovisual, como, por exemplo, a gravação de áudios, vídeos e até mesmo fotografar todo o processo de condução das entrevistas de forma que os bastidores possam ser registrados e que todo conteúdo produzido possa contribuir para a alimentação do *Instagram* que será proposto como produto desse trabalho.

Proposta de atividade 6 – Neste contexto, depois de tanto falar do cabelo e seu poder de ressignificar as identidades afrodescendentes, iremos propor a investigação e a discussão em torno de um instrumento de manipulação do cabelo, o pente quente, que foi citado brevemente no documentário “Enrolado na raiz” pela primeira entrevistada, Dona Alda Silva, que relatou sua experiência ao fazer uso do pente.

A proposta de usar o pente quente como objeto gerador em sala de aula justifica-se por esse ser um instrumento de manipulação capilar utilizado por muitas famílias.

Por volta de 1870, de acordo com a professora Giovana Xavier da Conceição Côrtes, em seu artigo “Domando os fios e civilizando os corpos: a construção da beleza afro-americana em alguns jornais e revistas negros de Chicago no pós-abolição (1918-1922)”, o pente quente já circulava nos EUA:

O pente-quente é um pente de ferro que começou a circular nos EUA em torno de 1870. Com objetivo de alisar o cabelo, o instrumento foi inicialmente utilizado também por mulheres brancas. Como veremos adiante, com a massificação das propagandas de alisamento de cabelos crespos na imprensa negra, a memória do uso deste instrumento ficou restrita à história das mulheres negras. (CÔRTEZ, 2011, p.6).

De acordo com a matéria assinada por Fabi Brito e publicada no site S.O.S BRITO, em 15 de março de 2016, com o título “História e evolução do alisamento químico capilar”, em 1940 o pente quente chega ao Brasil e, em 1960, o alisamento vira moda entre as mulheres negras.



De acordo com (SILVA, 2017), com a intenção de alisar seus cabelos, essas mulheres veem no ato uma forma de resistir aos preconceitos atribuídos na época ao cabelo crespo, frutos da tentativa de imposição de um padrão estético, porém se enquadrando ao cabelo liso que era considerado símbolo de beleza e mais bem aceito na sociedade.

Figura 10 – Pente quente



Fonte: acervo pessoal – Pente Quente

A atividade com o grupo de estudo aqui terá início propondo uma viagem da imagem do pente quente pela casa dos alunos e das alunas. A imagem do pente quente a ser utilizada na atividade encontra-se acima; o pente pertencia a minha mãe, Maria Geralda Teixeira. A imagem do objeto será postada na sala de aula virtual e vai circular no ambiente familiar, o que possibilitará um trabalho de rememoração ou até mesmo de conhecimento, além de suscitar lembranças e associações com outros instrumentos usados na manipulação do cabelo.

Os alunos e as alunas vão poder partilhar as experiências com irmãos (ãs), pais e mães, vizinhos(as), amigos(as) e, dessas experiências compartilhadas, serão anotadas as informações para o preenchimento de uma ficha confeccionada pelo professor e disponibilizada aos alunos(as) com dados que serão usados no debate que será proposto posteriormente.

- Ficha de coleta de dados sobre o pente quente:

Nome do(a) aluno(a):

Perguntas:

- Você já conhecia o pente quente?
- Você já usou, ou conhece alguém que o utilizou?
- Qual a sua utilidade?

- O que o pente quente representa para você?
- Se você usou ou conhece alguém que já, como foi essa experiência?
- Alguém de sua família já usou o pente quente? Se usaram, aconteceu algum tipo de discriminação pelo uso? Se quiser, pode contar.

Essa coleta de dados será utilizada no momento que chamaremos aqui de “Baú de memórias”, quando o pente quente será utilizado em uma roda de conversas e todos poderão trocar as respostas obtidas com a ficha preenchida em casa, e aí analisaremos o impacto causado pelo objeto no ambiente familiar.

As análises dos relatos que os alunos farão sobre a utilização do pente quente por seus familiares podem servir de fontes que despertam o interesse pelo passado, pois, por mais que o pente seja um instrumento utilizado para enquadrar o uso do cabelo a padrões europeizados em relação ao cabelo crespo, ele pode contribuir para se pensar em uma comparação com outros períodos históricos e a resistência aos alisamentos do cabelo.

Dessa forma, a ideia é que alunos e alunas possam compreender o comportamento de pessoas que fizeram ou fazem uso do pente quente. Poderá ser proposta, no grupo de estudos, a seguinte questão: Imagine que você é uma mulher negra que está procurando emprego nos anos de 1960. Como fará com seu cabelo? Como se comportará frente aos padrões impostos por uma ideologia que padroniza os usos do cabelo? Essas questões poderão contribuir para que alunos e alunas possam compreender as atitudes e as formas de pensar das pessoas no passado.

Também para isso será disponibilizado no ambiente virtual um fragmento de um depoimento de Maria Raimunda Araújo (Mundinha), relato esse extraído do livro *Histórias do movimento negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC*. (ALBERTI; ARAÚJO, 2007).

Mundinha foi militante do movimento negro, fundadora do Centro de Cultura Negra do Maranhão (1979), diretora do Arquivo Público do Estado do Maranhão entre 1991 e 2003. (ALBERTI e ARAÚJO, 2007, p. 31).

Trecho do depoimento:

[...] Eu ia para o Rio e passava uns três meses, porque professora tinha uns três meses de férias. Quando retornei, o cabelo já estava bem carapinha. Aí foi um choque. Eu acabei sendo a primeira mulher negra a usar o cabelo natural em São Luís. Chamava atenção da rua inteira e era agredida, me davam vaia na rua: “É, mulher, de onde saiu isso?” “É Tony Tornado?” Eu preciso saber o ano em que Tony Tornado apareceu no festival com o

cabelo black power, porque eles me chamavam assim: “Tony Tornado, vai alisar esse cabelo!” E eu era tímida. O magistério tinha me libertado para o fato de comunicar com mais desembaraço, mas eu era tímida. Eu disse: “Nossa, e agora?” Mas nunca pensei, em nenhum momento, em alisar o cabelo. Eu estudava na Aliança Francesa, que era na Gonçalves Dias, aqui em São Luís, e eu tinha que descer uma longa rua, que era a rua dos Remédios. Tinha o colégio particular São Luís. Bastava ter um aluno na janela ou na porta, me via de longe, que eles vinham chegando para a porta e para a janela. Quando eu tinha que passar na frente do colégio, já estava aquela aglomeração só para me ver e dar vaia: “Ê, diabo, vai alisar esse cabelo!” “O que é isso? É o cão?” E eu tinha que enfrentar isso, não sei quantos dias durante a semana, mas nunca mudei de rua. Eu poderia ir pela outra rua para não passar na porta do colégio. Eu dizia: “Não. É o meu cabelo. Não vou deixar que esses moleques me abatem.” Mas aquilo incomodava.

Hoje em dia todo mundo faz permanente afro, mas nesses anos de 1970, 80, ninguém encarava. Em 1973, eu entrei no coral da universidade. E tinha muitas negras. Aos poucos, elas foram deixando o cabelo natural, mas passavam uns três meses, la vinham com o cabelo alisado. Eu entendia, realmente era difícil assumir essa aparência de negro. Porque os próprios negros não davam força. A minha mãe também dizia: “Tu também queres o que? Não quer pegar vaia? Sai com um cabelão desses e não quer?” Era como se a gente quisesse agredir. Uma vez eu fui passando por uma rua e tinha um garotinho: “Mamãe, vem cá depressa, depressa.” Aí eu vi que era para me olhar. Quando a mãe chegou, ficou toda sem jeito porque o menino tinha chamado para me olhar.

Até então eu era anônima, ninguém me olhava. De repente, toda a cidade te olha. Ia para o cinema [...] e comecei a me impor: eu passava pelo meio, entre as fileiras, e ia até na porta. Porque, quando eu via que eles iam começar a virar todos para olhar na hora em que eu sumia no salão, eu dizia: “Deixa eu fazer logo o desfile para eles me olharem.” [...]

Mas aí eu entro na universidade, no curso de comunicação social, em 1971, participo de um grupo de teatro, que é o laborarte, e vou ter mais força é dessas pessoas: “Que legal! Está igual à Angela Davis.” Essas pessoas que tinham acesso à informação, já viam a minha aparência vinculada com o movimento negro americano. É bem verdade, eu pensei: “Eu estava fazendo, por enquanto, o ‘meu movimento’.” Era isolado. Mas aí já começava a pensar: “Eu tenho que fazer alguma coisa. Isso é mais sério do que pensavam.” (ALBERTI; ARAÚJO, 2007, p. 67-68).

Conjuntamente com as análises das fichas, poderá ser proposto aos alunos e às alunas pensarem sobre as mudanças e permanências relacionadas aos usos e manipulações do cabelo no tempo histórico a partir do relato do trecho de Mundinha, através de uma pesquisa onde eles possam identificar quais eram as dificuldades vivenciadas por ela ao fazer uso do cabelo natural. Quem são os personagens Tony Tornado e Angela Davis aos quais Mundinha era identificada e qual a importância deles? Hoje em dia as pessoas ao receberem críticas aos seus cabelos se comportam de que forma? O que, na sua visão mudou, e o que permanece, com relação aos olhares das pessoas brancas ou não brancas para o cabelo crespo na sociedade brasileira?

Posteriormente aos relatos dos alunos (as) sobre a pesquisa, poderão ser apresentados pelo professor outros objetos que modelam os cabelos, como imagens de secador, chapinha, piastra, a fim de levantar questionamentos sobre os usos desses objetos e também do pente quente ao se pensar os cabelos crespos. Quais serão as impressões que estes objetos causarão nos alunos e nas alunas? Será que a indústria da beleza, ao fabricar os objetos relativos à manipulação capilar, contribui para determinar padrões estéticos a serem adotados por nossa sociedade? Essas são questões que poderão ser respondidas por cada aluno e cada aluna mediante o olhar que se tem sobre estética do cabelo na atualidade.

Proposta de atividade 7 – Para concluir, poderá ser disponibilizado para os(as) alunos(as) na sala de aula virtual o depoimento do jovem estudante Wellington Fagundes sobre sua experiência de pintar os cabelos para a repórter Marcionila Teixeira em 1º de março de 2014, ao canal do Youtube Diário de Pernambuco, que chama atenção por sua fala:

E as meninas podem pintar o cabelo, tem menina que pinta de galego, toda semana vai trocando e variando a cor do cabelo. E se as meninas têm esse direito, a gente também tem o direito porque o cabelo que eu saiba é uma coisa pessoal. Então, se eu quiser pintar de preto, eu pinto de preto, de galego. Isso aí não tem nada a ver, isso aí não define o caráter de ninguém. Eu posso usar a roupa que eu quero, rasgado o que for, isso não vai definir quem eu sou, eu tenho que mostrar quem eu sou. E quando eu saio na rua os outros falam que é coisa de marginal, coisa de maloqueiro. Até a polícia quando vai fazer uma abordagem de serviço trata a gente mal, não faz o serviço direito. Quem sofre com isso aí é a gente mesmo, que fica com a consciência um pouco pesada. Aí isso também não existe, né? Porque cabelo é uma coisa pessoal de cada um independente da sua cor. Certo? Obrigado.<sup>48</sup>

A fala de Wellington Teixeira nos evidencia o olhar discriminatório que a sociedade tem para com relação a alguns tipos de manipulações do cabelo crespo, muitas vezes associados à marginalidade. Sendo assim, nosso objetivo é incentivar o contrário no grupo de estudos; tentar levar o aluno e a aluna a reflexões que valorizem o respeito a várias formas de usos do cabelo, pois isso é uma coisa pessoal de cada indivíduo.

Para isso será pedido aos alunos e às alunas que pesquisem e postem na sala de aula virtual imagens de vários tipos de cortes, penteados, arrumações, tendo como critério de escolha que essas imagens sejam relacionadas ao cabelo crespo:

---

<sup>48</sup> Entrevista de Wellington ao Diário de Pernambuco. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KxBHmclabIY>> Acessado em: 12 de Set. 2020.

cresto natural (sem uso de química), cresto com relaxamento (uso de produto químico para o cabelo ficar menos cresto, principalmente na raiz e diminuir o volume), cresto alisado (com química, chapinha e outros objetos de manipulação capilar), dreads, tranças, moicano, black.

A proposta de trazer as várias imagens de cabelos de negros(as) para a sala de aula pelos alunos será de levá-los(as) a pensar como o estilo de cabelo escolhido para ser usado por uma pessoa não deve ser criticado, discriminado e inferiorizado por ninguém, independentemente do penteado, coloração, textura, corte. O professor fará a montagem de um painel com as imagens trazidas pelos alunos, o qual será colocado no *Instagram* e se apresentará como estratégia de trazer a beleza do cabelo cresto de forma realçada para o ambiente escolar, promovendo a valorização do cabelo e da estética do negro.

Também é nosso objetivo propor um diálogo em torno das diversidades existentes em nosso país e o respeito por elas. Nessas diversidades encontram-se as pessoas que usam o cabelo liso, seja ele por química ou qualquer outro objeto que sirva à proposta do alisamento, e também liso natural, cabelos crestos naturais, entre outros. Essa atividade também poderá ser realizada na sala virtual.

Não se tem o propósito de homogeneizar manipulações capilares de nenhum indivíduo, mas sim proporcionar que esses convivam se respeitando, como lembra o cantor Chico César na música “Respeitem meus cabelos, brancos”:

“[...]se eu quero pixaim, deixa  
se eu quero enrolar, deixa  
se eu quero colorir, deixa  
se eu quero assanhar, deixa  
Deixa, deixa a madeixas balançar [...]”<sup>49</sup>

Vale a pena lembrar que todas as atividades propostas aos alunos e às alunas no grupo de discussão não se encontram estáticas. Como a proposta do grupo é promover diálogos, novas reflexões e novas formas de pensar o cabelo e seu poder estético para o afrodescendente são possíveis nas construções identitárias.

Proposta de atividade 8 – Após toda a discussão em torno da representatividade e do cabelo do afrodescendente, chegará a hora de propor que

---

<sup>49</sup> CHICO CÉSAR. Respeitem meus cabelos, Brancos. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/chico-cesar/134011/>> Acessado em: 20 agost. 2020.

tudo o que foi produzido no grupo de estudo ganhe um alcance maior e seja compartilhado para o resto da comunidade escolar. Inicialmente pensamos como possibilidade de culminância uma roda de conversa, num último encontro virtual com todos os membros, que possibilite refletir sobre tudo o que foi pensado no tempo em que o grupo esteve ativo, o que equivale a oito semanas.

Começaremos propondo a releitura das redações que foram escritas pelos alunos e pelas alunas em suas casas e lidas no segundo encontro virtual do grupo de discussão. O objetivo será levantar questões sobre o que mudou no olhar dos participantes sobre seu cabelo e a forma de lidar com ele na comunidade escolar e fora dela.

A partir dos resultados dessa roda de conversa, professor e estudantes irão rever os conteúdos do *Instagram* que inicialmente terá seu endereço de acesso conhecido somente pelos participantes do grupo de estudos, com o propósito de preservar a privacidade dos e das estudantes. E, nesse momento, quando o trabalho estará se encerrando, será decidido em conjunto se e como o *Instagram* se tornará público para toda a comunidade escolar e para qualquer pessoa que o queira visitar, e também o que será compartilhado.

Nesse *Instagram*, as informações serão atualizadas pelo professor durante a vigência do grupo de estudos semanalmente, após todos os encontros, e o conteúdo inicial serão as reflexões dos alunos e das alunas no grupo de trabalho escolhidas por todos os participantes, de forma a eleger aquelas que sejam mais interessantes e criativas seguindo as propostas da temática, que é o cabelo crespo e o combate ao racismo na escola. À medida que os conteúdos forem produzidos e as discussões caminharem, a tarefa de atualizações do *Instagram* poderá ser feita por alunos que se mostrarem interessados.

Como, nesse momento, o grupo não estará em execução, ou funcionamento, a ideia aqui é criar possibilidades, ou traçar caminhos para que ele possa ser efetivado por qualquer pessoa que se interessar em incorporá-lo a suas práticas pedagógicas. Ao fim das atividades do grupo de estudos, que poderá ficar vigente durante todo o segundo bimestre, e caso o grupo decida que o conteúdo do *Instagram* deva ser tornado público, se não houver voluntários para colaborar na continuidade de alimentação dos conteúdos, o professor assumirá essa tarefa sozinho, com o intuito de manter vivo o propósito de ter dentro da escola um canal que possibilite refletir constantemente a educação para as relações étnico raciais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia principal desse trabalho é, através da formação de um grupo de estudos sobre o cabelo “afro”, evidenciá-lo como símbolo de importância para o processo de valorização e representação da população negra brasileira, partindo de reflexões de como a história e seu ensino podem ser utilizados como uma poderosa ferramenta de promoção da igualdade racial e promoção do respeito à diversidade no ambiente escolar.

Para isso, além de levantar questionamentos relativos à afrodescendência no Brasil, também tivemos o cuidado de preparar propostas metodológicas que possam ser utilizadas por professores e professoras, e fazer suas aulas efetivas e reflexivas no que diz respeito aos conteúdos ligados às relações étnico raciais.

Nesse trajeto tivemos a oportunidade de encontrar a professora Thaianne Campos, profissional comprometida com a luta antirracista e que contribuiu para as reflexões dessa dissertação, mesmo que indiretamente, porém, a atitude da professora em trazer temas sensíveis, porém necessários, como a intolerância religiosa e o protagonismo negro através do cordel, nos mostrou que é possível um trabalho multidisciplinar.

Também cabe ressaltar a importância dessas reflexões em minha formação pessoal. Desenvolver propostas para se trabalhar através do ensino de história e temáticas ligadas à educação para as relações étnico raciais sempre foi algo que se fez constante em minhas vivências dentro de sala de aula. Entretanto, foi com essa dissertação que os caminhos foram abertos para um olhar mais atencioso não só visando o Colégio Estadual Roberto Coelho Pedroso, mas a possibilidade de levar esses temas para outras escolas. Digo isso devido ao convite que me foi feito em março de 2021 para participar de um projeto na Escola Municipal José Calil Ahouagi, na cidade de Juiz de Fora, MG, onde resido e sou professor contratado da rede municipal de ensino pela prefeitura de Juiz de Fora. A coordenadora do projeto, ao realizar o convite, disse que chegou a meu nome através de uma amiga em comum, e que ficou interessada em trazer a temática do cabelo para dentro da escola e achou importante trazer minhas reflexões e relatos de vivências com alunas e alunos visando a contribuir para a autoestima dos mesmos.

O projeto, chamado “Juventude sustentável”, teve por objetivo a realização de rodas de conversas virtuais com professoras, professores e palestrantes, todos negros(as) que se propuseram a trocar experiências sobre empoderamento feminino e equidade de gênero. Estar entre um dos escolhidos me deixou orgulhoso; no meu caso realizei uma fala com o título “A mulher negra - seu cabelo, sua beleza, força e ancestralidade”. Nesse bate papo tive a oportunidade de expor muito das reflexões contidas nessa dissertação; o estudo realizado para a construção de meu trabalho deu base para minhas colocações. Cabe ressaltar que nenhuma das propostas da concepção do grupo de estudos foi colocada em prática na roda de conversa, mas poder falar sobre cabelo crespo para meninos e meninas e sua importância para negros e negras foi de uma alegria imensa e fortalecimento para caminhar com essa temática no ambiente escolar.

Mas o caminho até aqui não foi feito só de flores. Em meio a uma pandemia de Covid-19 com mais de 600 mil mortos só no Brasil, perda de entes queridos, a tarefa de concluir a dissertação se tornou muito difícil e desgastante. As dificuldades trazidas com o isolamento social e o cancelamento das aulas presenciais foram empecilhos para colocar a ideia inicial da dissertação em prática, o que foi resolvido com a criação de uma concepção do grupo de estudos onde todas as propostas deverão ser realizadas via remoto com auxílio da plataforma *Google Classroom*.

Entretanto, vemos que os caminhos trilhados no decorrer da dissertação podem ser ampliados no sentido de propor novos questionamentos sobre os usos e manipulações do cabelo do afrodescendente no ambiente escolar. As propostas aqui não são tidas como estáticas, mas sim devem ser adequadas a cada realidade escolar e para cada grupo participante respeitando suas subjetividades.

Corpos negros em suas construções históricas sempre foram violentados, discriminados, passaram e ainda passam por situações vexatórias nas escolas, nos ambientes de trabalho, nas famílias, na sociedade de um modo geral. Escolher a escola Roberto Coelho Pedroso para se discutir racismo e cabelo crespo é uma das tentativas que podem mudar o olhar de sujeitos negros ou não para a luta antirracista.

Pesquisar temas sensíveis como o racismo despertou em mim enquanto negro, professor e historiador, vários gatilhos que, em alguns momentos, me fizeram refletir não só acerca da importância de se posicionar com relações a esses temas na escola, mas também da necessidade de se estudar mais e mais sobre a



temática, buscando assim a cada dia novas possibilidades e provocar novos olhares positivos sobre negros e negras, de forma que possamos dialogar, pois podemos aprender muito com um ensino de história que se direcione não a invisibilizar, mas sim a evidenciar o protagonismo negro em suas lutas constantes contra o racismo, e para isso precisamos pensá-lo como um problema que é de toda a sociedade sem distinção de cor.

Com a temática também nos alertamos para necessidade de se pensar e criar, com ensino de história, estratégias que desmitifiquem os estereótipos negativos atribuídos à negritude. Na história da formação da sociedade brasileira houve e ainda persiste a criação de padrões a serem aceitos por sujeitos e esses padrões não estão ligados às referências africanas e afro-brasileiras que contribuíram, e muito, para a formação do país.

Nesse sentido, o ensino de história se apresenta com um lugar onde as reflexões sobre o passado possam ser úteis para que alunos e alunas, negros ou não, possam se colocar no lugar do outro não com um olhar de crítica negativa, mas de respeito a todo e qualquer tipo de diversidade estética nas salas de aula, nos ambientes de trabalho, nas comunidades, ou seja, nos diversos segmentos onde sujeitos convivem uns com os outros.

Trazer a importância da história do negro através do cabelo, e esse sendo mostrado com valor e respeito não só no Brasil, mas também na diversidade africana da antiguidade e atual, permite questionamentos que são necessários tanto para compreender as permanências que ajudam a explicar as mazelas sociais presentes até hoje, mas também para identificar diferenças, que são elemento fundamental para combater o racismo, pois evidenciam a possibilidade de mudança.

A importância do cabelo para mulheres negras em suas histórias foi tratada nessa dissertação como forma de compreendermos a multiplicidade e a diversidade de manifestações estéticas e culturais em diferentes contextos históricos e sociais. Tal compreensão pôde ser estendida a questões ligadas ao cabelo afro e suas manipulações também de homens e meninos negros, seja no ambiente escolar ou não.

Quando pensamos no cabelo crespo a partir do ensino de história, compreendemos que, em diferentes momentos, ele foi inferiorizado, quando comparado com cabelos lisos mais comuns em brancos, e muitas vezes continua sendo. Então temos a oportunidade de, no ambiente escolar, desconstruir os olhares

negativos que contribuem para essa diferenciação, e também mostrar outras formas de valorização, as quais sempre existiram, mas nem sempre foram apontadas nas escolas.

Isso dá possibilidade de refletir sobre os porquês de, no Brasil e em outros países, esse traço identitário da negritude tenha sido mantido menosprezado, e também de identificar mudanças que podemos perceber relacionadas à presença de negros e negras ocupando espaços em veículos de comunicação e em páginas e outros recursos da internet. E também dá possibilidade de refletir sobre o que ainda permanece de resquícios negativos atribuídos ao cabelo afro, e principalmente se esse permite um novo olhar que não alimente continuidades, mas provoque mudanças.

A provocação da mudança de perspectiva, ao se pensar a história do negro e do afrodescendente, me remeteu ao samba enredo do G.R.E.S Beija Flor de Nilópolis desse carnaval de 2022, cuja letra diz o seguinte:

[...] Ergue o punho, exige igualdade  
Traz de volta o que a história escondeu  
Foi-se o açoite, a chibata sucumbiu  
Mas você não reconhece o que o negro construiu [...]  
[...] Nada menos que respeito, não me venha sufocar  
Quantas dores, quantas vidas nós teremos que pagar?  
Cada corpo um orixá! Cada pele um atabaque  
Arte negra em contra-ataque [...]<sup>50</sup>

O trecho da letra do samba trata das reivindicações por igualdade, representatividade e reconhecimento da participação de negros e negras na história do Brasil. Denuncia o genocídio da população negra, que aumenta a cada dia no país, e também a necessidade de respeito a culturas afro-brasileiras ainda tão apedrejadas e inferiorizadas no senso comum. Nesse sentido, o mestrado profissional foi, para mim, uma grande oportunidade de criar propostas pedagógicas que tenham o poder de desconstruir o racismo no ambiente escolar e fora dele, em consonância com o que diz a letra do samba.

A construção desse trabalho partiu das minhas experiências enquanto professor de história. Pude perceber, nesses anos atuando em escolas públicas, várias situações de racismo, e o mestrado no ProfHistória me alertou para a

<sup>50</sup> Samba enredo do G.R.E.S Beija Flor de Nilópolis 2022. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/beija-flor-rj/samba-enredo-2022-empretecer-o-pensamento-e-ouvir-a-voz-da-beija-flor/>> Acessado em 30 de Nov. 2021.

necessidade de constituição de um ensino de história onde eu pudesse pautar os problemas da sala de aula em meu planejamento, de forma que desse enfoque a realidades dos alunos e alunas durante todo o transcorrer do ano, e não só em um mês ou dia específico.

Sendo assim, essa é a proposta a ser atingida com a concepção do grupo de estudos no Colégio Estadual Roberto Coelho Pedroso, que tem por objetivo discutir o racismo e o cabelo crespo no ambiente escolar instigando uma consciência histórica de valores mais respeitosos e relevantes, pela busca de espaço e ampliação das reflexões em torno da questão racial.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Algumas estratégias para o ensino de história e cultura afro-brasileira. In: Pereira, Amilcar Araújo; Monteiro, Ana Maria (org.) **Ensino de história e culturas afro-brasileiras e indígenas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

\_\_\_\_\_. “Dois temas sensíveis no ensino de História e as possibilidades da História Oral: a questão racial e a ditadura no Brasil”. In: Rodeghero, Carla Simone; Grinberg, Lúcia; Frotscher, Méri. **História oral e práticas educacionais/** organizadoras. São Leopoldo: Oikos; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016, p. 41.

\_\_\_\_\_; PEREIRA, Amilcar Araujo (Org). **Histórias do movimento negro no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FGV, 2007.

ALMEIDA, Silvío Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

AVELINO, Amanda. Conheça atitudes simples para combater o racismo na escola!. **PORTAL GELEDÉS**, 2018 Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/conheca-atitudes-simples-para-combater-o-racismo-na-escola/>> Acessado em: 04 ago.2020.

BEVILACQUA, Juliana Ribeiro da Silva; SILVA, Renato Araújo da. **África em Artes**. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2015.

BEZERRA, Carolina. Utilizando o portfólio como instrumento de escrita e reflexão. In: **Afrikas : histórias, culturas e educação** / Fernanda Thomaz, org. Juiz de Fora : Editora UFJF, 2019. 432 p.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de história: fundamentos e métodos. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

\_\_\_\_\_. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2018. (Coleção docência em formação: ensino superior/ Coordenação Selma Garrido Pimenta).

**Blog To de cacho**. “Cabelo Bombril? Saiba porque essa é uma comparação racista”. Disponível em: < <https://todecacho.com.br/comparacao-racista-com-o-cabelo-afro/> > Acessado em 27 de Abril 2021.

BRASIL, Eric. “Carnaval, cidadania e mobilizações sociais negras no Rio de Janeiro (1900-1920)”. In: **ABREU, XAVIER, BRASIL, MONTEIRO, Cultura Negra, Novos Desafios para Historiadores** (vol. 2 – Trajetórias e Lutas de Intelectuais Negros). Niterói: Eduff, 2018, p. 297-327.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em < [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category\\_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192) > Acessado em 05 de Abr. 2021.

BRASIL, Ministério da Educação (MEC). Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, MEC, 2004. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/temas\\_interdisciplinares/diretrizes\\_curriculares\\_nacionais\\_para\\_a\\_educacao\\_das\\_relacoes\\_etnico\\_raciais\\_e\\_para\\_o\\_ensino\\_de\\_historia\\_e\\_cultura\\_afro\\_brasileira\\_e\\_africana.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/temas_interdisciplinares/diretrizes_curriculares_nacionais_para_a_educacao_das_relacoes_etnico_raciais_e_para_o_ensino_de_historia_e_cultura_afro_brasileira_e_africana.pdf). Acessado em 14 Out. 2021.

BRITO, Fabi. **História e evolução do alisamento químico capilar**. 2016. Disponível em: <<https://sossrtabrito.wordpress.com/2016/03/15/historia-e-evolucao-do-alisamento-quimico-capilar/>> Acessado em: 15.07.2020.

CARMO, Eliane Fátima Boa Morte do. **História da África nos anos iniciais do ensino fundamental: os Adinkra**. Salvador; Artegraf, 2016.

CARNEIRO, Sueli. Negros de pele clara por Sueli Carneiro. PORTAL GELEDÉS, 2004. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/negros-de-pele-clara-por-sueli-carneiro/>> Acessado em 21 de Jun. 2021.

CASTRO, Gabriela. “BBB21: falas preconceituosas são levadas como brincadeira Comentários racistas sofridos pelo participante João Luiz são entendidos como inocência ou falta de informação. Especialistas explicam as raízes dessas atitudes preconceituosas”. Correio Brasiliense, 2021. Disponível em: < <https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/cultura/2021/04/4916578-bbb-21-falas-preconceituosas-sao-confundidas-como-brincadeira.html#> >. Acesso em: 30 de Maio 2021.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2000.  
CERQUEIRA, Daniel. **Atlas da Violência 2021** / Daniel Cerqueira et al., — São Paulo: FBSP, 2021.

CHICO CÉSAR. **Respeitem meus cabelos, Brancos**. Disponível em: < <https://www.letras.mus.br/chico-cesar/134011/>> Acessado em: 20 ago. 2020.

CONCEIÇÃO, Dalva Maria. **Por identidade e pertença: processos de autorreconhecimento e afirmação da identidade negra entre estudantes da escola José Alves de Figueiredo Crato – CE (2011-2018)**. Universidade Regional do Cariri – URCA. 2018. p. 1 – 175.

CÔRTEZ, Giovana Xavier da Conceição. **Domando os fios e civilizando os corpos: a construção da beleza afro-americana em alguns jornais e revistas negros de Chicago no pós-abolição (1918-1922)**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, p 6, 2011. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300671094\\_ARQUIVO\\_TextoAnpuh\(GiovanaXavier.2011\).pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300671094_ARQUIVO_TextoAnpuh(GiovanaXavier.2011).pdf)> Acessado em: 15.07.2020.

DANZY, Jasmine. Adinkra Symbols: An ideographicwriting system. Thesis the master of Arts in English Stony Brook University. 2009 Disponível in:< <https://dspace.sunyconnect.suny.edu/bitstream/handle/1951/48176/000000570.sbu.pdf>>. Acesso em: setembro de 2015.

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021. 224 p.

DOMINGOS, João Pedro; NOGUEIRA, Maria Alice de Farias. **Geração tombamento e mercado: a popularização do jovem negro na cultura do consumo**. Artigo (Intercom Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), Volta Redonda- RJ, 2017. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2017/resumos/R58-0614-1.pdf>> Acessado em: 24 de Mar. 2018.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento negro brasileiro**: Alguns apontamentos históricos. Scielo Brasil. 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-77042007000200007>> Acessado em 22 de Jun. 2021.

**Enrolado na Raiz**. Direção de Camila Christian Quintana Leão, produção Raissa Rosa, decupagem Alice Martins, Identidade Visual: Gabriel Novais. Viçosa - MG: Pérolas Negras, 2015. Documentário - vídeo (23 min), [Youtube], Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=obSQySXZ-L0>> acessado em 15 de ago. 2020. Entrevista de Wellington ao Diário de Pernambuco. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KxBHmclabY>> Acessado em: 12 de Set. 2020.

**ESTADÃO**. "BBB21": João Luiz desabafa sobre comentário racista de Rodolfo. Estadão, 2021. Disponível em: <<https://emails.estadao.com.br/noticias/tv,bbb-21-joao-desabafa-sobre-comentario-racista-de-rodolfo,70003672016>>. Acesso em 04, Abr. 2021.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**; traduzido por Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo; prefácio de Grada Kilomba; posfácio de Deivison Faustino; textos complementares de Francis Jeanson e Paul Giroy. São Paulo: Ubu Editora, 2020[1952].

Festa da Consciência Negra do Escola Estadual Roberto Coelho Pedroso (2013). Disponível em: <http://sempremaiseducacao.blogspot.com/2013/11/festa-da-consciencia-negra.html> Acessado em: 12 de Fev. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FUKS, Roberta. **Elza Soares - Cantora e compositora brasileira**. Site ebiografia. Disponível em [https://www.ebiografia.com/elza\\_soares/](https://www.ebiografia.com/elza_soares/). Acessado em 22 de Jun. 2021.

**GLOBO.COM**. Bombril lança esponja de aço 'Krespinha', é criticada nas redes e retira produto do site. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2020/06/17/bombril-lanca-esponja-de-aco-krespinha-e-criticada-nas-redes-e-retira-produto-do-site.ghtml> Acessado em: 18 de Ago. 2021.

**GLOBO.COM**. Fundação Casa é proibida de raspar o cabelo dos internos. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/08/fundacao-casa-e-proibida-de-raspar-cabelo-de-internos-em-sp.html>> Acessado em 31 de Ago. 2021.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: Um olhar sobre corpo e cabelo.** Revista da USP Educação e pesquisa. São Paulo, v.29, n. 1, p. 167-182, jan./jun. 2003. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27905/29677>> acessado em 21 de Out. 2021.

GOMES, Nilma Lino: “Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?”. In: **Revista Brasileira de Educação**, Set-Dez, número 021. Associação nacional de Pós – Graduação e Pesquisa em Educação. São Paulo, Brasil. 2002 - p.40-50. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a03.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

GOMES, Nilma Lino: **Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolo da identidade negra.** 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Experiências étnico-culturais para formação de professores.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. (Coleção Cultura Negra e Identidade).

GONÇALVES E SILVA, Petronilha Beatriz. “Práticas do racismo e formação de professores”. In: DAYRELL, Juarez. (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura.** Belo Horizonte, UFMG, 1996.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. A literatura de cordel na sala de aula. In: Abreu, Martha e Soihet, Raquel (orgs.) **Ensino de história: Conceitos, temáticas e metodologia.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

HOOKS, bell. Vivendo de Amor. PORTAL GELEDÉS, 9 de Mar. 2010. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>> Acessado em: 23 de Ago. 2021.  
KARNAL; Leandro. **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas.** Leandro Karnal (org.). 6. ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano / Grada Kilomba;** tradução Jess Oliveira. 1. Ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 248 p.

\_\_\_\_\_. Prefácio. Fanon, existência, ausência. In: FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** São Paulo, Ubu Editora, 2020, p. 11-20.

LETRAS. Max de Castro. **O Nêgo do cabelo bom.** Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/max-de-castro/140608/>> Acessado em: 19 jul. 2021.  
LOPES, Dailza Araújo; FIGUEIREDO, Ângela. Fios que tecem a história: o cabelo crespo entre antigas e novas formas de ativismo. **Revista Opará: etnicidade, movimento sociais e educação.** V. 6. N.8. 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/opara/article/view/5027>> Acessado em 13 de Out. 2021.

**Melanina:** como barbearias empodera preto no Brasil. Direção: Alessandra Blanco. Produção: Leonardo Sacco, Pedro Borges, Luciana Pioto, Amanda Serra, João Conrado Kneipp. Tiago Santos. São Paulo: Yahoo e Alma Preta, 2019. 1 vídeo (9 minutos). Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/melanina-como-barbearia-empoderado-pretos-212232827.html>. Acesso em: 13 set. 2020. Ministério da Educação e Cultura. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao/apresentacao?id=16689#:~:text=O%20Programa%20Mais%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20criado,jornada%20escolar%20nas%20escolas%20p%C3%BAblicas%20>. Acessado em 31 de Mar. 2021.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude:** usos e sentidos. Belo Horizonte, MG: Editora Autêntica. 3ª ed. 2009.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Superando o Racismo na escola.** 2ª edição revisada / Kabengele Munanga, organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204p.: il.

NASCIMENTO, Elisa Larkin e GÁ, CARLOS, Luiz (Org.). **Adinkra:** Sabedoria em símbolos africanos. Rio de Janeiro: Pallas, 2009. P 82-83.

\_\_\_\_\_. **A matriz africana no mundo.** [Sankofa – matrizes africanas da cultura brasileira; 1]. São Paulo: Selo Negro, 2008.

NASCIMENTO, Silvia. “Adolescente sofre racismo nas redes sociais e sua mãe dá aula de amor ao cabelo crespo: “Vou cortar igual ao seu”. Mundo Negro. Disponível em: < <https://mundonegro.inf.br/adolescente-sofre-racismo-nas-redes-sociais-e-sua-mae-da-aula-de-amor-ao-cabelo-crespo-vou-cortar-igual-ao-seu/> >. Acessado em 30 de Maio de 2021.

**O Estado de São Paulo.** Camilla de Lucas expõe ataques por usar cabelo liso: Me deixem em paz. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/gente,camilla-de-lucas-expoe-ataques-por-usar-cabelo-liso-me-deixem-em-paz,70003757745> Acessado em 26 de Jun. 2021.

OLIVEIRA, Gabriela. **Tour pelo meu rosto.** Papo DePretas. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=CEOvcHPvvis&t=324s> > Acessado em 12 de Jun. 2021.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. **A representação do negro nas poesias de Castro Alves e de [Luiz Silva] Cuti:** de objeto a sujeito. 2007. 187 f. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras/Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/ECAP-74CNWE>> Acessado em: 21. Jul.2020.CUTI, [Luiz Silva]. Batuque de tocaia. São Paulo: ed. Do autor, 1982.



PAINS, Clarissa. Os ataques racistas sobre cabelo de francesa que tirou Brasil da Copa. **PORTAL GELEDÉS**, 2019. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/os-ataques-racistas-sobre-cabelo-de-francesa-que-tirou-brasil-da-copa/>>. Acessado em: 31 jul.2020.

PEREIRA, Júnia Sales; ROZA, Luciano Magela. **O ensino de história entre o dever de memória e o direito a história**. Revista História Hoje. V.1, n. 1. 2012. Disponível em:< <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/20/24>> Acessado em 20 de Ago. 2021.  
PIRES, Karen Tolentino de. **Crespa ou alisada**: os diferentes significados da manipulação do cabelo afro entre mulheres negras da cidade de Santa Maria - RS. 2015. 175 f. dissertação (mestrado em sociologia) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015, 75 p.

RAMOS, Angela Maria Parreiras. Literatura infantil e construção da identidade étnico-racial: Uma possibilidade da Lei n. 10.639/2003. In: Souza, Maria Elena Viana (org.). **Relações Raciais no cotidiano escolar**: diálogos com a Lei n. 10639/2003. Rio de Janeiro: Rovellet, 2009.

RIANELLI, Erick; LEITÃO, Leslie. **Homem branco é preso por suspeita de furtar bicicleta elétrica; caso motivou denúncia de racismo de jovem negro no Rio**. G1, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/06/17/policia-prende-suspeito-de-furto-de-bicicleta-eletrica-que-motivou-abordagem-a-jovem-negro-no-rio.ghtml> Acessado em: 20 de Jun. 2021.  
SANTOS, Luane Bento dos. **Conhecimento Etnomatemáticos produzidos por mulheres negras trançadeiras**. Revista da ABPN. v. 9, n. 22. Mar – Jun. 2017, p. 123-148.

SANTOS, Luane Bento dos. Para além da estética: uma abordagem etnomatemática para a cultura de trançar cabelos nos grupos afro-brasileiros. Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Celso Suckow da Fonseca, 2013. 105f. Disponível em:< [http://dippg.cefet-rj.br/pprer/attachments/article/81/8\\_Luane%20Bento%20dos%20Santos.pdf](http://dippg.cefet-rj.br/pprer/attachments/article/81/8_Luane%20Bento%20dos%20Santos.pdf)> Acessado em 21 de Out. 2021.

SANTOS, Maria Anselmo dos. **Mulher negra e cabelo**: da recusa à aceitação. Dissertação (mestrado em Humanidades, Culturas e Artes) – Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”, Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades, 2017.

SANTOS, Pyetra; RODRIGUES; Cris. **Gshow**. “Lewis Hamilton compra mesa no baile do Met para dar visibilidade a estilistas negros. Disponível em: <https://gshow.globo.com/moda-e-beleza/noticia/lewis-hamilton-compra-mesa-inteira-no-baile-do-met-para-dar-visibilidade-a-estilistas-negros-exaltar-beleza-excelencia-e-talento.ghtml> Acessado em: 14 de Set. 2021.  
SANTOS, Genivalda. **Relações raciais e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

Sempre mais educação - BLOG DO C.E. ROBERTO COELHO PEDROSO

"Iluminando pensamentos e preparando para a vida

[http://portal.mec.gov.br/programa-mais-](http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao/apresentacao?id=16689#:~:text=O%20Programa%20Mais%20Educa%C3%A7%C3%A3o%2C%20criado,jornada%20escolar%20nas%20escolas%20p%C3%BAblicas%2C)

[educacao/apresentacao?id=16689#:~:text=O%20Programa%20Mais%20Educa%C3%A7%C3%A3o%2C%20criado,jornada%20escolar%20nas%20escolas%20p%C3%BAblicas%2C](http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao/apresentacao?id=16689#:~:text=O%20Programa%20Mais%20Educa%C3%A7%C3%A3o%2C%20criado,jornada%20escolar%20nas%20escolas%20p%C3%BAblicas%2C)

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula. In: O saber histórico em sala de aula. Circe Bittencourt (org.) 11. Ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da; MELGAÇO, Matheus Paulo. “Bigodin finin, cabelin na régua”: o corte de cabelo “na régua” na construção das subjetividades dos jovens negros. In: **Textura – Revista de Educação e Letras**, Abr/Jun, v. 22, número 50. Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Brasil. 2020 – p. 309-329. Disponível em: < <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/5339>>. Acessado em: 14 Set. 2020.

SILVA, Elaine de Souza. **Memória, identidade e audiovisual** : a contribuição dos videoblogs na resignificação do cabelo crespo. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Vitória da Conquista, 2017.

SILVA, Giovani José da; COSTA, Ana Maria Ribeiro F.M. **Histórias e culturas indígenas na educação básica**. 1ª. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018 – Coleção Práticas docentes.

SIMAN, Lana. “**Representações e Memórias sociais Compartilhadas**: desafios para os processos de Ensino e aprendizagem da História”. In: Cad. CEDES, Campinas, vol.25, n. 67, p. 348-364, set/dez 2005.

SOUTO; Geraldo, 2021. **Universa Uol**. Elas rebatem Sérgio Camargo e exaltam cabelo afro. Disponível em:

<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/08/31/orgulho-cabelo-afro-sergio-camargo.htm> Acessado em 31 de Ago. 2021.

SOUZA, Maria Helena Viana. Relações raciais no ensino superior: xperiências de práticas de ensino/ aprendizagem e pesquisa. In: Souza, Maria Elena Viana (org.). **Relações raciais no cotidiano escolar**: Diálogos com a Lei 10. 639/2003. Rio de Janeiro: Rovel, 2009.

SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

TEIXEIRA, Marcionila. Meninos da periferia pintam os cabelos para o carnaval. **PORTAL GELEDÉS**, 2014. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/meninos-da-periferia-pintam-os-cabelos-para-o-carnaval/> >. expressão Acesso em: 14 set. 2020.

THEODORO, Janice. Educação para um mundo em transformação. In: Leandro Karnal (org.) **História na sala de aula**: conceitos, práticas e propostas. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2015.

## ANEXO – Projeto de Pesquisa e Intervenção

## PROJETO DE PESQUISA E INTERVENÇÃO

PROFESSORA THAIANE CAMPOS

COLÉGIO ESTADUAL ROBERTO COELHO PEDROSO

ALUNA(O): \_\_\_\_\_

TURMA 2001 INTEGRAL DATA: \_\_\_\_\_



*OLÁ! Espero encontra-los bem e saudáveis. Nesse material vamos levantar algumas questões sobre pesquisa e intervenção. Na verdade, veremos como a pesquisa é construída com intencionalidades de intervenção social, de modo que venha somar aos debates e às questões que nos tocam como sociedade. Para começar essa conversa, faça a leitura dos textos e responda as questões seguintes.*

## ATIVIDADE 1

Apesar de ainda fazer parte da cultura sertaneja nordestina, com o avanço das tecnologias e do mercado editorial, os cordéis ganharam espaço em outras mídias e suportes. Os da escritora Jarid Arraes são um belo exemplo, pois não necessariamente seus escritos passam pelo formato original do cordel (folheto e xilogravura), mas sim são prontamente publicados em livros - sejam eles independentes, seja por meio de editoras mais tradicionais.

## O QUE É UM CORDEL?

Cordel são folhetos contendo poemas populares, expostos para venda pendurados em cordas ou cordéis, o que deu origem ao nome. Os poemas de cordel são escritos em forma de rima e alguns são ilustrados. Os autores, ou cordelistas, recitam esses versos de forma melódica e cadenciada,



acompanhados de viola, como também fazem leituras ou declamações muito empolgadas e animadas para conquistar os possíveis compradores.

No Brasil, a literatura de cordel é encontrada no Nordeste, principalmente nos estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Costumava ser vendida em mercados e feiras pelos próprios autores.

Os cordéis são símbolos culturais do Brasil, com sua importância literária, mas também através das XILOGRAVURAS que formam suas capas. Xilogravura é uma técnica de impressão muito antiga que consiste numa gravura na qual se utiliza uma madeira como

matriz, possibilitando a reprodução da imagem gravada sobre papel ou outro suporte adequado. Esse processo é muito parecido com o carimbo.

→ Os cordéis de Jarid Arraes além de representarem a grandeza cultural brasileira, também se valeram da pesquisa histórica para levar conhecimento aos seus leitores. No livro **HEROÍNAS NEGRAS BRASILEIRAS – EM 15 CORDÉIS** a escritora tem a capacidade impressionante de levar informação ao leitor que não teve oportunidade de conhecer as múltiplas histórias que constituem a história deste país.

Diante disso, hoje vamos fazer uma leitura de cordel, e buscar entender o papel da PESQUISA e da possibilidade de INTERVENÇÃO SOCIAL a partir da literatura.

Na foto ao lado temos a escritora Jarid Arraes. Nascida em Juazeiro do Norte, na região do Cariri (CE), em 12 de fevereiro de 1991, é escritora, cordelista, poeta e autora do premiado "Redemoinho em dia quente", vencedor do prêmio Biblioteca Nacional, do APCA de literatura na categoria contos e finalista do prêmio Jabuti.

→ Após a leitura do cordel responda as questões:



"Não espere gentileza,  
De quem recebe grosseria,  
O sorriso só é certeza,  
Quando vem com simpatia,  
O amor é fortaleza,  
Se praticado dia a dia,  
Do contrário é fraqueza,  
Que luz escurece irradia".

ilustração: poesia cordel oficial



**MARIANA CRIOLA**

Vou contar uma história  
Da mais pura resistência  
Sobre a vida de uma líder  
Com tamanho inteligência  
Que foi fonte de coragem  
Para sua sobrevivência

Foi em Paty do Alferes  
No estado do Rio de Janeiro  
Lá no Vale do café  
Que um rebuliço inteiro  
Foi por ela liderado  
E foi nela derradeiro

Foi Mariana Crioula  
Nome para se guardar  
Era escrava e com função  
De mucama e costurar  
Vivia na casa grande  
Mandava para trabalhar

A senhora das fazendas  
Que dá dor se enricava  
Era Francisca Xavier  
E o bolso transbordava  
Pelo sangue dos escravos  
Que nas terras maltratava

Maravilha e Freguesia  
Eram os nomes das fazendas  
Onde tudo teve início  
Sem a chance de emenda  
Foi dali que é revolta  
Explodiu numa contenda

Mil oitocentos e trinta e oito  
Foi o ano apontado  
Um escravo acabou morto  
Depois de ser castigado  
Por tentar fugir dali  
Acabou sendo espancado

Na fazenda Maravilha  
Os escravos se juntaram  
E foram mais de 400  
Os que ali se rebelaram  
Foram prontos para fugir  
Como sempre desejaram

Tanta gente organizada  
Possui a liderança  
De um tal Manuel Congo  
Que lutava na esperança

De viver a liberdade  
Com muita perseverança

Mariana estava junto  
E com Manoel fez par  
O casal era tão forte  
Capaz de inspirar  
Que de rei e rainha  
Se fizeram aclamar

Ambos iam liderando  
O seu povo a escapar  
Nas matas se enfiaram  
Para fugir e descansar  
Foi em Santa Catarina  
Que o grupo foi parar

Na Serra da Mantiqueira  
Todos juntos inda estavam  
Quando foram emboscados  
Pelos brancos que atacavam  
E com muita violência  
Suas armas lhes miravam

No entanto Mariana  
Agiu bem dissimulada  
Disse que não era líder  
Que fora influenciada  
E acabou absolvida  
Sem ter sido condenada

Veja só que interessante  
O desfecho dessa história  
Poucos foram os punidos  
E a rainha em sua glória  
Conseguiu salvar sua vida  
E também sua memória

Foi surpresa para muitos  
Porque a fama da rainha  
Era grande atestada  
E até testemunha tinha  
Sua forte liderança  
Era tal qual cambrinha

Mariana então voltou  
Para fazenda foi levada  
Mas duvido que ela tenha  
Vivido tão conformada  
Pois a sua alma livre  
Nunca pode ser domada

Também veja que sucesso  
Que a revolta se mostrou

Pois centenas que fugiram  
E só poucos que se pegou  
É por isso que o esforço  
Muito bem que se pagou

Mariana foi a líder  
Desse feito exemplar  
E ficou para história  
Pela grana de lutar  
Na batalha ou na mentira  
Sua vida quis salvar

Sempre penso Mariana  
Imagino seu final  
Será que depois fugiu?  
Foi de novo a maiorial?  
Qual que seja essa resposta  
Foi rainha e sem igual

E assim como Mariana  
Muitas outras existiram  
Que lutaram e lideraram  
Bravamente resistiram  
Essas heroínas negras  
Na história emergiram

Mesmo que pouco lembrada  
Elas são inspiração  
Pois nos contam a verdade  
Sobre a história da nação  
Onde os negros guerreavam  
pela enfim libertação

Se na escola não se ensina  
E se na tv não mostra  
Eu escrevo esse cordel  
E espalho essa proposta  
Compartilha quem entende  
E quem da verdade gosta

Que Mariana Crioula  
Faça parte da memória  
Para toda a gente negra  
Para toda nossa história  
Que seu nome se espalha  
Pois é nossa essa vitória

A lição é aqui entregar-se  
nunca é uma opção  
Só lutar que muda a vida  
Batalhando em união  
Com o firme objetivo  
De alcançar transformação

Mariana Crioula foi uma escrava brasileira que viveu em Paty do Alferes, Rio de Janeiro. Trabalhava como costureira e mucama e era considerado uma das escravas de confiança da Casa Grande. Em 1838 Mariana participou da maior revolta de escravos do Rio de Janeiro liberada pelo Ferreiro Manuel Congo. Que reuniu cerca de 400 negros de fazendas vizinhas.

A) Que tipo de pesquisa Jarid Arraes teve de fazer para encontrar dados sobre Mariana? Explique.



- B) Você já conhecia a história de MARIANA CRIOLA?
- C) O que a autora quis dizer com os versos "Se na escola não se ensina / E se na tv não mostra"?
- D) Pesquise o que é o vale do café e que cidades fazem parte dessa região.

## ATIVIDADE 2

LEIA O TEXTO ABAIXO E RESPONDA A SEGUIR:

### **COMEÇA FESTA NAS TRADIÇÕES DE RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS E DO CATOLICISMO 27 de setembro é dia de São Cosme e São Damião; nas religiões de matriz africana, dia dos Ibejis**

A devoção aos santos Cosme e Damião no Brasil tem sua principal expressão na festa do dia 26 de setembro. Em alguns terreiros, a celebração tem duração de um mês, iniciando em 27 de setembro (Cosme e Damião) e terminando em 25 de outubro (Crispim e Crispiniano). Nessa data, é ofertado às crianças nas ruas e bairros de algumas cidades no Brasil, de forma mais presente nos estados da Bahia e Rio de Janeiro, os saquinhos de doces e brinquedos distribuídos em homenagem aos santos gêmeos.

No entanto, essa tradição não é mantida somente nas religiões afro-brasileiras. Os adeptos do catolicismo também fazem homenagens e têm devoção a estes santos. É comum, por exemplo, ter nas casas da zona rural altares com imagens de Cosme e Damião, considerados protetores das crianças.

Essas Entidades são seres espirituais mestres nos conceitos do Bem e do Puro (...) Também não admitem a mentira, nem a maldade, trazendo sempre renovações e esperança, reforçando a natureza pura e ingênua dos seres humanos. É a linha que mais cativa as pessoas pelo ar inocente que traz na face do médium. É brincando e rindo que efetuam maravilhosos trabalhos.

Nos terreiros de Umbanda e no Candomblé, a festa de Cosme e Damião é celebrada com muita fartura, alegria, enfeites coloridos, doces, bolos e frutas, tudo organizado com muito axé e seguindo o rito da espiritualidade.

(...)Os grupos transitam por ruas, praças, casas, vilas, igrejas católicas, terreiros de Umbanda e Candomblé, entre outros espaços nos quais a data é festejada. Nesse deslocamento, as crianças percorrem áreas da cidade que não frequentam rotineiramente.

Porém, é muito forte o preconceito que se tem com esta celebração, hoje muito mais pela intolerância religiosa. Associam o ato de oferta a um rito de maldição, impedindo até mesmo das crianças irem às festas nos terreiros, ou simplesmente não receberem os doces neste período.

O caráter festivo do Dia de Cosme e Damião instaura outra temporalidade e altera a dinâmica das relações sociais nas comunidades, levando a uma circulação extraordinária de coisas e pessoas cujo caráter é tanto lúdico quanto religioso, focando as dimensões da reciprocidade, das relações inter-religiosas e dos fluxos urbanos, principalmente nas áreas periféricas onde está a população mais empobrecida.

#### Sincretismo religioso

Considerando o intenso trânsito religioso desses santos, faz-se necessário ressaltar que, conforme a tradição católica, os gêmeos Cosme e Damião teriam sido médicos anárgiros (que não aceitam pagamento), que realizavam curas milagrosas de forma voluntária, praticando a caridade.

Somavam a sabedoria da medicina à cura pela espiritualidade. Nas religiões afro-brasileiras, os pedidos feitos aos Erês sempre são atendidos, mas em recompensa, a pessoa precisa fazer algo de doação para alguém, e se não cumprir a graça pode não ser alcançada.

Os santos passam a estar ligados à infância, considerados protetores não só dos gêmeos, mas das crianças de maneira geral. Em suas estátuas, Cosme e Damião adquiriram formas infantis e um novo personagem foi acrescido à sua imagem, como uma miniatura dos gêmeos, posicionada entre eles. (...)Associados aos orixás e infantilizados, os santos passaram a integrar panteões religiosos diversos, ultrapassando os limites do catolicismo, tomando-se presentes em religiões de matriz africana (Candomblé, Umbanda, Batuque, etc.).

"É uma prática lúdica e religiosa tradicional no Brasil, que pertence à cultura popular brasileira, São Cosme e São Damião são os padroeiros das crianças. Como desde sempre tivemos que esconder nossa espiritualidade, nossos orixás africanos, como no caso dos Ibejis, tiveram que tomar novas formas e assim também é com Cosme e Damião, divindades gêmeas, que contrapõe às normas, a seriedade e autoridade."

Adaptado de: Joiceide 26 de Setembro de 2021 às 14:00 <https://www.brasildefato.com.br/2021/09/26/artigo-comeca-festa-nas-tradicoes-de-religoes-afro-brasileiras-e-do-catolicismo>

A) O texto acima trata de parte da cultura brasileira, uma cultura rica e diversa. Essa diversidade está viva em nosso país e as religiões são um meio central para isso.

RESPONDA QUE INFORMAÇÕES VOCÊ PASSOU A TER A PARTIR DESSA LEITURA, OU SEJA, O QUE É NOVO PARA VOCÊ?

B) FAÇA UMA LISTA DE TODAS AS PALAVRAS QUE VOCÊ DESCONHECE NESSE TEXTO E PROCURE OS SEUS SIGNIFICADOS. VOCÊ DEVE CONSTRUIR UM TIPO DE GLOSSÁRIO COM ELAS.

EXEMPLO:

*IBEJIS - Ibeji são divindades gêmeas. Por serem gêmeos, são associados ao princípio da dualidade; por serem crianças, são ligados a tudo que se inicia e brota: a nascente de um rio, o nascimento dos seres humanos, o germinar das plantas etc.*

### ATIVIDADE 3

#### **NA PANDEMIA, ABRAÇOS DEIXAM DE SER PRESENCIAIS E SE TORNAM VIRTUAIS NO DIA MUNDIAL DO ABRAÇO ESPECIALISTAS DESTACAM A IMPORTÂNCIA DO GESTO**

"O melhor lugar do mundo. É dentro de um abraço", a música da banda mineira Jota Quest fala sobre uma das principais expressões de carinho que é lembrada neste sábado (22): o abraço. A letra continua, e mostra tudo que esse pequeno gesto pode fazer: "Tudo que a gente sofre. Num abraço se dissolve. Tudo que se espera ou sonha. Num abraço a gente encontra".

A presidente da Federação Latino-Americana de Análise Bioenergética (Flaab), Edna Lopes, disse à Agência Brasil que, pensando no abraço de uma forma mais ampla, quando abraçamos alguém, ou quando somos abraçados, "A gente se conecta com o campo afetivo íntimo no corpo de ambas as pessoas. A respiração, o ritmo cardíaco podem se harmonizar em um abraço demorado". Edna explicou que o abraço pode acolher várias emoções, como tristeza e medo. Pode dar limites à raiva; pode ampliar as sensações prazerosas, amorosas, de todo tipo de amor vivido, como amor filial, fraterno, entre casais e até com animais. Para ela, o abraço é a expressão do vínculo que nós estabelecemos com as pessoas, mas também com tudo que está no mundo, com tudo que nos envolve.

Sinais corporais

A professora do Instituto de Psicologia (IP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Edna Ponciano, explicou à Agência Brasil que a experiência emocional é toda manifestada por sinais corporais que indicam se o que a pessoa está vivendo é bom ou ruim. "Nesse sentido, o abraço entra como uma forma de sinalizar que uma coisa boa está acontecendo". Destacou que isso se refere ao abraço consensual, em que há consentimento de ambas as partes e que vai comunicar um bem-estar.

De acordo com Edna Ponciano, desde bebê, o ser humano tem diversas sensações afetivas e, embora não possa falar, seu corpo já se expressa e o adulto que cuida já percebe essa expressão. À medida que vai crescendo, o bebê demonstra tristeza, alegria, raiva. "E o abraço entra em todas essas situações, no sentido de propiciar um conforto para a intensidade da experiência emocional que ocorre no corpo. Os bebês são acalentados no abraço". A criança sente o corpo do adulto que o acalenta, como já sendo um abraço.

O que gera essa sensação de calma é o nervo vago, que vai subindo desde a parte baixa da barriga, como ramos que não têm uma linearidade clara, e vão se espalhando, passando pelas vísceras, estômago, coração, laringe, faringe e pulmão.

O abraço faz parte do comportamento dos brasileiros que, agora, no distanciamento social, inventam meios de se tocar com os cotovelos ou mãos fechadas. "É uma característica cultural. Mas nada substitui o abraço, porque não toca o nervo vago e não dá aquela sensação de calma", assegurou Edna Ponciano.

Ato de afeto

Os psicólogos da Eurekka, centro de distribuição de empresas emergentes, focado em saúde e bem-estar, com forte atuação em psicoterapia e medicina, comentam a importância do abraço, ato de afeto que pode diminuir sintomas como depressão, pânico, solidão, abandono, entre outros sentimentos que têm abalado emocionalmente a população.

Para o psicólogo Henrique Souza, cofundador da Eurekka, embora se saiba que o cenário atual tem afastado pessoas e provocado uma série de problemas psicológicos, a demonstração de carinho continua sendo muito importante, principalmente entre famílias, crianças e idosos. Na sua avaliação, abraçar

alguém na pandemia não significa apenas o contato físico. Essa ação pode acontecer de diversas formas, desde indagar se a pessoa está bem até ajudar em algo que ela precise.

"Existem várias formas de abraçar uma pessoa. Você pode começar se envolvendo na causa dela, perguntando se ela está bem, se precisa de algo para aquela semana, se os familiares dela estão bem. Pode fazer uma chamada de vídeo para estabelecer mais contato ou até mesmo dar suporte para algo que aquela pessoa precisa naquela semana, como ir à farmácia, mercado, padaria, e poupar o outro da exposição", destacou Souza.

Adaptado de: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-05/na-pandemia-abracos-deixam-de-ser-presenciais-e-se-tornam-virtuais> Acesso em 28/09/2021.

- A) Você já havia reparado na importância dos abraços?
- B) Uma das funções das pesquisas é entender os benefícios e malefícios presentes na sociedade, segundo o texto, os abraços se encaixam em que tipo? Por quê?
- C) Observe a sua volta e o seu cotidiano, que atitude das pessoas a sua volta faz com que você se sinta melhor em tempos de pandemia?
- D) Como estamos fechando o ano, gostaria que você pensasse nos seus planos para 2022. O que você espera desse novo ano que já bate a porta? Que "abraços", ou melhor, que alegrias você espera ter?

---

*Desejo a você um fim de bimestre ótimo, realizando todas as atividades  
e entregando no prazo, ok?!*

*E lógico, um abraço apertado com desejos de felicidade e novas  
descobertas para 2022!*

